

Raquel Zanatta Coutinho

**A carne é fraca: religião, religiosidade e
iniciação sexual entre estudantes do
Ensino Médio na Região Metropolitana de
Belo Horizonte, 2008**

Belo Horizonte, MG
UFMG/Cedeplar
2011

Raquel Zanatta Coutinho

A carne é fraca: religião, religiosidade e iniciação sexual entre estudantes do Ensino Médio na Região Metropolitana de Belo Horizonte, 2008

Dissertação apresentada ao curso de Pós-Graduação em Demografia do Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional da Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do Título de Mestre em Demografia.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Paula Miranda-Ribeiro
Co-orientadora: Prof^a. Dr^a. Carla Jorge Machado

Belo Horizonte, MG
Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional
Faculdade de Ciências Econômicas - UFMG
2011

Folha de Aprovação

Aos meus pais, Marcelo e Maria Teresa, que me ensinaram a respirar ciência, acreditar no potencial da juventude e poder contar com a fé.

Ao meu noivo, Luís Otávio, pelo companheirismo, o amor e a alegria da sua presença, que, apesar da distância física, nunca se fez ausente.

AGRADECIMENTOS

São muitas as pessoas a quem eu quero agradecer, não somente pela ajuda ou o suporte durante a execução deste trabalho, mas por se fazerem presentes na minha vida. Eu sinto que sou um pouquinho de cada uma.

Ao pessoal do Departamento de Comunicação Social da UFMG, Anderson Ribeiro, Bruno Leal, Carlos Alberto Carvalho (UFOP), Coca Fonseca, Elton Antunes, Enderson Cunha, Lucas Creek e ao pessoal da turma de 2003/02, agradeço o apoio quando mudei de departamento e a empolgação coletiva a cada nova conquista. Agradeço ao jornalista e primo Ricardo Coutinho, primeira pessoa a apostar em mim profissionalmente. Nunca vou esquecer o que fez por mim. Agradeço ao tio e jornalista Carlos Eduardo Zanatta, que deixou comigo sua paixão pela justiça.

Ao pessoal do Cedeplar, que me recebeu de braços abertos. Meu agradecimento aos funcionários, por terem cuidado com tanto carinho e disposição de pequenos e grandes detalhes que a gente sempre acaba se esquecendo: Ana Paula Pyló (Abep), Andréa Miranda, Cleusa Costa, Maria Cecília Neto, Nazaré Fernandes e Sebastião Guedes. Agradeço ao pessoal da informática, do xerox, da limpeza e dos serviços gerais, sem os quais a Face não funcionaria.

À pesquisadora e agora professora Ana Paula Verona, que gentilmente parava tudo o que estava fazendo para tirar minhas dúvidas. Ela dividiu comigo não apenas o seu conhecimento sobre religião, mas o desejo de fortalecer essa temática na demografia.

Aos monitores das disciplinas: Cristiane Corrêa, Everton Lima, Francismara Silva, Marcos Gonzaga, Marília Miranda e Pamila Siviero. Agradeço, especialmente, às alunas do doutorado Luciana Lima e Marília Miranda, cuja ajuda, que procurei sempre de maneira emergencial, foi essencial para a execução deste trabalho. Obrigada por traduzirem os termos mais difíceis da estatística, pela boa vontade e disponibilidade em ajudar e por me manterem calma em momentos tão difíceis.

Outros colegas também trouxeram graça e simpatia nos momentos de sufoco: Elaine Machado (Medicina/UFGM), Izabel Marri, Julio Romero, Luciene Longo, Ricardo Ojima (Nepo/Unicamp) e Serafim Alberto.

Meu agradecimento aos professores, que não mediram esforços para garantir a qualidade do ensino. Nunca aprendi tanto e em tão pouco tempo. Alisson Barbieri, Bernardo Queiroz, Carla Machado, Cássio Turra, Cibele Comini, Dimitri Fazito, Eduardo Rios-Neto, Fausto Brito, Ignez Perpétuo, Irineu Rigotti, José Alberto Magno de Carvalho, Laura Wong, Moema Fígoli, Paula Miranda-Ribeiro, Roberto do Nascimento Rodrigues e Simone Wajnman: obrigada pelo carinho, pela minha formação (tanto no mestrado, quanto nas disciplinas que cursei durante a graduação), pela disponibilidade de cada um durante as aulas ou mesmo após o fim das disciplinas, pela construção de um ambiente sadio e agradável em prol do conhecimento. Em especial, agradeço aos professores Cássio e Dimitri, que colaboraram com sugestões para o projeto inicial desse trabalho. Também agradeço aos professores que colaboraram com críticas ao pré-projeto durante as apresentações abertas e aos professores Alisson, Cássio, Eduardo, Laura e Paula, por terem me ajudado com outras coisas da vida. Eu tenho muito orgulho de carregar o Cedeplar no meu coração e, agora, no meu currículo.

Aos meus colegas de coorte, Beatriz Rios, Daylin Javique (companheira querida), Flávia Amorim, Gabriela Bonifácio, Helena Castanheira, João Manguê, Jorge Colina, Juliana Rodriguez, Lilian Valim, Luana Myrrha, Luciana Lima, Mariana Oeyen, Marília Borborema, Natália Sales, Pamila Siviero, Raquel Viana, Rodrigo Zacharias, Sulma Marcela Ramirez e Vânia Cândida pela amizade e o frescor de me deixarem entrar em contato com novas vidas. Obrigada pelo suporte moral e por terem sido excelentes marinheiros no mesmo barco.

Ao CNPq, pelo financiamento dos meus estudos. Ao Lula, que investiu com seriedade no ensino e na pesquisa.

Agradeço imensamente à professora Elzira de Oliveira (UFF) e novamente à professora Ana Paula Verona (Cedeplar) por terem aceitado o nosso convite para fazer parte da banca de defesa desta dissertação. As sugestões e apontamentos foram excelentes e contribuíram em muito para o término deste trabalho e a qualidade da versão final.

Aos meus amigos de Austin que torceram de longe: Ann Cabot, Eirik Saethre (University of Hawaii), Marta e Jose Luis Escobar, Nidia Delgado, Beth Cordova, Renata Morato, Letícia Marteleto e Fernando Lara. Em especial, aos professores Joseph E. Potter e Kristine Hopkins (University of Texas at Austin), pela oportunidade que me deram de trabalhar e aprender. Serei eternamente grata. Às minhas amigas do Brasil, que entenderam minha ausência e meu estresse: Ângela Azevedo, Cláudia Mendonça, Gerusa Maia, Lara Gohn, Jamila Alvarenga, Lucilla Brandão, Márcia Romano (obrigada também pelas correções ortográficas neste texto), Marina Mattos, Thays Prado e Sofia Lopes.

Ao amigo e professor Carlos Gohn (Letras/UFMG), que mesmo de férias na Argentina me ajudou com o inglês. À amiga e professora Maria Ignez Moreira (Pituxa) (PUC-MG), pelas tantas dicas que me deu ao longo dos anos sobre a vida acadêmica e pessoal. Ao amigo e professor André Golgher (Cedeplar/UFMG), pela ajuda com a tradução dos métodos quantitativos que passaram pelo meu caminho.

À Jânia (Ná) Pereira, por tomar conta das tarefas domésticas e ter feito sobrar mais tempo para a dissertação.

Aos amigos Milsy Teixeira e Itamar Passos, Milton Rodrigo, Thaisa e Leonardo Teixeira Passos e Aline Ferreira. Obrigada pelo carinho, pela enorme ajuda e por entender a vida que escolhemos.

Aos meus familiares. Meus avós Maria Célia e Venícius Coutinho, obrigada por entender minha ausência, pelas comidinhas, pousos e caronas, e por comemorarmos juntos cada vitória. Aos meus avós Mariinha e José Zanatta, que teriam gostado de saber que o jovem que reza transa mais tarde. Quanta saudade!

Aos meus tios e tias, primos e primas, sempre tão carinhosos. Em especial: ao Pedro e à Bia Marques, nossos maiores presentes. E aos tios: João Batista Libanio, pelas aulas sobre teologia, fé, religião e religiosidade. Ana Maria Coutinho, pelos livros sobre religião. Paulo Roberto Zanatta, pelas fórmulas matemáticas no Excel. Cecília Zanatta, pela leitura cuidadosa na minha dissertação. Antônio Solé-Cava, pelos papos acadêmicos.

Agradeço à minha co-orientadora, Carla Jorge Machado, pela dedicação à minha orientação, pelo seu bom humor, energia, preocupação, suas correções minuciosas e a disponibilidade 24 horas por dia e 7 dias na semana para me orientar, apesar de ter uma agenda tão comprometida e um pós-doc em andamento.

Agradeço a todos os pesquisadores e aplicadores da Pesquisa Jovem, especialmente ao Agésilau Almada, à Adriana Vieira e à Vanessa Franceschini. Agradeço muito aos alunos da rede estadual de ensino da Região Metropolitana de Belo Horizonte que gastaram tempo preenchendo os longos questionários da pesquisa. Lendo os comentários ao final, pude perceber que a maioria gostou de participar da pesquisa, porém alguns não se sentiram à vontade com as perguntas “indiscretas”. Sinto a responsabilidade de ter nas mãos informações confidenciais e fico muito feliz em confirmar que cada jovem é uma história, e que, juntas, elas me fornecem a história do coletivo. Tenho muita alegria em poder contá-la.

Agradeço, então, a confiança da professora Paula Miranda-Ribeiro em me entregar material tão rico. Mas tenho que destacar que certa vez ela já deixou em minhas mãos, por vários dias, os seus bens mais preciosos: Alice e Hugo. Para mim não existe prova maior de que confia em mim e no meu bom senso. À Paula agradeço imensamente pelo carinho, pelos conselhos que sempre iam além da dissertação, pela leveza e a delicadeza com as quais conduzia cada reunião, pelas correções tão cuidadosas, pela amizade construída ao longo dos anos e principalmente por ter sido mais que uma orientadora de dissertação, mas uma mentora para a minha carreira e um modelo de profissional honesta, amiga de todos e dedicada.

Ao meu irmão Estevão Zanatta Coutinho, que me presenteia com sessões de risadas, obrigada por encher a nossa casa de alegria quando nos visita. À minha cunhada Marília Nogueira, pela delicadeza, pelo incentivo para fazer atividade física e por ter trazido um mundo diferente para nossas vidas.

Agradeço aos meus pais, Marcelo Libanio Coutinho e Maria Teresa Zanatta Coutinho, que nunca pouparam esforços para deixar a minha vida e a de tantas outras pessoas confortável e alegre. Agradeço cada coisinha que fizeram por mim: o pão nosso de cada dia, o apoio incondicional, o interesse legítimo no meu objeto de estudo, as massagens, a leitura do meu texto, as comidinhas, por emprestar o carro, entre tantas outras. Agradeço por acreditarem e apostarem nos meus sonhos e pelas lições de convívio em harmonia, amor e respeito. Obrigada por me ensinar no berço o rigor científico, acadêmico e profissional. Vocês são minha inspiração.

Ao meu noivo, Luís Otávio Teixeira Passos, que ao multiplicar minhas alegrias acabou dividindo o meu estresse, agradeço pelo apoio, por acudir meus choros e por me deixar fazer parte da sua vida linda. A sua música embalou cada palavra desta dissertação. Enquanto eu escrevia de cá, ele compunha de lá. Nas palavras, nos números e nas notas musicais encontrávamos as respostas à nossa saudade.

Às deusas e aos deuses que existem em todos os lugares e que sempre sopram no meu ouvido que quando a intenção é boa, o universo abençoa.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

Add Health – National Longitudinal Study of Adolescent Health

Aids – Acquired Immunodeficiency Syndrome

ASJ – Associação do Senhor Jesus

ATLA – American Theological Library Association

Audio-CASI – Audio-enhanced, computer-assisted self-interviewing

BEMFAM – Pesquisa Nacional sobre Demografia e Saúde

Cat. Esp. – Católicos(as) Esporádicos(as)

Cat. Prat. – Católicos(as) Praticantes

CEB – Comunidades Eclesiais de Base

Cedeplar – Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional

CNBB – Conferência Nacional dos Bispos do Brasil

DHS – Demographic and Health Surveys

DST – Doença Sexualmente Transmissível

GDHS – Ghana Demographic and Health Survey

HIV – Human Immunodeficiency Virus

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IDH – Índice de Desenvolvimento Humano

IDH-M – Índice de Desenvolvimento Humano Municipal

IURD – Igreja Universal do Reino de Deus

JAC – Juventude Agrária Católica

JEC – Juventude Estudantil Católica

JIC – Juventude Independente Católica

JOC – Juventude Operária Católica

JSTOR – Journal Store

JUC – Juventude Universitária Católica

NCHS – National Center for Health Statistics

NLSY – National Longitudinal Surveys of Youth

NSFG – National Survey of Family Growth

NSYR – National Survey of Youth and Religion

OMS – Organização Mundial de Saúde

PDF – Portable Document Format

PIB – Produto Interno Bruto

PNDS – Pesquisa Nacional de Demografia e Saúde da Criança e da Mulher

PPT – Probabilidades Proporcionais ao Tamanho

Prot. Hist. Esp. – Protestantes Históricos(as) Esporádicos(as)

Prot. Hist. Prat. – Protestantes Históricos(as) Praticantes

Prot. Neo. Esp. – Protestantes Neopentecostais Esporádicos(as)

Prot. Neo. Prat. – Protestantes Neopentecostais Praticantes

Prot. Pent. Esp. – Protestantes Pentecostais Esporádicos(as)

Prot. Pent. Prat. – Protestantes Pentecostais Praticantes

RBS – Revisão Bibliográfica Sistemática

RCC – Renovação Carismática Católica

RMBH – Região Metropolitana de Belo Horizonte

SciELO – Scientific Electronic Library Online

Sedese – Secretaria de Estado de Desenvolvimento Social e Esportes de Minas Gerais

SPSS – Statistical Package for the Social Science

TEF – Taxa Específica de Fecundidade

TFT – Taxa de Fecundidade Total

UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	1
2	RELIGIÃO, RELIGIOSIDADE E INICIAÇÃO SEXUAL	7
2.1	Como ocorre a influência da religião/religiosidade	11
3	HISTÓRICO DAS PRINCIPAIS RELIGIÕES NO BRASIL.....	15
3.1	Catolicismo no Brasil.....	16
3.2	Protestantismo Histórico no Brasil	20
3.3	Pentecostalismo clássico no Brasil	22
3.4	Neopentecostalismo no Brasil.....	25
4	RELIGIÃO COMO FATOR ASSOCIADO À INICIAÇÃO SEXUAL	27
4.1	Revisão Bibliográfica Sistemática (RBS) da religião como fator associado à iniciação sexual.....	27
4.1.1	Metodologia da RBS.....	28
4.1.2	Descrição da RBS.....	37
4.1.3	Classificações encontradas na RBS para religião e religiosidade	39
4.1.4	Resultados encontrados na RBS.....	511
4.1.5	Considerações metodológicas para estudos sobre religião e sexualidade adolescente	61
4.2	Outros fatores associados à iniciação sexual na adolescência.....	68
5	MATERIAL E MÉTODOS	72
5.1	Dados.....	72
5.2	Variáveis	77
5.2.1	Variável dependente (binária).....	78
5.2.2	Variável independente de interesse.....	78

5.2.3 Variáveis independentes selecionadas.....	84
5.3 Procedimentos	86
5.3.1 Estatística Descritiva.....	86
5.3.2 Regressão Logística	87
6 RESULTADOS	92
6.1 Análise Quantitativa Descritiva.....	92
6.2 Análise de Regressão Logística Univariada.....	123
6.3 Análise de Regressão Logística Multivariada.....	136
7 DISCUSSÃO E CONSIDERAÇÕES FINAIS	144
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	152

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1. Apresentação esquemática dos artigos incluídos e excluídos na revisão sistemática, Fase 1, 2 e 3.....	31
QUADRO 1. Artigos selecionados na revisão sistemática, Fase 2, de acordo com autores, ano de publicação e país onde foi realizado (n=80)	33
QUADRO 2. Artigos selecionados na revisão sistemática, Fase 4, de acordo com autores, ano de publicação, país pesquisado, natureza principal do estudo (empírico, teórico, crítica), se mostra relação entre filiação religiosa e iniciação sexual, se mostra relação entre frequência de ida à igreja ou participação na igreja e iniciação sexual, base de dados utilizada, sexo pesquisado, metodologia ou método, amostra (n; faixa etária) e nome do artigo (n=55)	35
QUADRO 3: Formas de se classificar denominação/filiação religiosa segundo artigos selecionados na Revisão Bibliográfica Sistemática, 2010.....	41
QUADRO 3.1: Formas de se classificar religiosidade segundo artigos selecionados na Revisão Bibliográfica Sistemática, 2010.....	46
FIGURA 2: Mapa da Região Metropolitana de Belo Horizonte e indicação das cidades selecionadas para a aplicação dos questionários da Pesquisa Jovem.....	74
QUADRO 4: Características gerais dos municípios selecionados na RMBH para a aplicação dos questionários da Pesquisa Jovem.	75
QUADRO 5: Nova denominação religiosa segundo filiação religiosa no questionário e resposta aberta fornecida pelo respondente, RMBH, 2008.....	80
TABELA 1: Frequências das categorias de participação religiosa segundo sexo, municípios selecionados da RMBH, 2008.	92
TABELA 2: Proporção de pessoas na amostra segundo participação religiosa e proporção de pessoas segundo nível de envolvimento religioso por participação religiosa, municípios selecionados da RMBH, 2008.....	93
TABELA 3: Tamanho amostral, porcentagem de pessoas sexualmente iniciadas e média e desvio padrão da idade à entrevista e à primeira relação sexual, feminino e masculino, 2008.	95
TABELA 4: Porcentagem sexualmente iniciada segundo idade à entrevista e sexo, municípios selecionados da RMBH, 2008.....	96

TABELA 5: <i>Odds ratio</i> de já ser iniciado sexualmente e de ter tido alto grau de motivação para a primeira relação sexual segundo sexo, municípios selecionados da RMBH, 2008.....	97
TABELA 6.1: Distribuição relativa das categorias de resposta das variáveis de religião e religiosidade, segundo participação religiosa, feminino, 2008	99
TABELA 6.2: Distribuição relativa das categorias de resposta das variáveis de religião e religiosidade, segundo participação religiosa, masculino, 2008.....	100
TABELA 7.1: Distribuição relativa das categorias de resposta das variáveis sociodemográficas e de domicílio, segundo participação religiosa, feminino, 2008.....	103
TABELA 7.2: Distribuição relativa das categorias de resposta das variáveis sociodemográficas e de domicílio, segundo participação religiosa, masculino, 2008 ..	105
TABELA 8.1: Distribuição relativa das categorias de resposta das variáveis educacionais, segundo participação religiosa, feminino, 2008.....	109
TABELA 8.2: Distribuição relativa das categorias de resposta das variáveis educacionais, segundo participação religiosa, masculino, 2008	110
TABELA 9.1: Distribuição relativa das categorias de resposta das variáveis de estilo de vida e experiências individuais, segundo participação religiosa, feminino, 2008	113
TABELA 9.2: Distribuição relativa das categorias de resposta das variáveis de estilo de vida e experiências individuais, segundo participação religiosa, masculino, 2008..	114
TABELA 10.1: Distribuição relativa das categorias de resposta das variáveis de sexualidade, segundo participação religiosa, feminino, 2008.....	118
TABELA 10.2: Distribuição relativa das categorias de resposta das variáveis de sexualidade, segundo participação religiosa, masculino, 2008	121
TABELA 11: <i>Odds ratio</i> da análise univariada de fatores associados à iniciação sexual adolescente, feminino e masculino, RMBH, 2008.....	124
TABELA 12: <i>Odds ratio</i> da análise multivariada de fatores associados à iniciação sexual adolescente, feminino, RMBH, 2008.....	137
TABELA 13: <i>Odds ratio</i> da análise multivariada de fatores associados à iniciação sexual adolescente, masculino, RMBH, 2008.	140

RESUMO

Este estudo investiga a associação entre religião, religiosidade e iniciação sexual de adolescentes de 15 a 19 anos, homens e mulheres, estudantes do Ensino Médio de escolas estaduais, selecionadas nos municípios mineiros de Ribeirão das Neves, Belo Horizonte, Pedro Leopoldo e Esmeraldas. Os dados analisados neste trabalho advêm da segunda rodada da primeira coorte da pesquisa amostral longitudinal “Pesquisa Jovem”, que foi financiada pela Secretaria de Estado de Desenvolvimento Social e Esportes de Minas Gerais (Sedese) e conduzida pelo Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional da Universidade Federal de Minas Gerais (Cedeplar/UFMG) em novembro de 2008.

Foram comparadas algumas características sociodemográficas, educacionais, de estilo de vida e de sexualidade – incluindo iniciação sexual – de acordo com a participação religiosa (a qual combina denominação religiosa e frequência de participação nas atividades da igreja) de homens e mulheres (n=2658). As mesmas características foram, mais tarde, verificadas como fatores associados à iniciação sexual. As análises incluem estatísticas quantitativas descritivas e modelos de regressão logística univariados e multivariados.

Os resultados das análises indicam forte associação entre filiação religiosa, frequência de ida aos cultos e celebrações reportada pelo respondente e iniciação sexual. Apesar da chance da iniciação sexual ser maior entre os não praticantes, a proporção de mulheres e homens que informam já ter tido relação sexual é bastante elevada, mesmo entre aqueles que se dizem praticantes da sua religião. Comparados com aqueles que se autodenominam sem religião, os protestantes históricos e pentecostais praticantes, independente de sexo, assim como católicas praticantes, têm menores chances de ter se iniciado sexualmente. Os resultados também revelam que as mulheres se iniciam, em média, mais tarde que os homens, e há intensa representação dos papéis tradicionais de gênero.

Palavras-chave: iniciação sexual, religião, religiosidade, adolescência, Região Metropolitana de Belo Horizonte, Brasil.

ABSTRACT

This study aims at investigating the association among religion, religiosity, and sexual initiation of adolescents, 15-19 years-old, male and female, high school students in public state schools. Data come from the first cohort, second wave of the longitudinal survey “Pesquisa Jovem”, funded by the Secretaria de Estado de Desenvolvimento Social e Esportes de Minas Gerais (Sedese), and conducted by the Demography Department of the Universidade Federal de Minas Gerais (Cedeplar/UFMG) in 2008. The participating schools were selected in four cities in the state of Minas Gerais: Ribeirão das Neves, Belo Horizonte, Pedro Leopoldo, and Esmeraldas.

Several characteristics (sociodemographic, educational, life style, and sexuality, including sexual initiation) were compared, according to their religious participation, a combination of religious affiliation and church attendance (n=2658). The association between religion, religiosity, and sexual initiation was tested after controlling for those same characteristics. Analyzes include descriptive statistics, as well as univariate and multivariate logistic regression models.

Results indicate strong association between religious affiliation, church attendance, and sexual initiation. Although sexual initiation is more frequent among adolescents who go to church only sporadically, the proportion who report having had sexual intercourse is high, even among the churchgoers. If compared to those who have no religious affiliation, committed Mainline Protestant and Pentecostal, males and females, as well as committed Catholic females are less likely to have had their first sexual intercourse. Results also indicate that the female sexual onset is usually at older ages if compared to that of the male, and there is intense gender representation.

Keywords: sexual initiation, religion, religiosity, adolescence, Região Metropolitana de Belo Horizonte, Brazil.

1 INTRODUÇÃO

Do ponto de vista das ciências sociais, mais do que um marcador etário ou marcadores biológicos que levam um corpo infantil a se tornar adulto, a adolescência é uma fase na qual o ser humano experimenta as transições que o levam das desobrigações da infância para as responsabilidades da vida adulta. Trata-se de ritos de passagem, socialmente construídos: a conclusão dos estudos, a entrada no mercado de trabalho, a saída da casa dos pais e o início da conjugalidade (Heilborn et al, 2006), não necessariamente nessa ordem e ao mesmo tempo.

Durante a adolescência, a vivência da sexualidade com o parceiro é um dos ritos. A cultura sexual do grupo no qual o jovem está inserido serve como balizadora do aprendizado sexual, que vai além do conhecimento prático sobre relações sexuais, mas também “constitui-se na familiarização de representações, valores, papéis de gênero, rituais de interação e de práticas, presentes na noção de cultura sexual” (Heilborn et al, 2006, p. 35).

O debate sobre iniciação sexual na adolescência tem feito aflorar pesquisas nas mais diversas áreas científicas, como as ciências médicas e sociais¹. Muito é pesquisado sobre as suas possíveis consequências, a principal delas sendo a gravidez na adolescência, tratada muitas vezes como “problema social”. Ser mãe na adolescência tem sido relacionado com atrasos educacionais, gravidezes de alto risco, atrasos na realização de exames pré-natais, abortos espontâneos, prematuridade e baixo peso do bebê, que podem levar ao aumento da mortalidade infantil e materna (Camarano, 1998; Souza, 1998).

¹Após a Conferência de População de Bucareste, em 1974, vários estudos sobre sexualidade começaram a tomar forma (Odimegwu, 2005). Especialmente após os anos de 1980, a sexualidade dos jovens ganhou muito destaque, sempre abordando o risco da Aids e da gravidez na adolescência (Rios et al, 2008).

Os resultados das pesquisas também apontam para uma imaturidade psicológica do jovem, que seria ignorante, irresponsável e inconsequente, ao mesmo tempo em que seria vítima de uma erotização sexual causada pela intensa exposição sexual na mídia, da falta de autoridade e de diálogo com seus pais, e também vítima da evolução negativa dos costumes. Neste escopo, a gravidez é tida como indesejada, suas consequências são pesquisadas sob a ótica da mulher e o sexo pré-marital na adolescência ainda não é tratado como parte de uma mudança maior nos valores sexuais, mas como uma aberração, um comportamento desviante (Heilborn et al, 2006).

No que diz respeito à iniciação sexual, a primeira relação sexual das mulheres brasileiras tem acontecido cada vez mais cedo. Os dados da PNDS 2006² indicam que, entre 15 e 19 anos, 55,2% das jovens já haviam tido a primeira relação sexual, porcentagem muito mais alta que a registrada na BEMFAM 1996³, que mostrava uma cifra equivalente a 32,8%. A idade mediana à primeira relação sexual registrada em 1996, 19,5 anos, caiu para 17 anos em 2006 (BEMFAM, 1996; BRASIL, 2009). Cerqueira-Santos et al (2010), em um estudo sobre gravidez na adolescência no Brasil, descobriram diferença significativa na idade média à primeira relação sexual por sexo, sendo de 13,6 anos para os homens e de 14,8 anos para mulheres⁴.

As jovens do município de Belo Horizonte não diferem das jovens brasileiras. Simão (2005), comparando duas coortes de mulheres da capital mineira em 2002, a partir dos dados da SRSR⁵, verificou uma diferença de três anos na idade mediana à primeira relação sexual entre a coorte mais nova (20 a 24 anos), que teve sua primeira relação

² Pesquisa Nacional de Demografia e Saúde da Criança e da Mulher (2006).

³ Pesquisa Nacional sobre Demografia e Saúde (1996).

⁴ A iniciação sexual masculina precede a feminina na América Latina, em parte da Ásia e nos países europeus com cultura latina (Tavares et al, 2009). Uma hipótese é o fato de os homens não terem marcador biológico da entrada na vida adulta, como é a menarca para as mulheres. Assim, se iniciam para mostrar à sociedade que estão adentrando o mundo adulto (Cerqueira-Santos et al, 2010; Nascimento e Gomes, 2009).

⁵ Saúde Reprodutiva, Sexualidade e Raça/Cor (2002).

sexual aos 18 anos, e a coorte mais velha (50 a 59 anos), cuja idade mediana à primeira relação havia sido de 21 anos.

Ao mesmo tempo em que cai a idade à primeira relação sexual, o Brasil enfrenta, desde os anos 1960, queda na sua Taxa de Fecundidade Total (TFT), visto que o número médio de filhos por mulher passou de 2,5 em 1996 para 1,8 em 2006, e continua em trajetória descendente, com clara mudança no padrão da curva da fecundidade⁶, que se tornou mais jovem, com as mulheres encerrando sua parturição na primeira metade do seu período reprodutivo. Assim, as Taxas Específicas de Fecundidade (TEF) na adolescência (15-19) e na fase adulta jovem (20-24) ganharam importância na medida em que aumentavam gradativamente a sua participação relativa na TFT (Berquó & Cavenaghi, 2005; Leite et al, 2004; Costa et al, 2005; McKinnon et al, 2008). Além do aumento na participação relativa, houve, a partir dos anos 1990, aumento das taxas específicas de fecundidade de jovens de 15 a 19 anos. Dados das PNDS revelam que essa taxa específica de fecundidade passou de 74 nascimentos por mil mulheres, em 1986, para 86 em 1996, apesar de um leve declínio para 83 por mil, em 2006 (Verona, 2010). Já que a fecundidade total declinou e se tornou mais expressiva em idades jovens e em mulheres não unidas, a gravidez na adolescência, que sempre existiu, ganha visibilidade e interesse científico (Longo, 2001).

O que esses números refletem, no entanto, é que o Brasil, assim como outros países da América Latina, enfrentou mudanças nas suas normas e valores relacionados à sexualidade da mulher, desvinculando a atividade sexual do casamento e da reprodução. A sexualidade pré-conjugal, que há décadas se tornou permitida e de certa maneira incentivada aos homens, passa a ser, também, um direito da mulher (Heilborn et al, 2006), que começa a exercê-lo em idades cada vez mais juvenis.

Dado que os parceiros são, em geral, mais velhos que as mulheres em todos os primeiros eventos, desde o primeiro beijo até a primeira união, relações sexuais em idades mais precoces podem acarretar perdas no poder de negociação e autonomia de

⁶Para informações sobre a queda da fecundidade no Brasil, ver Caetano, 2004.

decisão tanto em relação à iniciação sexual quanto à contracepção (Longo, 2001). Na pesquisa da autora, a primeira relação sexual foi, em média, aos 15,3 anos para as mulheres, com parceiros que tinham, em média, 19,6 anos de idade. Já a desigualdade de gênero nas relações sexuais na adolescência, assim como a estigmatização do jovem, podem levar ao aumento da vulnerabilidade a violência, HIV/Aids e outras infecções sexualmente transmissíveis (Berquó & Cavenaghi, 2005).

O que se sabe é que a adolescência se tornou uma fase, ou uma trajetória, que não pode ser generalizada ou enxergada como experiência única. Apesar de existir singularidades, é necessário, para fins de pesquisa, impor um limite àquilo que é pesquisado. Há uma discussão na literatura brasileira com respeito às diferenças entre adolescência e juventude, suas definições e limites (Rohden et al, 2005). Apesar de o Estatuto da Criança e do Adolescente (Brasil, 1990) classificar como adolescente a pessoa entre 12 e 18 anos, optou-se por utilizar a definição da Organização Mundial de Saúde (OMS), na qual a adolescência se estende até os 19 anos. Além disso, mesmo sabendo que no Brasil um jovem de 18 anos é diferente de um jovem de 17 anos, classificar como adolescentes os menores de 18 e adultos os que podem responder judicialmente por seus atos levaria o leitor a pensar que as consequências advindas do ato sexual, como doenças ou gravidezes, deixariam de ter interesse científico a partir da maioridade. Neste trabalho, jovens e adolescentes, assim como juventude e adolescência, são utilizados como termos análogos.

É necessário reconhecer, ainda, que os considerados “problemas da juventude”, como o uso de álcool, cigarro e a prática de relações sexuais, são comportamentos socialmente aceitos no mundo dos adultos. “Mesmo sem ser socialmente sancionado, é razoável pensar que eles [comportamentos] são também prazerosos para os adolescentes” (Udry & Bearman, 1998).

Na procura por fatores associados à iniciação sexual, existe uma diversidade de circunstâncias e desdobramentos. Tamanha é a variedade de histórias, que muitas variáveis aparecem em estudos como fatores associados à iniciação sexual na adolescência; esses fatores são como forças contrárias que agem no jovem de modo a

influenciá-lo nas suas decisões e reduzir os custos associados com a perda da virgindade (Billy et al, 1994). A teoria da desorganização social revela que fatores como urbanização, educação, exposição à mídia de massa, secularização, assim como o adiamento do casamento e a falta de supervisão dos filhos levaram a um aumento da permissividade sexual entre os jovens, que culminou na queda à idade da primeira relação sexual, que por sua vez se tornou majoritariamente pré-marital (Addai, 2000).

Independente do conjunto de fatores, a questão se agrava entre jovens de baixa renda, com alto risco social, vivendo em municípios urbanos com baixo Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), elevados índices de criminalidade e altas taxas de evasão e repetência escolar. Estudo feito no final dos anos 1990 em três comunidades revela que, entre as adolescentes de menor *status* socioeconômico, as gravidezes geralmente ocorriam logo após o início da vida sexual e eram, em sua maioria, não planejadas. Nestas comunidades, a religião (católica e protestante) parece ter sido um dos poucos mecanismos institucionais capazes de deter o avanço das gravidezes precoces (Miranda-Ribeiro & Potter, 2010).

O presente estudo tem o objetivo de investigar a associação entre religião, religiosidade e iniciação sexual dos adolescentes (de 15 a 19 anos), homens e mulheres, estudantes do Ensino Médio de escolas estaduais nos municípios mineiros de Ribeirão das Neves, Belo Horizonte, Pedro Leopoldo e Esmeraldas, contribuindo para a literatura sobre a sexualidade adolescente. Foram comparadas algumas características sociodemográficas, educacionais, de estilo de vida e de sexualidade – incluindo iniciação sexual – de acordo com a participação religiosa (variável que combina denominação religiosa e frequência de participação nas atividades da igreja) de homens e mulheres (n=2658). As mesmas características foram, mais tarde, verificadas como fatores associados à iniciação sexual.

As análises desta dissertação incluem estatísticas descritivas e modelos de regressão logística univariados e multivariados. Primeiramente, foi feita uma análise descritiva dos jovens, por sexo e participação religiosa, descrevendo-os com respeito às variáveis independentes selecionadas, e gerando duas tabelas descritivas, uma para cada sexo,

com porcentagens simples e testes estatísticos de significância utilizando o teste de qui-quadrado de Pearson. Com a regressão logística binária univariada foi possível procurar diferenciais em iniciação sexual a partir de variáveis de estilo de vida e sociodemográficas selecionadas. O modelo univariado também permitiu selecionar apenas variáveis significativas a 10%, que fizessem sentido por meio da análise da literatura, para serem incluídas nos modelos de regressão logística multivariada (Hosmer & Lemeshow, 2000) para cada sexo, a fim de poder observar as variações do efeito da participação religiosa na iniciação sexual, quando controlada por variáveis socioeconômicas, demográficas, de domicílio e de estilo de vida.

Os resultados das análises evidenciam grandes diferenças entre as denominações religiosas e também intrarreligiões, de acordo com a frequência de ida aos cultos e celebrações reportada pelo respondente. Apesar de a chance da iniciação sexual ser maior entre os não praticantes, a proporção de mulheres e homens que reportam já ter tido relação sexual é bastante elevada, mesmo entre aqueles que se dizem praticantes da sua religião. A frequência de ida aos cultos e celebrações está associada à iniciação sexual, sendo que quanto mais elevada, menores a chance da iniciação sexual ter ocorrido. Os resultados também revelam que as mulheres se iniciam, em média, mais tarde que os homens, e há intensa representação dos papéis tradicionais de gênero.

2 RELIGIÃO, RELIGIOSIDADE E INICIAÇÃO SEXUAL

Poucas variáveis conseguem, na atualidade, ter um impacto tão grande na iniciação sexual adolescente quanto a religião. Desde o primeiro estudo sobre sexualidade feminina, publicado em 1953, a religião já era considerada uma variável possivelmente associada com a iniciação sexual pré-marital (Kinsey et al, 1953). Nessa época, as poucas mulheres que tinham relações sexuais antes do casamento, o faziam em uma relação amorosa, para consolidar uma relação emocional antes do casamento com o único parceiro que teriam na vida (Miller & Simon, 1974).

Em uma revisão da literatura compreendendo 50 estudos sobre a religiosidade adolescente e o comportamento sexual, publicados entre os anos de 1980 e 2000, a religiosidade foi consistentemente encontrada como associada ao adiamento da atividade sexual e, quanto maior sua influência, maior o tempo de adiamento (Whitehead et al 2001).

O tema da iniciação sexual na adolescência torna-se ainda mais delicado em ambientes cuja conduta moral esperada dos jovens é a abstinência, a espera pelo casamento, e o respeito por um código interno de posturas que prevê sanções e exclusões para aqueles sujeitos que não cumprem as determinações da igreja.

Apesar de o catolicismo e o protestantismo serem veementes contra o sexo pré-marital, há indícios de que o segundo seja mais influente no comportamento dos jovens fiéis, justamente por enfatizar palavras fortes como castidade, virgindade e pecado (Chesnut 1997), enquanto a tradição católica brasileira foi sendo modificada e adquiriu caráter polissêmico, o que possibilitou que pessoas pertencentes à mesma denominação religiosa não possuíssem, necessariamente, unidade na vivência (Brandão, 2004). De qualquer forma, as rígidas doutrinas religiosas criam a expectativa de que pessoas seguidoras dessas religiões terão posturas igualmente restritivas com relação ao sexo pré-marital, da mesma forma que os não religiosos ou sem religião serão mais liberais.

Logo, é também de se esperar que o grau de conservadorismo seja diretamente proporcional à intensidade da religiosidade, não apenas da denominação religiosa. A literatura internacional, mais extensa que a brasileira, aponta vários estudos que indicam que a denominação religiosa tem menos efeito no início da vida sexual do que a frequência religiosa e o envolvimento religioso – medidos através de frequência às missas e aos cultos, práticas religiosas como ler a bíblia e orar diariamente, distribuir panfletos ou evangelizar desconhecidos (Addai, 2000; Ku et al, 1993; Gupta, 2000; Meier, 2003; Odimegwu, 2005; Cesare & Vignoli, 2006; Longo et al, 2009).

Tanto as sociedades mundiais quanto a brasileira passaram por diversas transformações, como crescimento econômico, industrialização, urbanização, queda da mortalidade, aumento da escolaridade média da população e maior valorização do conhecimento científico e tecnológico. A igreja perdeu a autoridade moral sobre a família, que passou a ter voz própria e maior autonomia. Junto a isso, cresceram as taxas de divórcio, mudaram os papéis femininos, aumentou-se o uso de contracepção, e a maternidade e o casamento deixaram de ser um fim absoluto na vida da mulher, que passou a ter direito a relações pré-maritais, a permanecer solteira e sem filhos (Thornton, 1985). Apesar disso, ainda existem aqueles que procuram, na igreja, a resposta às suas frustrações mundanas.

No entanto, ao que parece, a promessa católica da vida eterna após a morte não tem satisfeito os problemas diários enfrentados pela população, que então recorre a religiões que são mais atuantes nas questões do cotidiano de comunidades carentes, como por exemplo alcoolismo, pobreza, crime, uso de drogas e até mesmo desemprego e necessidades financeiras (Byrnes, 2005 apud Longo et al, 2009).

Ainda são poucos os estudos que investigam a associação entre religião e vida sexual e reprodutiva dos adolescentes no Brasil, especialmente em um contexto de queda do número de pessoas que se declaram católicos e o aumento dos que se declaram protestantes ou sem religião. Podem ser citados estudos como os de Leite et al (2004); Cesare & Vignoli (2006); Costa et al (2005); McKinnon et al (2007); França (2008);

McKinnon et al (2008); Verona & Regnerus (2009); Coutinho & Miranda-Ribeiro (2010); Miranda-Ribeiro et al (2010); e Verona (2010).

Em um recente estudo sobre o Brasil, Verona (2010) investigou a associação entre religião e iniciação sexual de mulheres utilizando resultados de três pesquisas de demografia e saúde⁷, além de entrevistas qualitativas com membros de diferentes religiões. A autora concluiu que existe um diferencial entre católicas e protestantes, sendo que o primeiro grupo apresentou maior risco de ter se iniciado sexualmente do que o segundo, em todas as três pesquisas, embora a diferença entre os grupos tenha diminuído com o tempo. Além disso, a alta frequência aos cultos, celebrações e atividades religiosas estava associada a um menor risco de iniciação sexual pré-marital quando se comparou fiéis da mesma igreja. Para Verona (2010), o grupo de católicas era tão heterogêneo, que compreendia tanto mulheres altamente religiosas, quanto mulheres que nunca iam à igreja. Os resultados de outra pesquisa para o Brasil também sugerem que os católicos sejam um grupo heterogêneo com respeito às opiniões sobre aborto e sexo entre pessoas não casadas entre si (Miranda-Ribeiro et al, 2010).

Borges e Schor (2005), em um estudo sobre trajetórias de vida femininas, perceberam que os perfis das adolescentes eram igualmente diversificados, compreendendo adolescentes que nunca haviam namorado, até adolescentes que já haviam tido filho ou passado por abortos. Para Silva et al (2008), os jovens se veem divididos pelo menos entre dois discursos normativos: o da comunidade religiosa e o do convívio social mais amplo, sendo esse segundo o provedor das informações que se fazem disponíveis para a maioria da população, tal como discursos de educação em saúde sobre sexo e camisinha. Assim sendo, cabe ao jovem ouvir aos discursos, assimilá-los ou “colocá-los em tensão” (Silva et al, 2008, p. 690).

Não somente são múltiplas as mensagens, mas também são múltiplas as atitudes internalizadas pelos jovens. Estudos feitos nos Estados Unidos apontam que assinar

⁷ Pesquisa Nacional sobre Demografia e Saúde (1986 e 1996) e Pesquisa Nacional de Demografia e Saúde da Criança e da Mulher (2006).

um tratado de virgindade, como o *Virginity Pledge*⁸, por exemplo, pode tanto simbolizar que o jovem está de acordo com a atitude proibitiva de se engajar em relações sexuais antes do casamento, como simplesmente ser um sinal de conformidade com o grupo, sem internalizar as atitudes (Rostosky et al, 2003; Bearman & Brückner, 2001).

Se as realidades são muitas e muitos são os fatores que podem ter influência na primeira relação sexual, o enfrentamento da educação para a sexualidade deve abarcar essas diferenças (Borges e Schor, 2005). Como sugere Silva et al (2008),

“se valorizarmos o diálogo que o sujeito religioso articula entre os discursos sobre sexualidade que freqüentam seu cotidiano, buscando lidar com a tensão e o conflito entre tradição e modernidade no plano individual, no plano programático estaremos aprendendo o caminho para o diálogo com as comunidades das diferentes matrizes e suas concepções próprias de heteronomia moral religiosa” (Silva et al, 2008, p. 691).

Dessa forma, a mudança no panorama religioso não anula a diversidade de experiências, e seria necessário, então, nos “debruçarmos sobre diferenças mais finas” e tentarmos compreender

“o sentido das especificidades associadas a distintas formas de se relacionar com religião (com experiências da religião na vida do sujeito, mais do que com doutrinas oficiais) no âmbito dos movimentos mais amplos que os números têm mostrado” (Rohden et al, 2005, p. 181).

Como a religião influencia a vida das pessoas? Esse é o tema do próximo item.

⁸ Movimento organizado criado nos Estados Unidos que visa estimular a abstinência sexual até o casamento. Funciona como uma espécie de contrato social assinado entre o jovem, seus pais e membros da comunidade, para que o compromisso da abstinência seja público e socialmente construído. Ganhou suporte do *marketing* por meio do uso de identidade visual entre seus praticantes, como anéis, músicas e livros, que os jovens podem adquirir para incrementar e dar ainda mais valor a sua escolha. O programa é bastante controverso, já que aqueles que o apoiam utilizam a moral familiar e religiosa como respaldo, fazendo do sexo pré-marital algo aberrante e enfatizando apenas as suas consequências negativas. Além disso, o *Virginity Pledge* não autoriza a educação sexual, o que pode, por sua vez, contribuir para o aumento de doenças sexualmente transmissíveis, gravidezes indesejadas e abortos. Adiar a relação, no entanto, pode estar associado com melhores índices de uso de contracepção e proteção a doenças, já que o adolescente, quando finalmente engaja em atividades sexuais, apresenta maior maturidade e poder de negociação para praticar o sexo seguro (Bearman & Brückner, 2001).

2.1 Como ocorre a influência da religião/religiosidade

Smith (2003) classifica os efeitos religiosos positivos nos adolescentes frequentadores de cultos, celebrações e atividades em três esferas: ordem moral, habilidades e laços sociais e organizacionais.

A ordem moral é baseada em um sistema de valores morais coletivos, e nesse caso pressupõe a exposição continuada de mensagens e normas relacionadas ao comportamento esperado dos jovens. Além de tentar inundar os jovens com mensagens religiosas sobre valores e virtudes, eles também proporcionam a eles diversas oportunidades para desenvolver o espírito e, em grupo, compartilhar sua fé e legitimar as experiências espirituais individuais e coletivas por meio de testemunhos. Ao fornecer contexto e suporte para que essas experiências aconteçam, as igrejas estão ajudando a reforçar a fé e a ordem moral (Smith, 2003).

Para Garner (2000), o poder da igreja que nasce no momento em que o jovem recebe Cristo, permanece por meio da doutrinação (ensinamentos religiosos que o jovem recebe nos cultos), das experiências subjetivas de Cristo que serão manifestadas ao jovem seja no nível individual seja no nível coletivo durante os encontros, e por meio da exclusão daqueles membros que descumpram os combinados. Ela também ocorre por meio da socialização, já que a igreja criará oportunidades para socializar seus jovens em um ambiente onde ela controla o que é falado e vivido (Garner, 2000). Para o autor, quanto maior a frequência de encontros com o grupo religioso, maior a influência que este exerce sobre o jovem. Além disso, ao adentrar as igrejas, os jovens ganham, propositalmente, contato com adultos e jovens líderes que servirão como modelos da ordem moral, no qual os iniciantes devem se inspirar (Smith, 2003).

A segunda forma de influência, a das habilidades, esboça a estratégia da igreja em tornar aquele jovem um bom exemplo e, para isso, cria oportunidades para o seu desenvolvimento humano e bem-estar (Smith, 2003). Ela faz isso mediante a proibição direta de certos comportamentos e pela substituição das atividades ditas perigosas por

outras que ocupem o tempo, desenvolvam habilidades e não causem riscos (Bearman & Bruckner, 2001).

Uma dessas atividades é o progresso da habilidade de liderança por meio do envolvimento do jovem no planejamento e na prática de atividades na comunidade. Essas aptidões não somente serão utilizadas no ambiente religioso, mas servem para que o jovem desenvolva capacidades que podem ser utilizadas no seu dia a dia fora da igreja, que outrora não desenvolveria. A igreja também cria oportunidades de práticas e transmite mensagens para os jovens lidarem com o estresse e com os problemas emocionais e psicológicos das mais diversas esferas de sua vida, como a pessoal, a familiar e a educacional, melhorando a sua qualidade de vida, resolvendo conflitos e aumentando a sua capacidade de transformar seus sentimentos (Smith, 2003).

Seu capital cultural também é fortalecido, pois, ao entrar para a igreja, o jovem não está limitado ao ensinamento religioso, mas aprende e pratica habilidades extras para sua vida. Verona & Regnerus (2009) enfatizam que, além de promover o controle social nos seus encontros semanais ou diários, as igrejas fornecem conhecimento musical, bíblico, histórico, bem como o estímulo para leitura, fala e formação de opinião.

A terceira esfera é a dos laços sociais e organizacionais. Através do capital social, os jovens que frequentam as atividades religiosas ganham uma rede de contatos construída por pessoas das mais variadas atividades e idades, que podem servir, inclusive, para encontrar um emprego, ou para socorrê-los em caso de necessidade financeira, por exemplo (Smith, 2003).

Ao mesmo tempo em que a rede proporciona contatos, oportunidades e informações, ela também serve como vigilância, pois é bem possível que todos se conheçam, já que a rede, apesar de extensa, pode ser fechada. Assim, os jovens serão monitorados não somente por seus próprios pais, mas por todos aqueles que pertencem à comunidade.

As redes religiosas, embora restritas em uma comunidade a uma só denominação religiosa, também dialoga com outras redes da mesma religião, porém em outras cidades e países, aumentando a possibilidade de intercâmbio para um jovem que

deseja ter uma experiência internacional ou adquirir treinamento religioso em outro lugar. Além disso, elas também criam inúmeras oportunidades de socialização e lazer entre os jovens: encontros sábado à noite, *shows* de música gospel, acampamentos de verão, retiros religiosos, missões, conferências, viagens, festivais e outras atividades, que são organizadas para aumentar o diálogo entre as redes e ao mesmo tempo aumentar a religiosidade do jovem, já que ele se vê circulado por pessoas que dividem a mesma fé (Smith, 2003).

A inserção desse jovem em uma rede organizada de sanções sensibiliza-o e reforça o comportamento conservador por meio de uma “obediência à autoridade religiosa” (Rohrbaugh & Jessor, 1975, p. 317). Segundo Billy et al (1994), a comunidade influencia o jovem reafirmando o custo-benefício de cada decisão e deixando claro qual é a norma e a fronteira entre comportamentos aceitáveis e inaceitáveis.

Logo, compromissos com as crenças religiosas são norteadores das atitudes e comportamentos sexuais, e a participação religiosa seria, então, uma força inibidora da sexualidade, pois aumentaria o controle individual (Regnerus, 2007). Como os adolescentes que sofrem controle social da igreja reconhecem as duras consequências que teriam de enfrentar caso iniciassem a atividade sexual antes do casamento, as relações sexuais podem ser adiadas.

No âmbito da sociedade, como os efeitos da religiosidade são reflexos das mesmas diferenças em atitudes, membros de uma religião tendem a ter comportamentos semelhantes, esculpidos pela força da convicção religiosa (Meier, 2003). O grau de conservadorismo também será diretamente proporcional à intensidade da religiosidade, não apenas da denominação religiosa.

Woodroof (1985) percebe que tanto a orientação religiosa quanto o comportamento religioso estão altamente correlacionados, já que os que tinham alta frequência de participação religiosa também tinham em maior medida comportamentos de cunho religioso. Para Tittle & Welch (1983), participar deliberadamente dessas atividades é sinal de conformidade com as regras estabelecidas e de contato direto com as

mensagens que são contra os comportamentos desviantes. Porém, apesar de todas as tentativas da igreja, dos pais e da escola para manter os jovens dentro de seus preceitos, é dele a última palavra com relação à sua religiosidade subjetiva, já que a frequência ao culto pode ser alta devido à necessidade de conformidade social, porém cabe a ele manter ou não o comportamento influenciado pela religião.

“O ‘sujeito religioso’ é o protagonista de sua religiosidade, é o ator histórico da sua religião de escolha e emprega em seu cotidiano um sistema de crenças que foram propagadas pelas autoridades religiosas, porém não o faz sem modificações, recriando-o para sua experiência” (Watanabe, 2005 apud Silva et al, 2008, p. 684).

Antes de conhecer estudos que investigaram a associação entre religião, religiosidade e iniciação sexual, é necessário conhecer o histórico das principais religiões no Brasil. Esse é o tema do próximo capítulo.

3 HISTÓRICO DAS PRINCIPAIS RELIGIÕES NO BRASIL

Este capítulo tem o objetivo de traçar um panorama sobre o surgimento, estabelecimento e desenvolvimento das religiões de maior participação relativa⁹ junto à população brasileira¹⁰, que serão foco das análises deste trabalho: católicos e protestantes (históricos, pentecostais¹¹ e neopentecostais).

Houve, com o passar dos anos, enorme redução na proporção de pessoas autodeclaradas católicas, a qual, segundo dados dos censos demográficos, caiu de 95% em 1940 para 74% em 2000. O declínio da proporção de católicos na população brasileira pode ser indicativo de que mudanças nas atitudes sobre sexo, casamento e maternidade no Brasil, regidas por normas e valores religiosos, possam estar acontecendo (Verona & Regnerus, 2009). A redução do número de católicos é também atribuída ao aumento das igrejas de cunho Pentecostal e do número de pessoas sem religião (Costa et al, 2005; Alves & Novellino, 2003; Mc Kinnon et al, 2008). A proporção de protestantes passou, no mesmo período, de 3% para 15%, ao passo que os que se denominam sem religião passaram de menos de 1% para 7% do total (Mariano, 2004; Costa et al, 2005; McKinnon et al, 2008; Alves & Novellino, 2006). Pessoas que se declaravam de outras religiões passaram de 2% para pouco mais de 3% no mesmo período.

⁹ Por focar o catolicismo e as religiões de cunho protestante, este trabalho não pretende discutir as demais religiões com participação relativa pouco expressiva na população brasileira, tais como judaísmo, umbanda e espiritismo. Também não se pretende esclarecer o surgimento das religiões.

¹⁰ Para mais informações sobre a mudança no panorama religioso no Brasil, ver Chesnut (1993) e Verona (2010).

¹¹ O nome *Pentecostais* é derivado do Dia de Pentecostes, que é o acontecimento posterior ao batismo dos discípulos no Dia de Pentecostes (50 dias após a Páscoa). Após o batismo, os discípulos falaram línguas estranhas e observaram fenômenos sobrenaturais (Chesnut, 2000). Acredita-se que os fiéis batizados se tornam capazes de observar esses mesmos fenômenos divinos. Ter sido batizado, ou passar a crer em Jesus Cristo, é considerado como um renascimento (*reborn* ou *born again*), que será diversas vezes citado na revisão bibliográfica deste trabalho.

3.1 Catolicismo no Brasil

A história da Igreja Católica¹² no Brasil é também a história da formação do país, já que desde o princípio ambas estiveram unidas. A primeira marca da presença católica no Brasil data de 26 de abril de 1500, quando foi celebrada a primeira missa em solo brasileiro, pelo frade Henrique Coimbra, e descrita por Pêro Vaz de Caminha na primeira carta na qual revela ao rei de Portugal, D. Manuel I, sobre o descobrimento da Terra da Vera Cruz¹³ (Caminha, 2011).

A partir da colonização do território brasileiro, iniciada pelos portugueses com mais ênfase na metade do século XVI, o Cristianismo começa a cravar raízes, e congregações religiosas inserem-se na vida do indígena, quem se queria evangelizar e salvar a alma, e dos primeiros habitantes, migrantes portugueses, que precisavam da manutenção da fé e do fornecimento de serviços religiosos e administrativos (Oliveira, 2008). A colonização das almas dava característica de missão a um projeto mercantilista e permitia que o índio, uma potencial força de trabalho, pudesse se converter à santa fé católica.

Do descobrimento à Proclamação da República, o Catolicismo foi a religião oficial do Brasil, decidida por meio de um acordo de Padroado, assinado entre o Papa e a Coroa Portuguesa, bem antes do descobrimento do Brasil, por volta do século IV, quando o cristianismo não tinha permissão para realizar suas práticas religiosas livremente nos territórios do Império Romano. Assim, a Coroa seria a autoridade máxima, porém todas as terras e povos conquistados deveriam ser catequizados e viver sob as leis da Igreja. Além disso, no caso brasileiro, a Coroa se comprometia a impedir a entrada de outros cultos e religiões no Brasil, apresentar, transferir ou afastar os candidatos aos postos eclesiásticos, e tinha a possibilidade de arrecadar dízimos (Fragoso, 1994). As ordens religiosas assumiram a administração de paróquias, dioceses, hospitais e escolas, além

¹² Optou-se por não denominar Catolicismo Apostólico Romano, visto que, no questionário da pesquisa que serviu de base às análises desta dissertação, a religião Católica não veio acompanhada de nenhuma outra forma de denominação.

¹³ Primeiro nome dado ao Brasil, na ocasião do seu descobrimento.

de serem responsáveis pelos registros civis, como nascimentos, casamentos e óbitos, e de se comprometerem a enviar missionários evangelizadores para as terras descobertas.

Na segunda metade do século XVIII, o Marquês de Pombal fechou a Companhia de Jesus, principal entidade missionária católica regida pelos jesuítas, instituiu a educação laica, regulamentou o funcionamento das missões, afastando os padres de sua administração e colocando em seu lugar homens de confiança do governo português, proibiu a utilização das línguas nativas e tornou obrigatório o uso do idioma português (Del Priori & Venâncio, 2001).

O século XIX foi marcado por mudanças significativas para o contexto religioso. Com a abertura dos portos, em 1808, navios franceses, ingleses, norte-americanos e alemães trouxeram o protestantismo com os primeiros viajantes e imigrantes estrangeiros, que ao chegar ao Brasil não se tornaram escravos, mas comerciantes e profissionais liberais (Oliveira, 2008).

Durante o segundo reinado brasileiro, a Igreja do Brasil deixou de ser governada pela Mesa de Consciência e Ordens sediada em Lisboa para ser governada pelo Vaticano. Um século mais tarde, entre 1860 e 1870, a Santa Sé, em Roma, decretou doutrinas e cultos mais rígidos, e qualquer um em território brasileiro, negro, índio ou imigrante, deveria se converter ao catolicismo (Oliveira, 2008).

Com a Proclamação da República, em 1888, apoiada fortemente por membros da Maçonaria, foi declarada a independência do Estado em relação à Igreja, e foi instituída a liberdade de culto, sendo o Brasil declarado um Estado laico, isto é, reconhecendo a liberdade religiosa (Chesnut, 1997).

Com Getúlio Vargas e a Constituição de 1934, a Igreja Católica e o Estado voltaram a se unir, e várias reivindicações católicas, como o ensino religioso facultativo nas escolas, foram atendidas. A ideia era “valorizar a identidade cultural brasileira”, e o pentecostalismo passou a ser um dos inimigos do Estado Novo (Chesnut, 1997).

Décadas antes, em 1916, Dom Sebastião Leme já havia reconhecido, em carta, que a Igreja perderia presença caso não se aproximasse da massa. Segundo ele, haveria demanda reprimida por padres naquelas localidades onde não existia um pároco local, diminuindo também a oferta de educação religiosa e levando ao enfraquecimento das práticas religiosas (Mainwaring, 2000).

Em 1952, foi criada a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), que coordenava a ação da Igreja Católica no país e tinha a finalidade de estudar assuntos de interesse comum da Igreja no Brasil, cuidar do relacionamento com os poderes públicos e também promover a comunhão dos Bispos de todo o país (CNBB, 2011).

No entanto, foi do berço leigo que surgiram os movimentos mais atuantes da fé católica, sem tutela clerical. Na década de 1960 foram criadas a Juventude Operária Católica (JOC), a Juventude Agrária Católica (JAC), a Juventude Estudantil Católica (JEC), a Juventude Universitária Católica (JUC) e a Juventude Independente Católica (JIC), com inclinação socialista (Libanio, 1982).

Com a ditadura militar de 1964 cresceram os conflitos entre Igreja e Estado, e vários foram os relatos de perseguições, prisões e torturas de estudantes, padres e seminaristas, que perduraram por vários anos (Betto, 1982). Os movimentos das Juventudes foram destruídos, o que os obrigou a dar continuidade à pastoral de fé e política em outros contextos. Em 1968, durante uma Conferência Episcopal Latino-Americana, ocorrida em Medellín, foi sugerida a criação de comunidades de base, como estruturas com significância política (Mainwaring, 2000).

Surgiram, então, a partir dos anos de 1970, as Comunidades Eclesiais de Base (CEB), grupos formados por leigos e pessoas ligadas ao clero, que se multiplicaram pelo país. As CEBs vinculavam o compromisso cristão à luta por justiça social e participam ativamente da vida política do país, associadas a movimentos de reivindicação social e a partidos políticos de esquerda (Betto, 1981; Libanio, 1982).

Leonardo Boff foi um dos principais teóricos do movimento e um dos responsáveis pela Teologia da Libertação (Löwy, 2008), também de berços populares, associando o

Cristianismo às questões políticas e sociais, defendendo a justiça social e os direitos humanos. Por possuir tendências marxistas, Leonardo Boff não agradou ao Vaticano e entrou em conflito com setores conservadores da Igreja, personificados inclusive na figura do então cardeal Joseph Ratzinger, atual papa Bento XVI, que o condenou a um ano de silêncio, em 1985. Em 1992, ao ser sentenciado a novo período de silêncio para não participar do encontro ECO-92, Leonardo Boff renunciou ao sacerdócio.

Ao mesmo tempo em que surgiam as CEBs, houve perdas de fiéis para as religiões protestantes. Foi então que na década de 1960 um outro movimento surgiu, dessa vez nos Estados Unidos, chamado Renovação Carismática Católica (RCC). Ao contrário da Teologia da Libertação, que acredita no encontro com Cristo por meio das ações sociais, da ajuda ao outro e à comunidade, a Renovação Carismática Católica enfatiza as práticas tradicionais do catolicismo e a experiência pessoal com Deus.

O início do movimento remete ao final do Concílio Ecumênico Vaticano II, realizado em 1965, no qual ficou marcada a necessidade da Igreja Católica de se reordenar e renovar a vida da Igreja a partir de um retorno às origens cristãs. Menos de dois anos depois, foi criada a RCC. A partir da experiência pessoal de estudantes universitários em um retiro espiritual, em que viram manifestados os dons do espírito, como a oração em línguas, curas, profetizações, criaram-se grupos de oração, reuniões e encontros em universidades e paróquias, com os testemunhos sobre a experiência crescendo a cada dia, e em vários lugares do mundo.

No Brasil, a RCC teve início na década de 1970, em Campinas, SP, por meio dos padres Haroldo Joseph Rahm e Eduardo Dougherty, que rapidamente espalham o movimento por todo o Brasil, utilizando pequenos grupos de pessoas. Em 1973 foi realizado o I Congresso Nacional da Renovação Carismática no Brasil, quando 50 líderes se comprometiam a disseminar a obra do Espírito Santo no Brasil. A partir daí, o crescimento foi rápido. Com a conquista dos meios de comunicação, ficou ainda mais fácil atingir as pessoas. Na década de 1980 foi criada, pelo Pe. Eduardo Dougherty, a Associação do Senhor Jesus (ASJ) e o programa de TV "Anunciamos Jesus", com cobertura de 60% do território nacional. Em 1990, a ASJ fundou o Centro de Produções

Século XXI e a Rede Canção Nova TV, que possui retransmissoras em todas as regiões do país, estando também presente na Itália e em Portugal (Renovação Carismática Católica, 2011).

Com o objetivo de reafirmar a presença do Espírito Santo no catolicismo, a RCC preserva as doutrinas católicas básicas e enfatiza a crença no poder do Espírito Santo, que, segundo os carismáticos, realiza milagres, como a cura de fiéis. Esse movimento retoma valores e conceitos esquecidos pelos católicos, além de tentar trazer de volta os fiéis “desgarrados”, reafirmando a identidade católica e as doutrinas do Vaticano (Chesnut, 1997).

A valorização da ação do Espírito Santo, um dos elementos da Santíssima Trindade, aproxima a RCC, de certo modo, dos protestantes pentecostais e dos neopentecostais, seus maiores concorrentes. Nos cultos, eles dançam, leem a bíblia, dão grande importância ao poder das palavras e pregam mandamentos que haviam perdido importância, tais como a virgindade até o casamento, a alta frequência às missas e celebrações, a importância da eucaristia e a infalibilidade papal. O movimento ganha força entre as classes média e baixa, e também entre os jovens (Chesnut, 1997).

A religião católica, apesar da grande soberania e do crescimento dos grupos carismáticos, é considerada, nos dias de hoje, uma religião heterogênea, pois abarca tanto pessoas com alta religiosidade, como os fiéis da RCC, quanto católicos considerados nominais, que passam a religião de geração em geração, porém professam-na apenas para cumprir ritos sociais ou de passagem (Pierucci & Prandi 2000 apud Verona, 2010).

3.2 Protestantismo Histórico no Brasil

Ainda no primeiro século da colonização brasileira, houve várias tentativas de colonização holandesa e flamenca, proposta por reformados, e uma missão de João Calvino em 1557, conduzida por calvinistas franceses. No entanto, devido ao fato de a

maioria da população ser católica, os imigrantes reformados não poderiam professar a sua fé livremente (Schalkwijk, 2004).

O Protestantismo Histórico só retornou ao solo brasileiro em 1810, com o Tratado de Comércio e Navegação, após a abertura dos portos e da vinda da família real portuguesa. Comerciantes ingleses trouxeram a Igreja Anglicana e comerciantes alemães trouxeram o Luteranismo. Permitiu-se que fossem construídas igrejas protestantes, porém sem a intenção de converter brasileiros, devendo atender apenas imigrantes. Somente no final daquele século, missionários americanos conseguiram implantar, no Rio Grande do Sul, as primeiras comunidades anglicanas para brasileiros que, após várias décadas, começaram a se dividir (Gomes, 2009).

Em 1855, Robert Reid, um missionário escocês, fundou Igrejas Congregacionais, porém sem denominação e sem vínculo com qualquer igreja internacional. Declaradas por ele como igrejas evangélicas brasileiras, elas mudaram de nome muitas vezes, a fim de evitar o termo congregacional, que equivocadamente poderia levar a pensar que tinham algum vínculo com as Igrejas Congregacionais Britânica ou Norte-Americana. O termo "Congregacional" designa o regime de governo pelo qual são regidas, e não serve para indicar suas origens históricas (Congregacionalismo no Brasil, 2011).

Quase ao mesmo tempo, em 1862, a Igreja Presbiteriana foi fundada por Ashbel Green Simonton no Rio de Janeiro. Além disso, foi dele o primeiro jornal evangélico do país. Em 1888 foi criado o Sínodo da Igreja Presbiteriana do Brasil, que a desligou das Igrejas Norte-Americanas. A partir do século XX, várias divisões também foram surgindo nas denominações presbiterianas (Igreja Presbiteriana no Brasil, 2011).

Em 1871, o primeiro grupo batista se estabeleceu em Santa Bárbara d'Oeste, SP, trazido por missionários americanos e imigrantes fugidos da Guerra Civil Americana, ocorrida em 1865. Para Chesnut (1997), o fato de o Protestantismo Histórico receber muita influência internacional, por décadas estando ligado e sendo tutelado por igrejas de outros países, dificultou que brasileiros se convertessem à fé protestante, a qual permaneceu, muitas vezes, ligada à herança cultural familiar.

3.3 Pentecostalismo clássico no Brasil

Em 1910, chegaram ao Brasil dois suecos que haviam se tornado pastores batistas nos Estados Unidos, Gunnar Vingren e Daniel Berg. Segundo Chesnut (1997), os dois receberam, durante uma oração coletiva, uma mensagem dizendo que deveriam anunciar o evangelho em uma localidade chamada Pará. Acabada a oração, foram procurar no mapa e descobriram que Pará era um estado na nação brasileira.

Chegando a Belém do Pará, declararam-se pastores batistas e passaram a morar no porão de uma igreja batista, onde posteriormente começaram a fazer cultos, convidando apenas alguns membros. Nessas reuniões, eles conversavam em línguas diferentes, o que se acreditava ser a glossolalia¹⁴. Alguns membros da igreja começaram a adotar as ideias dos irmãos, aumentando o número de fiéis. Foi quando o pastor da Igreja Batista excomungou os dois pastores por acreditar que estavam divergindo do que seria a verdadeira Igreja Batista. No mesmo ano, os dois fundaram a Missão de Fé Apostólica, que posteriormente mudou de nome para Assembleia de Deus. Diante de tantas doenças tropicais existentes no Pará, como malária, febre amarela, cólera, tuberculose, meningite e lepra, o crescimento da igreja que também prometia a cura pela fé foi grande. Mesmo após a morte de familiares, as famílias que então se sentiam acolhidas pela igreja de Vingren e Berg se convertiam à nova fé, diminuindo, pouco a pouco, os adeptos da religião que os negligenciou até na hora da extrema unção: a católica (Chesnut, 1997). Os missionários percorreram o Brasil inteiro na busca de novas conversões e foram bem-sucedidos. O alvo eram os fiéis batistas que se interessavam pela glossolalia.

Já a Congregação Cristã no Brasil foi trazida dos Estados Unidos para o Brasil em 1910, pelo missionário ítalo-americano Louis Francescon, que atuou em colônias italianas no Sul e Sudeste do Brasil. Ela teve origem num pequeno grupo de evangélicos italianos que, na cidade de Chicago, nos Estados Unidos da América, no

¹⁴ Dom sobrenatural de falar línguas desconhecidas.

ano de 1904, passou a se reunir em suas casas, buscando a guia divina para seguir os ensinamentos bíblicos cristãos, dentro da simplicidade da fé apostólica (Freston, 1993).

A segunda corrente (chamada também de pentecostais de segunda geração) começou a surgir na década de 1950, quando chegaram a São Paulo dois missionários norte-americanos da Igreja Internacional do Evangelho Quadrangular. Lá eles criaram, na década de 50, a Cruzada Nacional de Evangelização e, centrados na cura divina, iniciaram a evangelização das massas, principalmente pelo rádio, contribuindo para a expansão do pentecostalismo no Brasil. Em seguida, fundaram a Igreja do Evangelho Quadrangular. Essa se dividiu dando origem às denominações: O Brasil Para Cristo, Deus é Amor, Casa da Bênção e diversas outras (Freston, 1993). A Igreja Deus é Amor teve alto crescimento entre a população mais carente do país, e se destaca por promover exorcismos individuais e coletivos.

Há um estereótipo sobre os evangélicos que os colocam como conservadores, alheios à política, e que justificariam em nome de Deus todas as mazelas as quais se encontram submetidos os homens e as mulheres (Burdick, 1993). No entanto, ao analisar pentecostais em uma cidade brasileira, Burdick descobriu que o envolvimento político na época da ditadura era manifestado e encorajado no seio da Igreja Pentecostal, inclusive com o apoio a candidatos pentecostais e a filiação partidária com preferência pelos partidos de massa, como o Partido dos Trabalhadores, especialmente porque acreditam que a falta de prosperidade, ainda que causada pelo homem contra o seu igual, é na verdade fruto do diabo. Para eles, a pobreza e a simplicidade são virtudes, porém a miséria e a ganância são exageros, frutos da influência negativa do mal trazida pelo capitalismo (Burdick, 1993).

Freston (1993) analisou a presença da bancada evangélica já a partir da constituinte, o que também não confirmou o estereótipo que liga pentecostalismo à alienação política. Se somarmos o pentecostalismo ao neopentecostalismo, eles têm participação política mais marcante que os membros evangélicos históricos. Em geral, os protestantes têm aumentado sua participação na política (Estado de São Paulo, 2010).

No entanto, ter representantes na política não garante a solução dos problemas dos evangélicos. Segundo Chesnut (2000), com o crescimento da violência, da criminalidade e do desemprego, cresceu a necessidade de proteção sobrenatural. É por meio do batismo no Espírito Santo¹⁵ que o fiel adquire uma proteção divina contra males terrenos e sobrenaturais. Aquele que é batizado pode adquirir quatro tipos de poderes especiais: os dons do espírito (fé e milagres através da oração); falar línguas; entender línguas; e os dons da revelação. Em sua amostra, Chesnut (2000) observou que esses poderes não eram sentidos igualmente por pessoas das diversas denominações religiosas pentecostais, e nem por homens e mulheres.

É interessante notar que, talvez como um modo de compensar a subserviência em uma sociedade patriarcal, as mulheres são, no pentecostalismo e em outras religiões como a umbanda e o espiritismo, aquelas que relatam ter maior acesso aos dons do espírito. Chesnut (2000) revela que muitas mulheres se separaram de maridos que mantinham relações extramaritais depois de terem visões que estavam sendo traídas. Muitos maridos, inclusive, passaram a evitar esse tipo de comportamento prevendo que suas esposas poderiam, por meio dos dons do espírito, perceber a traição. Outros problemas domésticos e conjugais, como alcoolismo e uso de drogas, também são “curados” durante os cultos e reuniões de grupo.

A influência da religião na vida da pessoa também se faz exercer por aquilo que Chesnut (2000) descreve como Sociedade Congregacional da Ajuda Mútua. A religião pentecostal ensina a aceitar a vida tal como ela é, facilitando, por exemplo, que a pobreza seja assimilada como uma virtude e um desafio a ser vencido, ao invés de causar ansiedade. Além disso, a igreja também fornece ajuda material, apoio psicológico, e até emprego, seja pela interseção dos pastores, seja por uma ajuda oferecida à família que se encontra em crise ou dificuldade. “É diferente porque na nossa igreja nós somos uma família, todo mundo se conhece. Não é como na igreja católica onde todo mundo sai imediatamente depois que a missa termina e ninguém se

¹⁵ O batismo no Espírito Santo faz referência aos *Livros dos Atos*, no qual João Batista batiza os crentes em Jesus Cristo (Chesnut, 2000).

conhece” (depoimento retirado de Chesnut, 2000, p. 231, tradução minha). Porém, se pobreza fosse pré-requisito suficiente para a filiação religiosa junto aos pentecostais, conforme calculou Chesnut, em 1993, 60% do Brasil daquela época seria pentecostal (Chesnut, 1997).

3.4 Neopentecostalismo no Brasil

Considerada a terceira corrente pentecostal, o neopentecostalismo teve início na segunda metade dos anos 1970 nos Estados Unidos e merece destaque, pois tem sido a corrente de maior crescimento em número de igrejas.

Com base nos princípios da Teologia da Prosperidade, prega que o sucesso, a felicidade e a prosperidade podem ser alcançados nesta vida terrena. São assim chamados porque diferem muito dos protestantes históricos e pentecostais, pois chegam a rejeitar os tradicionais usos e costumes. Também são mais liberais em questões morais e menos rígidos que as igrejas pentecostais tradicionais em relação ao comportamento de seus fiéis: não são presos à questão dos costumes como roupas, saias compridas, cabelos compridos, ternos e o não uso de maquiagem (Chesnut, 1997).

Enfatizam as manifestações e atuações do Espírito Santo e dualizam o mundo espiritual dividindo-o entre Deus e o Diabo. Para eles, o mundo está completamente tomado por demônios, e é sua função expulsá-los por meio do exorcismo. O demônio Satanás é quem causa o desemprego, a pobreza, os vícios e as doenças. Seus cultos são sempre emotivos, objetivando uma libertação do mundo satânico e o exorcismo dos demônios que, não raras vezes, são retratados como exus (entidades da Umbanda). Também fazem uso dos testemunhos para atrair mais fiéis, e das campanhas massivas para garantir doações em dinheiro (Freston, 1993). “As crenças e práticas hegemônicas do pentecostalismo clássico e moderno são sincretizados com elementos da Umbanda e reinterpretados através das lentes da cultura televisiva” (Chesnut, 1997, p. 45, tradução minha).

Várias são as igrejas neopentecostais fundadas em solo brasileiro. A Comunidade Evangélica Sara Nossa Terra, em 1976, a Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), em 1977, a Igreja Internacional da Graça de Deus, em 1980, e a Igreja Renascer em Cristo, em 1986, estão entre as principais. A IURD, fundada pelo bispo Edir Macedo, ex-católico que frequentou terreiros de Umbanda na juventude, é a principal igreja neopentecostal brasileira e uma das que mais cresce no país. Por meio da teologia da prosperidade, a IURD exorciza e prega que a prosperidade é um direito de todos. Aqueles que se encontram miseráveis estão, na verdade, com pouca fé (Mariano, 2004). O rápido enriquecimento material do fiel é considerado um trabalho de Deus na vida da pessoa (Freston, 1993), vindo da colaboração financeira com a obra de Deus (Chesnut, 1997), por meio da cobrança do dízimo e das doações “obrigatórias” de dinheiro. Além dos pastores receberem salários altos, eles têm procurado estabelecer um sistema de hierarquias, como o católico. Também possui um forte esquema de comunicação (TV e rádio) (Mariano, 2004).

O apelo das igrejas pentecostais de qualquer linha, que afirmam a cura pela fé, têm atraído cada vez mais fiéis. Para Chesnut (1997), é a sua ofensiva contra a pobreza o que mais tem levado às conversões.

Após o histórico das religiões no Brasil, é hora de conhecer a literatura que trata da associação entre religião, religiosidade e iniciação sexual. Esse é o assunto do próximo capítulo.

4 RELIGIÃO COMO FATOR ASSOCIADO À INICIAÇÃO SEXUAL

Este capítulo está dividido em duas partes. A primeira trata da Revisão Bibliográfica Sistemática (RBS), feita com base em estudos que relacionam religião, religiosidade e iniciação sexual. A segunda parte traz outros fatores encontrados na literatura como associados à iniciação sexual adolescente.

4.1 Revisão Bibliográfica Sistemática (RBS) da religião como fator associado à iniciação sexual

Com o objetivo de obter evidências acerca da relação entre religião, religiosidade e iniciação sexual, objeto de estudo desta dissertação, foi realizada uma Revisão Bibliográfica Sistemática (RBS).

Este item é dividido em cinco partes. A primeira apresenta a metodologia da Revisão Bibliográfica Sistemática, composta por quatro fases, que buscou elencar artigos científicos publicados entre 1950 e 2010 sobre as temáticas: religião, religiosidade, frequência religiosa e iniciação sexual, para adolescentes de ambos os sexos. A segunda parte traz uma descrição dos artigos selecionados na RBS. Na terceira, são discutidas as diversas formas de classificação encontradas nos artigos da RBS com relação à religião e à religiosidade. Na quarta parte são descritos os principais resultados encontrados pelos artigos. Finalmente, a quinta parte traz algumas considerações metodológicas que devem ser utilizadas como orientação em estudos sobre religião e sexualidade e sobre adolescência e sexualidade.

4.1.1 Metodologia da RBS

A metodologia da RBS está dividida em quatro fases: estratégia de busca; critérios de inclusão e exclusão; leitura e fichamento; análise e escrita da revisão. A descrição mais detalhada sobre cada fase se encontra a seguir.

Fase 1 - Estratégia de busca

A Revisão Bibliográfica Sistemática foi realizada entre os meses de julho e agosto de 2010 nas bases de dados Journal Store (JSTOR), Scientific Electronic Library Online (SciELO), American Theological Library Association (ATLA), Banco de Teses e Dissertações do Cedeplar¹⁶ e Banco de Teses e Dissertações da UFMG¹⁷. Foram utilizadas as seguintes palavras-chave, em inglês e português: *juventude, adolescência, adolescente, sexo, iniciação sexual, primeira vez e primeira relação sexual*.

As buscas foram realizadas diretamente nos portais eletrônicos em questão, utilizando chave de acesso para acessar os artigos completos em formato PDF.

Na estratégia de busca para a obtenção de artigos em inglês, foram utilizadas as seguintes palavras-chave: *((youth or adolescence or adolescent or teenagers or teenagehood) AND (sexual initiation or sexual debut or sex or first time or first sexual intercourse) AND (religion or religiosity))*.

No processo de busca para a captura de artigos em português, utilizaram-se as palavras-chave: *(Juventude ou adolescência ou adolescente) E (iniciação sexual ou primeira vez ou primeira relação sexual ou sexo) E (religião ou religiosidade)*. Os

¹⁶ Os resultados da busca no banco de teses e dissertações da UFMG e do Cedeplar foram agrupados, visto que a base do Cedeplar está contida na base da UFMG.

¹⁷ Durante a busca, percebeu-se o mau funcionamento da ferramenta de busca do Banco de Teses e Dissertações da UFMG, que retornava, sem variação, os 1554 resultados. A solução encontrada foi abrir cada um dos documentos, lendo seus títulos, palavras-chave e resumos, de forma a salvar apenas os que tinham interesse de pesquisa. Por se tratar de muitos textos, optou-se por não proceder à leitura do corpo do texto em todos os 1.554 artigos.

critérios de busca foram aplicados para títulos, resumos, palavras-chave e corpo do texto.

Houve a intenção de adicionar a palavra-chave *Brasil*. No entanto as consultas não retornaram número suficiente de resultados, ocasionando a abertura da pesquisa para o contexto mundial. O intervalo pesquisado se limitou ao período compreendido entre 1950 e 2010, abarcando os temas religião, frequência religiosa e iniciação sexual para adolescentes de ambos os sexos.

Na ocasião da pesquisa, optou-se por não salvar artigos cujo objeto de pesquisa fossem membros da religião muçulmana e da judaica, visto que, na amostra utilizada para essa parte da pesquisa, não houve ocorrência de muçulmanos, e os poucos que se declararam judeus foram agrupados na categoria “outra religião”, estando qualquer comparação fora do escopo deste trabalho. Também foram excluídos aqueles que não fizessem ênfase à religião ou à iniciação sexual, mas que passaram nos filtros utilizados nos bancos de dados.

Para as bases de dados Scielo, JSTOR, UFMG e Cedeplar, foram excluídas todas as referências que não continham o artigo completo em PDF, já que no momento da consulta já era possível observar a inexistência do arquivo completo. Já para a base de dados ATLA, todas as referências foram mantidas durante essa primeira fase de busca, já que a verificação da existência de PDF demandaria longo tempo adicional nesta fase da coleta.

Após a primeira coleta de referências, foram encontradas 355 referências de trabalhos, sendo 19 no Banco de Teses e Dissertações da UFMG juntamente com o Banco de Teses e Dissertações do Cedeplar, 42 no Scielo, 130 no JSTOR e 164 no ATLA. Acreditando que muitas dessas referências poderiam estar repetidas ou ainda continham resultados não compatíveis com os objetivos desta revisão bibliográfica, foram adicionados critérios de exclusão a fim de restringir os textos ao escopo deste trabalho. Os novos critérios de exclusão se encontram na fase 2 da Revisão Sistemática.

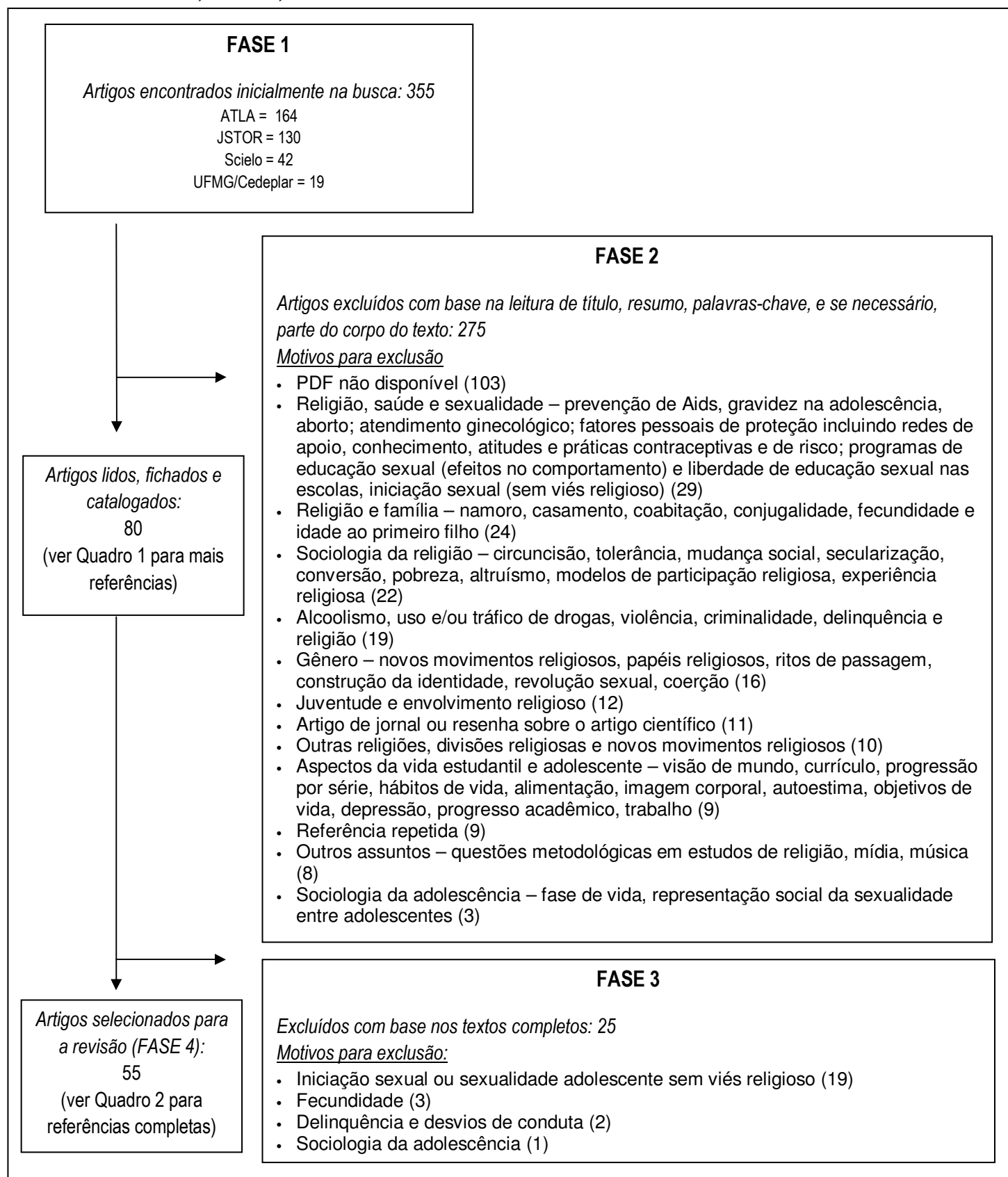
Fase 2 - Critérios de inclusão e exclusão

Todos os 355 trabalhos foram reavaliados, procurando excluir aqueles que não cumpriam com todos os critérios: artigo científico, texto completo disponível em PDF, iniciação sexual como tema principal e religião como variável de interesse ou variável de controle.

Primeiramente, tentava-se fazer o *download* do PDF. Caso não estivesse disponível, a referência era excluída. Caso o PDF estivesse disponível, era salvo e aberto, e em seguida eram lidos o título do trabalho, as palavras-chave, o resumo e, se necessário, parte do corpo do texto. Caso o nome já indicasse se tratar de um artigo com o objetivo de estudar a iniciação sexual, procedia-se à procura da variável religião. Caso essa fosse encontrada, o texto era mantido, caso contrário, o texto era excluído.

Outros critérios também passaram a servir de base para a exclusão, tais como: estudos de sexualidade mas não relacionados à iniciação sexual, como gravidez na adolescência, prevenção de Aids e DST; estudos sobre religião, porém não relacionados à iniciação sexual, como família, comportamento reprodutivo, uso de drogas, gênero, criminalidade; estudos sobre iniciação sexual, mas relacionados a religiões não comuns no Brasil, como bruxaria, muçulmanismo, anglicanismo; estudos da psicologia e da sociologia sobre o significado da adolescência; fatores relacionados com comportamento sexual e reprodutivo dos adolescentes sem religião como variável de controle ou de interesse; artigos repetidos dentro da mesma base de dados; além de outros assuntos sem relevância para este trabalho. O fluxograma do processo de exclusão se encontra na FIG. 1.

FIGURA 1 - Apresentação esquemática dos artigos incluídos e excluídos na revisão sistemática, Fase 1, 2 e 3



Após essa segunda fase, os artigos selecionados foram: três da UFMG/Cedeplar, 22 do Scielo, 48 do JSTOR e sete do ATLA, somando 80 referências.

Fase 3 - Leitura e fichamento

Na fase 3, foram feitas a leitura dos artigos selecionados e a coleta das informações necessárias a essa revisão, que foram digitadas no programa Microsoft Excel, de acordo com as seguintes variáveis: 1. Autores, 2. Ano, 3. Objetivos, 4. Descrição da Amostra, 5. Metodologia, 6. Resultados. Artigos teóricos, sem testes empíricos, foram fichados e digitados no programa Microsoft Excel, de acordo com as seguintes variáveis: 1. Autores, 2. Ano, 3. Pontos importantes citados por outros autores, 4. Pontos importantes citados pelo artigo.

Foram realizados a leitura e o fichamento de 80 artigos (QUADRO 1). Nessa etapa, mesmo os artigos que porventura se distanciassem do objetivo da pesquisa foram fichados e catalogados, já que muitos só se mostravam desviantes do assunto na ocasião da leitura da metodologia ou dos resultados.

QUADRO 1 - Artigos selecionados na revisão sistemática, Fase 2, de acordo com autores, ano de publicação e país onde foi realizado (n=80)

Autores	Ano	País	Autores	Ano	País
Landis	1960	EUA	Weinberg et al	2000	EUA e Suécia
Glass	1972	EUA	Longo	2001	Brasil
Langman et al	1973	EUA	Bearman & Brückner	2001	EUA
Henze & Hudson	1974	EUA	Scheepers et al	2002	Vários
Miller e Simon	1974	EUA	Rowatt & Schmitt	2003	EUA
Spanier	1975	EUA	Smith	2003	EUA
Albrecht et al	1977	EUA	Meier	2003	EUA
Murray	1978	Reino Unido	Rostosky et al	2003	EUA
Paxton & Turner	1978	EUA	Slap et al	2003	Nigéria
Mahoney	1980	EUA	Smith	2004	Nigéria
Tittle & Welch	1983	EUA	Simão	2005	Brasil
Woodroof	1985	EUA	Borges & Schor	2005	Brasil
Thornton	1985	EUA	Odimegwu	2005	Nigéria
Tanfer & Horn	1985	EUA	Regnerus & Smith	2005	EUA
Thornton & Camburn	1987	EUA	Heilborn & Cabral	2006	Brasil
Miller et al	1987	EUA	Villela & Doreto	2006	Brasil
Miller & Bingham	1989	EUA	Souza et al	2006	Brasil
Shornack & Ahmed	1989	EUA	Simão et al	2006	Brasil
Studer & Thornton	1989	EUA	Amaral & Fonseca	2006	Brasil
Jensen et al	1990	EUA	Manlove et al	2006	EUA
Casper	1990	EUA	L'Engle et al	2006	EUA
Thornton et al	1992	EUA	Francis	2007	EUA
Tanfer & Cubbins	1992	EUA	Borges & Schor	2007	Brasil
Chadwick & Top	1993	EUA	Kumi-Kyereme et al	2007	Gana
Kiragu & Zabin	1993	Quênia	Menning et al	2007	EUA
Hammond et al	1993	EUA	França	2008	Brasil
Billy et al	1994	EUA	Barbosa & Koyama	2008	Brasil
Reynolds	1994	EUA	Paiva et al	2008	Brasil
Davidson et al	1995	EUA	Vidal & Ribeiro	2008	Brasil
Cooksey et al	1996	EUA	Rios et al	2008	Brasil
Kiernan & Hobcraft	1997	Reino Unido	Silva et al	2008	Brasil
Brewster et al	1998	EUA	Gubert & Madureira	2008	Brasil
O'Connor	1998	EUA	Miranda-Ribeiro et al	2009	Brasil
Murray et al	1998	Chile	Burdette & Hill	2009	EUA
Fehring et al	1998	EUA	Tavares et al	2009	Cabo Verde
Davis & Lay-Lee	1999	Nova Zelândia	Nascimento & Gomes	2009	Brasil
Nascimento & Lopes	2000	Brasil	Rebello & Gomes	2009	Brasil
Garner	2000	África do Sul	Borges & Nakamura	2009	Brasil
Gupta	2000	Brasil	Freitas & Dias	2010	Brasil
Addai	2000	Gana	Cerqueira-Santos et al	2010	Brasil

Fonte: Revisão Bibliográfica Sistemática, elaboração própria.

Fase 4 - Análise e escrita da revisão

A última etapa (Fase 4) consistiu na elaboração final da revisão sistemática deste trabalho. Nesse fase, os arquivos que não contemplavam o objeto central da pesquisa, que é a associação entre religião, religiosidade e iniciação sexual na adolescência, não foram considerados. Foram 25 os artigos eliminados pela razão citada acima. Foram então analisados, ao todo, 55 artigos, e novas colunas foram adicionadas à lista de artigos, de tal forma que ficou restrita a: autores, ano, país pesquisado, natureza principal do estudo (empírico, teórico, crítica), se mostrava relação entre filiação religiosa e iniciação sexual, se mostrava relação entre frequência de ida à igreja ou participação na igreja e iniciação sexual, base de dados utilizada, sexo pesquisado, metodologia ou método, amostra (n; faixa etária) e nome do artigo (QUADRO 2).

QUADRO 2 - Artigos selecionados na revisão sistemática, Fase 4, de acordo com: autores, ano de publicação, país pesquisado, natureza principal do estudo (empírico, teórico, crítica), se mostra relação entre filiação religiosa e iniciação sexual, se mostra relação entre frequência de ida à igreja ou participação na igreja e iniciação sexual, base de dados utilizada, sexo pesquisado, metodologia ou método, amostra (n; faixa etária) e nome do artigo (n=55) (continua)

Autores	Ano	País pesquisado	Natureza principal do estudo	FR x I	PR x I	Base de dados	Sexo	Metodologia ou Método	Amostra (n)
Landis	1960	EUA	Empírico	S	S	Própria	FM	Quantitativa descritiva (teste de associação pelo qui-quadrado)	2654; universitários
Glass	1972	EUA	Empírico		*	Própria	FM	Quantitativa descritiva	301; ensino médio
Henze & Hudson	1974	EUA	Empírico	S	S	Própria	FM	Quantitativa descritiva	291; universitários
Miller e Simon	1974	EUA	Empírico		S	Própria	FM	Quantitativa descritiva	2064; 14-17
Spanier	1975	EUA	Teórico	n.a.	n.a.	n.a.	n.a.	n.a.	n.a.
Albrecht et al	1977	EUA	Empírico		S	Própria	FM	Correlações de Pearson Multivariadas	244; adolescentes
Murray	1978	Reino Unido	Empírico		S	Própria	FM	Análise multivariada de componentes e de médias recíprocas e matriz de correlação	1284; moda 14 anos
Mahoney	1980	EUA	Empírico		S	Própria	FM	Correlações de ordem zero, Testes para diferenças entre médias e proporções	441; universitários
Woodroof	1985	EUA	Empírico		S	Própria	FM	Regressão linear, one-way ANOVA	477; 17 - 19
Thornton	1985	EUA	Teórico	n.a.	n.a.	n.a.	n.a.	n.a.	n.a.
Tanfer & Horn	1985	EUA	Empírico	S	S	1983 National Survey of Unmarried Women	F	Quantitativa descritiva	1314; 20 - 29
Thornton & Camburn	1987	EUA	Empírico	S	S	Própria	FM	Análise multivariada, Coeficientes de regressão padronizada	mães
Miller et al	1987	EUA	Empírico	S	S	Própria	FM	Correlações de ordem zero, regressões padronizadas	836; 14 - 19
Miller & Bingham	1989	EUA	Empírico	S*	S	Zelnik and Kantner data set, 1979	F	Regressão múltipla, Correlações bivariadas	1571; 15 - 19
Shornack & Ahmed	1989	EUA	Crítica	n.a.	n.a.	n.a.	n.a.	n.a.	n.a.
Studer e Thornton	1989	EUA	Crítica	n.a.	n.a.	n.a.	n.a.	n.a.	n.a.
Jensen et al	1990	EUA	Empírico		S	Própria	FM	Análise de variância	423; 17 - 25
Casper	1990	EUA	Empírico	S		Própria	F	Modelo de regressão logística	1888; 15-19
Kiragu & Zabin	1993	Quênia	Empírico		S	Própria	FM	Regressão logística múltipla, Estimação de razão de chance ajustada	3182; adolescentes
Hammond et al	1993	EUA	Empírico	S		NLSY, 1979	FM	Modelo de regressão logística	14 - 22
Billy et al	1994	EUA	Empírico		S	NSFG III	F	Modelo de regressão logística, regressão tobit	1852; 15 - 19
Reynolds	1994	EUA	Crítica	n.a.	n.a.	n.a.	n.a.	n.a.	n.a.
Davidson et al	1995	EUA	Empírico		S	Própria	F	Teste qui-quadrado, Manova, Procedimento de Tukey	868; adultas
Cooksey et al	1996	EUA	Empírico	S		NSFG III e IV	F	Modelos de incidência em tempo discreto, regressão logística, Abordagem da estimação de	3374; 10 - 19
Brewster et al	1998	EUA	Empírico	S		NSFG-III e IV	F	Quantitativa descritiva, Estimação conjunta de verossimilhança	1975; 15 - 23
Murray et al	1998	Chile	Empírico		S*	Própria	FM	Regressão logística multivariada	4248; 11-19
Fehring et al	1998	EUA	Empírico		S	Própria	FM	Qualitativa: Entrevista. Correlação produto-momento e correlações de Pearson, Regressão s	82; 17 - 21
Davis & Lay-Lee	1999	Nova Zelândia	Empírico	S		National Survey of Sexual Lifestyle	FM	Análise de sobrevivência, regressão logística múltipla, Análise multivariada	2361; 18 - 54
Garner	2000	África do Sul	Empírico	S	S	Própria	FM	Qualitativa: Pesquisa Etnográfica, entrevista, visitas técnicas. Análise quant. descritiva	n.a.
Gupta	2000	Brasil	Empírico		S	DHS 1986 e PNDS 1996	F	Modelos logísticos multivariados estocásticos	5695; 15-24
Addai	2000	Gana	Empírico	S*		GDHS, 1993	F	Análise multivariada	1314; 15 - 49

QUADRO 2 - Artigos selecionados na revisão sistemática, Fase 4, de acordo com autores, ano de publicação, país pesquisado, natureza principal do estudo (empírico, teórico, crítica), se mostra relação entre filiação religiosa e iniciação sexual, se mostra relação entre frequência de ida à igreja ou participação na igreja e iniciação sexual, base de dados utilizada, sexo pesquisado, metodologia ou método, amostra (n; faixa etária) e nome do artigo (n=55) (fim)

Autores	Ano	País pesquisado	Natureza principal do estudo	FR x I	PR x I	Base de dados	Sexo	Metodologia ou Método	Amostra (n)
Longo	2001	Brasil	Empírico	S	S	BEMFAM, 1996	F	Modelo de regressão logística	1715; 15 - 24
Bearman & Brückner	2001	EUA	Empírico		S	Add Health, 1994 a 1996	FM	Modelos multivariados, modelo estocástico de taxas, estimação da função de sobrevivência	14787; séries 7 a 12 (EUA)
Scheepers et al	2002	Vários ¹	Empírico	S	S	ISSP-91 database	FM	Análise multinível	16604; 18 - 75
Rowatt & Schmitt	2003	EUA	Empírico		S	Própria	FM	Quantitativa descritiva (teste de associação pelo qui-quadrado), regressão múltipla, regressão	161; >18
Smith	2003	EUA	Teórico	n.a.	n.a.	n.a.	n.a.	n.a.	n.a.
Meier	2003	EUA	Empírico		S	Add Health, 1995 e 1996	FM	Relações bivariadas, modelo multivariado, probit ajustado por máxima verossimilhança, mod	4948; 15 - 18
Rostosky et al	2003	EUA	Empírico	S		Add Health, 1995 e 1996	FM	Análise de componentes principais, análise de correlação, modelo logístico hierárquico	3691; 15 - 21
Slap et al	2003	Nigéria	Empírico		S	Própria	FM	Modelo de regressão logística	2705; 12 - 21
Smith	2004	Nigéria	Empírico	*		Própria	FM	Qualitativa: Observação Participante	863; 15 - 24
Odimegwu	2005	Nigéria	Empírico	S	S	Própria	FM	Modelo de regressão logística	1153; 10 - 24
Regnerus & Smith	2005	EUA	Empírico	S	S	Add Health, 1994 e 1995	FM	Medidas múltiplas de religião, Modelos de mudança puros	12530; 11 - 20
Marlove et al	2006	EUA	Empírico		S	NSFG, 2002	FM	Regressão logística bi e multivariada, Qui-quadrado bivariado, análise de contraste	1838; 18 - 24
L'Engle et al	2006	EUA	Empírico		S	Própria	FM	Modelo de regressão logística	854; 12 - 15
Francis	2007	EUA	Empírico	S	S	Add Health, 1994 e 1995	FM	Modelo de regressão logística	17610; 11 - 21
Menning et al	2007	EUA	Empírico		S	Add Health, 1994	FM	Modelo de regressão linear, regressão linear ajustadas para survey, Logito ordenado	923; 15 - 20
França	2008	Brasil	Empírico	S		SRSR, 2002	F	Modelos de incidência em tempo discreto	2408, 15 - 24
Barbosa & Koyama	2008	Brasil	Empírico	S		Própria	FM	Pearson Qui-quadrado	65
Paiva et al	2008	Brasil	Empírico	S		Própria	FM	Quantitativa descritiva	5040; 16 - 65
Vidal & Ribeiro	2008	Brasil	Empírico		*	Própria	FM	Qualitativa: Análise de conteúdo de redações escritas por alunos	255, 14 - 19
Rios et al	2008	Brasil	Empírico	*		Própria	FM	Qualitativa: Etnografia, observação, levantamento documental, entrevistas.	n.a.
Silva et al	2008	Brasil	Empírico	*		Própria	FM	Qualitativa: Entrevistas semiestruturadas	n.a.
Burdette & Hill	2009	EUA	Empírico	S	S	NSYR, 2002 e 2005	FM	Modelo de regressão logística	3290, 13 - 17
Tavares et al	2009	Cabo Verde	Empírico	S		Própria	FM	Pearson's qui-quadrado, Fisher's exact test e modelo de regressão logística	768; 13 - 17
Nascimento & Gomes	2009	Brasil	Empírico	*		Própria	M	Qualitativa: Entrevistas semiestruturadas	19, 15 - 17

Fonte: Elaboração própria.

Notas:

FRxI = Encontrou relação entre filiação religiosa e iniciação sexual

PRxI = Encontrou relação entre religiosidade ou frequência de participação religiosa e iniciação sexual

(S) Relação entre as variáveis é descrita no texto

(*) Estudos que não pesquisam a ocorrência de iniciação, mas sim o conservadorismo religioso foram marcados com *

(S*) Variável está associada, mas perde significância no modelo completo.

(n.a.) Não se aplica

(1) Austrália, Áustria, Alemanha oriental e ocidental, Hungria, Irlanda, Itália, Israel, Holanda, Nova Zelândia, Irlanda do Norte, Noruega, Filipinas, Polónia, Rússia, Eslovênia, Estados Unidos

(F) Feminino

(M) Masculino

(FM) Feminino e Masculino

4.1.2 Descrição da RBS

As descrições a seguir se referem ao QUADRO 2, não devendo incorporar artigos que não tenham sido selecionados pelos filtros dessa Revisão Bibliográfica Sistemática. Esta revelou que, em 49 anos de pesquisas (1960-2009¹⁸), muito já foi feito em termos de se procurar maneiras de medir a influência da religião e da religiosidade na iniciação sexual.

A maior parte dos estudos encontrados nessa revisão foi feita nos Estados Unidos. Isso pode ser reflexo da escolha dos bancos de dados pesquisados na revisão, que contêm muitos periódicos editados nesse país.

Com relação ao ano de publicação, o primeiro artigo data de 1960, enquanto o mais atual data de 2009. É interessante notar que, de 55 artigos pesquisados, 27 artigos, ou 49% deles, foram publicados a partir do ano 2000, demonstrando o crescimento da religião, como variável de interesse em pesquisas sobre a iniciação sexual, ou o aumento do número de publicações científicas. O primeiro trabalho com foco no Brasil foi o realizado por Gupta (2000), com adolescentes residentes na região Nordeste.

A maior parte dos estudos (89,1%) teve caráter empírico. Esse resultado também pode ser reflexo da procura pela bibliografia em determinados artigos científicos.

Com relação aos resultados, a maioria dos trabalhos encontrou alguma relação entre filiação religiosa, religiosidade e iniciação sexual, sendo que os efeitos variaram conforme a população estudada, a inclusão de outras variáveis de controle e a própria filiação religiosa que estava sendo estudada com mais enfoque. Tanto a filiação religiosa, medida exclusivamente pela denominação religiosa autodeclarada pelo respondente, quanto a frequência de participação religiosa, que poderia ter sido medida pela frequência de ida à igreja, ou mesmo pela frequência com que o fiel pratica as

¹⁸ Apesar de o período pesquisado ser de 1950 a 2010, não foram encontradas referências para a década de 1950 e para o ano de 2010, que, na ocasião da pesquisa bibliográfica, ainda estava nos meses de julho/agosto.

atividades individuais da sua fé, como ler a bíblia, se mostraram preditoras consistentes do início das atividades sexuais na adolescência. Grosso modo, religiões ou igrejas conservadoras, assim como uma maior religiosidade, atuam negativamente na iniciação sexual, aumentando a idade do início da vida sexual. Com base nos resultados das análises dos artigos estudados, a religiosidade tende a ser melhor preditora do que religião, nos casos em que os efeitos das duas variáveis foram comparados.

Percebeu-se que tanto mulheres quanto homens foram pesquisados, dependendo da disponibilidade dessa variável na base de dados utilizada, ou do desenho da amostra, quando da coleta de dados feita pelos próprios autores. Algumas bases de dados se destacam pela grande quantidade de artigos publicados utilizando seus dados, como a *National Survey of Family Growth (NFSG)* (Billy et al, 1994; Cooksey et al, 1996; Brewster et al, 1998; Manlove et al, 2006); a *National Longitudinal Study of Adolescent Health (Add Health)* (Bearman & Brückner, 2001; Meier, 2003; Rostosky et al, 2003; Regnerus & Smith, 2005; Francis, 2007; Menning et al, 2007); e as *DHS - Demographic Health Surveys* (Gupta, 2000; Addai, 2000; Longo, 2001) que, embora sejam mais limitadas em termos de informação sobre religião, têm excelente cobertura e intervalos decenais, que permitem comparações.

Com relação à metodologia e aos métodos empregados nas análises dos artigos, percebe-se que, nas duas primeiras décadas, houve predominância da estatística quantitativa descritiva simples, sem testes de significância. Com o tempo, houve incremento e diversificação de técnicas, com grande destaque para o uso de regressões logísticas e testes de coeficiente de Pearson. A metodologia qualitativa só aparece a partir do final da década de 1990, com Fehring et al (1998).

O tamanho amostral variou conforme a base de dados utilizada, a técnica de coleta de dados e as variáveis de interesse na pesquisa. Nem mesmo autores que trabalhavam com a mesma base de dados tiveram amostras idênticas, visto que a exclusão ou inclusão de uma variável já seria suficiente para alterar o número de casos válidos.

A faixa etária pesquisada pelos estudos variou, sendo que alguns entrevistaram jovens adultos e adultos com relação à primeira experiência sexual. Acredita-se que, quanto mais tempo transcorrido desde a iniciação sexual, pior a qualidade da informação e maior o viés em que a análise incorre, já que a religião atual pode ser muito diferente da religião na época da iniciação sexual, como no caso de Davis & Lay-Lee, (1999) e Addai (2000), Rowatt & Schmitt (2003), Barbosa & Koyama (2008), Paiva et al (2008). Idosos foram incluídos em parte da análise de Scheepers et al (2002), já que o estudo em questão tinha o propósito de construir um índice de religiosidade para o país como um todo e não apenas na sua juventude.

Por último, a decisão inicial de pesquisar literatura científica estrangeira foi acertada, haja vista o pequeno número de artigos pesquisando a realidade brasileira (16%). Ciente de que alguns artigos relevantes para a situação brasileira não foram incluídos na RBS por não terem sido selecionados pelos filtros, esses foram incluídos nas análises de outros fatores associados à iniciação sexual na adolescência (item 4.2).

4.1.3 Classificações encontradas na RBS para religião e religiosidade

Apesar de os métodos de análise terem se diversificado ao longo do tempo, percebe-se, no entanto, que a sofisticação das técnicas de categorização das respostas só foi possível após a criação de questionários específicos, nas quais haveria espaço para mensurar a religiosidade e a filiação religiosa com mais detalhamento do que a simples pergunta sobre denominação religiosa e frequência de presença em cultos e celebrações. Dessa forma, as variáveis que ora eram unidimensionais foram assumindo, ao longo das pesquisas, caráter multidimensional, aumentando a sua sensibilidade em relação a algumas características que diferenciam pessoas mais religiosas das menos religiosas. Independente da forma como foram descritas, religião e religiosidade permaneceram, ao longo dos estudos, como variáveis associadas à iniciação sexual.

É importante dizer que, ao traduzir os termos em inglês, muito da diversidade lexical utilizada no inglês para descrever a frequência de ida à igreja (*church attendance, frequency of service, religious participation*) foi perdido, já que a autora optou por nomeá-las como frequência de participação ou ida a igrejas ou cultos. Apesar da diminuição da variedade de vocabulário, a tradução não mudou o sentido das sentenças.

A tradução das denominações religiosas, ao contrário, tentou ser a mais literal possível, com excessão das categorias *Mainline Protestants*, que no Brasil se refere aos protestantes históricos ou evangélicos de missão, e os *institutional sects*, que no Brasil seriam como subdivisões das igrejas pentecostais.

Formas de se classificar denominação/filiação religiosa

Com base nas metodologias dos artigos pesquisados na revisão bibliográfica, percebe-se que existem duas formas de se inserir a denominação religiosa nas análises quantitativas: a unidimensional e a multidimensional (QUADRO 3).

QUADRO 3 - Formas de se classificar denominação/filiação religiosa segundo artigos selecionados na Revisão Bibliográfica Sistemática, 2010

	Autores	Categorias de Resposta
Unidimensional	Henze & Hudson (1974); França (2008)	Católicas; protestantes históricas; pentecostais; outras; nenhuma
	Garner (2000)	Pessoas que se recusaram a responder; católicas; protestantes; outras; nenhuma
	Paiva et al (2008)	Católicas; protestantes históricas; pentecostais e carismáticos; espíritas kardecistas; afro-brasileiras; outras; nenhuma
	Barbosa & Koyama (2008); Tanfer & Horn (1985); Davis & Lay-Lee (1999); Scheepers et al (2002); Casper (1990)	Católicas; protestantes; outras; nenhuma
	Landis (1960)	Católicas; protestantes; judia; nenhuma
	Cooksey et al (1996)	Católicas, protestantes fundamentalistas ¹ ; outras
	Thornton & Camburn (1987)	Católicas; protestantes não fundamentalistas ¹ ; protestantes fundamentalistas ¹ ; outras
	Hammond et al (1993)	Católicas; protestantes históricas; fundamentalistas; seitas; não cristãs; nenhuma
	Addai (2000)	Católicas; protestantes; outras cristãs; muçulmana; tradicionais (pagãs e de Deus "pequenos"); nenhuma
	Slap et al (2003)	Cristãs; muçulmana; outra; nenhuma
	Odimegwu (2005)	Cristão ortodoxo; pentecostal; muçulmano; outras
	Gupta (2000) e Longo (2001)	Católica e não católica
	Miller et al (1987)	Mórmons e não mórmons
Tavares et al (2009)	Católica e outras (evangélicas, espíritas e outras)	
Multidimensional	Autores	Categorias de Resposta
	Murray (1978)	católicos ortodoxos e liberais
	Miller & Bingham (1989)	cristãos fundamentalistas, batistas e mórmons; protestantes não batistas, católicos não fundamentalistas, judeus e outras
	Brewster et al (1998)	católicos praticantes; católicos ocasionais; fundamentalistas; outras
Regnerus & Smith (2005)	protestante conservador e não protestante conservador	

Fonte: Revisão Bibliográfica Sistemática, elaboração própria.

Nota: (1) "Fundamentalista" se refere às categorias de filiação religiosa e não ao comportamento religioso.

Unidimensional

A maneira mais simples de se classificar uma denominação ou filiação religiosa é a forma unidimensional, na qual a categoria de resposta corresponde exatamente à filiação religiosa relatada pelo respondente. Caso tenha sido codificada e analisada assim como relatada pelo respondente, a filiação religiosa admitirá diversas categorias de resposta, que podem ser agrupadas de forma a facilitar a análise dos dados, como no caso dos participantes de igrejas metodistas e batistas que muitas vezes são agrupados em uma categoria maior denominada “protestantes históricos”.

Esse é o caso de diversos artigos pesquisados na revisão bibliográfica (QUADRO 3), como Henze & Hudson (1974), Garner (2000), Barbosa & Koyama (2008), França (2008) e Paiva et al (2008), que utilizam, na estatística descritiva, as categorias religiosas “católica”, “protestantismo histórico”, “pentecostal”, “outra” e “nenhuma”. Garner (2000) agrupou os carismáticos junto aos pentecostais e sugeriu ainda uma categoria para os que se recusaram a responder. Barbosa & Koyama (2008) agruparam “protestantismo histórico” com “pentecostal”, enquanto França (2008) o fez apenas no modelo de incidência em tempo discreto. Já Paiva et al (2008) ainda inclui “espírita kardecista” e “afro-brasileira”.

Além desses, Landis (1960), Tanfer & Horn (1985), Casper (1990), Davis & Lay-Lee (1999) e Scheepers et al (2002) utilizam as categorias “protestante”, “católica”, “outras” e “nenhuma”, sendo que Landis (1960), ao invés da opção “outras”, adiciona a categoria “judia”, ao passo que Casper (1990) inclui os de “nenhuma afiliação” na categoria “outras” (QUADRO 3).

Thornton & Camburn (1987) e Cooksey et al (1996) utilizaram como categorias de filiação religiosa “católicos”, “protestantes fundamentalistas” e “outras religiões”. Thornton & Camburn (1987) ainda adicionaram “protestantes não fundamentalistas”.

Hammond et al (1993), para indicar filiação religiosa de criação, utilizaram “protestantes históricos”, “católicos”, “fundamentalistas”¹⁹, “seitas”, “não cristã” e “sem religião”.

Por último, os pesquisadores de países africanos, Addai (2000), de Gana, e Slap et al (2003) e Odimegwu (2005), da Nigéria, incluíram a categoria muçulmano. Assim, Addai (2000) classificou as religiões em “sem religião”, “protestante”, “católico”, “outras cristãs”, “muçulmano” e “tradicionais pagãs” e “de Deus ‘pequenos’” (Addai, 2000, p. 340). Slap et al (2003), utilizaram as categorias: “cristãs”, “muçulmanos”, “outra” e “nenhuma”. E Odimegwu (2005) utilizou “cristão ortodoxo”, “pentecostal”, “muçulmano” e “outras” (QUADRO 3).

Dependendo do desenho da análise, ou do interesse da pesquisa, é mais interessante agrupar ainda mais as categorias de resposta, de forma a facilitar a análise, transformando-as em categorias binárias.

É o caso de Gupta (2000) e Longo (2001), que classificaram a filiação religiosa de forma binária (católica ou não), assim como Miller et al (1987) (mórmons ou não). Tavares et al (2009) também classificaram filiação religiosa de forma binária: católica e

¹⁹Código utilizado pela NLSY: 1. Mainline Protestants: Episcopalian, Lutheran, Methodist, Presbyterian, African Methodist, African Methodist Episcopal, African Methodist Episcopal-Zion, Disciples of Christ, Christian Methodist-Episcopal, Christian Reformed, Congregational, Free Christian Zion, Moravion, Dutch Reformed, Swedish Mission, United Church of Christ, Zion Union Apostolic Reformed, non-specified Protestant. 2. Fundamentalist: Advent Christian, Baptist, Conservative Baptist, Free Will Baptist, Northern Baptist, Primitive Baptist, Southern Baptist, Independent Bible Church, Christ in Christian Union, Christian and Missionary Alliance, Christian Catholic, Church of Christ, Evangelical, Evangelical Reformed, Evangelical Congregational, Evangelical Mission Covenant, Evangelical United Brether, Fundamental, Missionary, Nazarene, Plymouth Brethern, Reformed Church of Christ, Reformed United Church of Christ, Salvation Army, Triumph the Church of the Kingdom, United Brethern in Christ, Wesleyan Methodist, Other Protestant. 3. Catholic: Roman Catholic, Armenian Church, Eastern Orthodox, Greek Orthodox, Russian Orthodox. 4. Institutional Sect: Apostolic, Apostolic Faith, Apostolic Pentecostal, Assembly of God, Brethern Church, Christadelphian, Christian Science, Church of God, Church of God in Christ, Church of the Living God, Evangelical Friends, Foursquare Gospel, Friends (Quaker), Full Gospel, Church of Holiness, Jehovah's Witness, Latter Day Saints (Mormon), Latter Day Saints Reorganized, Mennonite, Mennonite Reformed, New Apostolic, Open Bible, Pentecostal, Pentecostal Assembly of God, Pentecostal Church of God, Pentecostal Free Will Baptist, Pentecostal Holiness, Pilgrim Holiness, Seventh Day Adventist, United Holiness, Witness Holiness. 5. Non-Christian: Jewish, Baha'i, Buddhist, Confucian, Hindu, Moslem, Muslim, Shinto, Sikh, Taoist, Spiritualist, Unitarian Universalist, Other Non-Christian. 6. No Religion: Code zero in the NLSY.

outras (evangélicos, espíritas e outras). Nesses estudos, aqueles que não acreditavam em Deus foram retirados da análise (QUADRO 3).

Multidimensional

Uma maneira mais sofisticada de categorizar as denominações religiosas é aquela que cria categorias que não somente indicarão a denominação religiosa *per se*, mas que acoplam uma outra característica que seja relevante ao estudo, como, por exemplo, a intensidade dessa religião, ou uma divisão interna, como no caso dos católicos, que podem ser mais conservadores ou liberais. Quatro exemplos são encontrados na revisão bibliográfica.

Murray (1978) separa a filiação religiosa católica, única estudada, entre aqueles considerados ortodoxos (que são mais conservadores) e os liberais. Já Miller & Bingham (1989) agrupam filiação religiosa em uma categoria binária que não somente engloba as religiões, mas divide-as conforme a sua posição contrária ou indiferente em relação ao sexo pré-marital. Assim, uma categoria é composta por “cristãos fundamentalistas”, “batistas” e “mórmons”, que são considerados contra sexo pré-marital. Já a outra categoria é composta por “protestantes que não são batistas”, “católicos não fundamentalistas”, “judeus” e “outras religiões” (QUADRO 3).

Brewster et al (1998) vão muito além e, com base no *National Center for Health Statistics (NCHS)*, classificam as seguintes religiões como protestantes fundamentalistas: Adventistas, Apostólicos (exceto Zionista reformada ou Armênia), Bíblia, Livre, Fundamental, Evangélica, *Holiness*, Testemunha de Jeová, Missionária, Nazarena, de Deus ou de *Living God* (exceto a *Mennonite*), Pentecostal e Santificada. Os autores reconhecem que possa haver pessoas fundamentalistas em outras religiões, mas não houve outro jeito de medir fundamentalismo; logo, esses podem estar subestimados. Com relação à intensidade da participação religiosa, foram considerados praticantes (*committed*) aqueles que fazem a comunhão ou participam

dos cultos pelo menos uma vez por semana, enquanto ocasionais são os que os fazem menos frequentemente. As religiões foram então agrupadas junto às frequências religiosas. Devido ao fato de a amostra de fundamentalistas ser pequena, esses não puderam ser classificados por frequência religiosa, mas sabia-se que frequentavam a igreja mais que a média. No final, quatro categorias religiosas permaneceram: “fundamentalistas”, “católicos praticantes”, “católicos ocasionais” e “outras” (QUADRO 3). Regnerus & Smith (2005) ficam na forma mais simplista, mas ainda assim multidimensional. Eles classificam sua amostra entre “protestantes conservadores” ou “não”.

Formas de se classificar a religiosidade

Além das duas formas (unidimensional e multidimensional) de se classificar as denominações religiosas, a categorização da religiosidade também fornece maior sofisticação, podendo exibir caráter uni e multidimensional (QUADRO 3.1).

QUADRO 3.1 - Formas de se classificar religiosidade segundo artigos selecionados na Revisão Bibliográfica Sistemática, 2010

	Autores	Categorias de Resposta
Unidimensional	Miller & Bingham (1989); Slap et al (2003)	Importância da religião na vida do respondente
	Landis (1960); Miller & Simon (1974)	Muito devoto, devoto, pouco religioso, indiferente e antagonista no caso de Landis (1960); muito religioso, um pouco religioso, não muito religioso e nada religioso no caso de Miller & Simon (1974).
	Mahoney (1980)	Grau de religiosidade, sendo 0=nada intenso e 20=muito intenso
	Henze & Hudson (1974)	Se a mulher frequenta os cultos de sua religião
	Longo (2001)	Se vai à igreja ou culto ao menos uma vez ao mês
	Gupta (2000)	Se vai à igreja uma vez por mês ou mais; se vai à igreja poucas vezes ao ano ou nunca
	Miller et al (1987); Jensen et al (1990); Hammond et al (1993); Davidson et al (1995); Murray et al (1998); Manlove et al (2006)	Frequência de ida aos serviços religiosos
	Autores	Categorias de Resposta
Multidimensional	Tanfer & Horn (1985); Albrecht et al (1977); Kiragu & Zabin (1993); Bearman & Brückner (2001); Meier (2003); Rostovsky et al (2003); Regnerus & Smith (2005); Odimegwu (2005); Francis (2007)	Frequência de ida à igreja (ou comunhão), importância pessoal da religião para o jovem; frequência que reza ou ora; participação em grupo de jovem; leitura diária da bíblia; pregação do evangelho; distribuição de material religioso; se se importava com o que Deus pensa dele ⁽¹⁾
	Regnerus & Smith (2005)	Escore médio de frequência de ida à igreja e importância da religião dentre todos os estudantes da escola; já ter "renascido" (<i>born again</i>) na primeira onda, ou entre uma onda e outra
	Woodroof (1985); Fehring et al (1998); Scheepers et al (2002); Rowatt & Schmitt (2003); L'Engle et al (2006); Burdette & Hill (2009); Menning et al (2007)	Escalas de resposta a diversas perguntas sobre religião e religiosidade
	Scheepers et al (2002)	Frequência religiosa dos pais e religiosidade dos pais

Fonte: Revisão Bibliográfica Sistemática, elaboração própria.

Unidimensional

Na forma unidimensional de classificação da religiosidade do respondente, apenas uma variável é levada em consideração: geralmente a frequência de participação nos cultos

e celebrações religiosas, ou qualquer outra que o(a) pesquisador(a) julgar ser uma *proxy* adequada da religiosidade de uma pessoa. Esse é o caso de diversos artigos pesquisados na revisão bibliográfica (QUADRO 3.1).

Muitos deram ênfase à religiosidade individual autoavaliada, que foi o caso de Miller & Bingham (1989) e Slap et al (2003), que a codificaram de acordo com a importância que a religião exerce sobre a vida da jovem: de baixa a alta, no caso de Miller & Bingham (1989), e muito importante, importante e não importante, no caso de Slap et al (2003). Landis (1960) e Miller & Simon (1974) dividiram por níveis de religiosidade (muito devoto, devoto, pouco religioso, indiferente e antagonista, no caso do primeiro, e muito religioso, um pouco religioso, não muito religioso e nada religioso no caso do último. Mahoney (1980) utilizou uma escala de 0 a 20 na qual o respondente deveria marcar o seu grau de religiosidade, sendo 0 = correspondente a nada intenso, e 20 = a muito intenso (QUADRO 3.1).

No entanto, a maioria deu ênfase à frequência de participação nos cultos e celebrações da sua igreja. Henze & Hudson (1974), Longo (2001) e Gupta (2000) criaram variáveis binárias, sendo, respectivamente: se a mulher frequenta os cultos de sua religião ou não frequenta; se vai a igreja ou culto ao menos uma vez ao mês ou se não vai; e se vai à igreja pelo menos uma vez por mês ou se vai à igreja poucas vezes ao ano ou nunca. Outros, no entanto, criaram escalas que simbolizam a frequência de ida aos serviços religiosos, que variavam de mais que uma vez na semana até nunca (Miller et al, 1987; Jensen et al, 1990; Hammond et al, 1993; Davidson et al, 1995; Murray et al, 1998; Manlove et al, 2006).

Multidimensional

A religiosidade também pode ganhar um caráter multidimensional caso seja estimada com base nas respostas a mais de um ou vários quesitos de uma pesquisa. A revisão

bibliográfica captou várias experiências de autores que utilizaram mais de uma variável para construir a variável religiosidade (QUADRO 3.1).

Em Tanfer & Horn (1985), Albrecht et al (1977), Kiragu & Zabin (1993), Bearman & Brückner (2001), Meier (2003), Rostosky et al (2003), Regnerus & Smith (2005), Odimegwu (2005) e Francis (2007), a religiosidade foi medida com base na resposta às perguntas sobre frequência de ida a igreja (ou comunhão), importância pessoal da religião para o jovem (exceto Albrecht et al, 1977), frequência que reza ou ora (exceto Tanfer & Horn, 1985; Kiragu & Zabin, 1993; e Regnerus & Smith, 2005) e outras variáveis pessoais do tipo participação em grupo de jovem (Meier, 2003; Francis, 2007), leitura da bíblia todos os dias, divulgação do evangelho, distribuição de material religioso e se a pessoa se importa com o que Deus pensa sobre ela (somente Odimegwu, 2005). Para resolver possíveis imprecisões e vieses relativos às respostas dos adolescentes sobre o que seria moralmente esperado, e não o que pensam na realidade, Regnerus & Smith (2005) ainda comparam as análises individuais dos respondentes com aquilo que é descrito pelos colegas por meio de duas outras medidas de religiosidade: um escore médio de frequência de ida à igreja dentre todos os estudantes da escola e uma média da importância da religião também calculada a partir das respostas de todos os alunos. Além disso, o questionário aplicado em Regnerus & Smith (2005) ainda possuía um quesito referente ao jovem já ter “renascido”²⁰ (*born again*) na primeira rodada da pesquisa, ou ter renascido entre uma rodada e outra.

Escalas de resposta a diversas perguntas também foram utilizadas por autores como Woodroof (1985), Fehring et al (1998), Scheepers et al (2002), Rowatt & Schmitt (2003), L'Engle et al (2006) e Burdette & Hill (2009). Para Woodroof (1985), a escala consistia em 11 perguntas sobre comportamento religioso: frequência aos cultos, frequência das rezas e preces pessoais, frequência da leitura da bíblia, frequência à escola dominical, grau de envolvimento na congregação, frequência com que se faz contribuições

²⁰ Ter recebido Jesus Cristo via batismo, ou ter passado a acreditar nele (ver item 3.3).

financeiras para a igreja, frequência com que conversa com outros jovens sobre as dificuldades e alegrias da vida cristã, frequência com que conversa sobre religião com amigos, familiares ou colegas, frequência com que tenta converter outras pessoas, como se compara a importância do envolvimento religioso do respondente hoje com o envolvimento que tinha antes de ir para a universidade e se o envolvimento religioso do jovem cresceu ou diminuiu desde que foi para a universidade. Já para Menning et al (2007), a religiosidade foi medida com base em uma escala de seis itens (ter uma filiação religiosa, concordar que a sagrada escritura é a palavra literal de Deus, frequência de ida aos serviços religiosos, importância da religião para o respondente, frequência de reza e frequência de participação em atividades religiosas para jovens). Quanto maior a pontuação na escala, maior a religiosidade (QUADRO 3.1).

Um índice mais sofisticado foi feito em Fehring et al (1998), no qual a religiosidade foi medida com base em sete dos 34 itens utilizados na *Springfield Religiosity Survey*, uma pesquisa criada por Koenig et al (1988, apud Fehring et al, 1998, p. 233). As sete dimensões são: pensamento ortodoxo, ritual, experiência religiosa, conhecimento religioso, bem-estar espiritual, religiosidade comunitária e religiosidade intrínseca, sendo esta última medida com base nas respostas a dez quesitos da *Intrinsic Religiosity Scale* desenvolvida por Hoge (1972, apud Fehring et al, 1998, p. 233), baseada na importância que o respondente dá para a fé: pensamentos ortodoxos, atividades religiosas organizadas (frequência de idas às celebrações e atividades promovidas pela igreja), suporte social religioso e atividade religiosas não organizadas (como orações, leitura da bíblia, etc). Para aumentar a confiança do índice, ele chegou a ser julgado por 158 líderes religiosos que apontaram o que seria uma pessoa religiosa (Koenig et al, 1988, apud Fehring et al, 1998).

Rowatt & Schmitt (2003) classificaram como orientação religiosa intrínseca, aquelas pessoas que utilizam a religião como um fim em si mesmo, por crescimento espiritual. Já as pessoas com orientação religiosa extrínsecas são aquelas que utilizam a religião para uma outra finalidade pessoal ou social. A definição do que era intrínseco e o que era extrínseco foi feita com base nas Escalas de Orientação Religiosa propostas por

Allport & Ross's (1967) e Batson & Schoenrade's (1991) (apud Rowatt & Schmitt (2003)). Participantes também respondiam sobre filiação religiosa e religiosidade autoavaliada, em escala variando entre um (nada religioso) e sete (extremamente religioso) (QUADRO 3.1).

Em L'Engle et al (2006), a variável de atitude religiosa foi medida utilizando a *Intrinsic Religious Motivation Scale*, cujas categorias de resposta (variando entre um – discordo fortemente e cinco – concordo fortemente) eram aplicadas às frases: “minha fé religiosa às vezes restringe minha ação”; “Nada é mais importante para mim do que servir a Deus da melhor forma que eu puder” e “Existem coisas mais importantes na minha vida do que religião” (L'Engle et al, 2006, p. 100, tradução minha). Os itens foram somados e com eles criado um escore de atitude religiosa. Já a frequência religiosa foi calculada com base em uma escala que ia de um (nunca) a cinco (quatro ou mais vezes no mês).

Por último, Burdette & Hill (2009) utilizavam respostas sobre ida à igreja, religiosidade pessoal (denominada saliência religiosa), religiosidade na esfera privada e religiosidade familiar (QUADRO 3.1).

Saindo da escala de religiosidade individual, em Scheepers et al (2002), a frequência religiosa dos pais foi relatada pelos estudantes. Já a religiosidade do país foi calculada baseada em Kelley & De Graaf (1997 apud Scheepers et al (2002)), que a calculou como uma média não ponderada da frequência religiosa dos pais e responsáveis na nação como um todo. As visões religiosas sobre o mundo foram calculadas com base nas respostas a perguntas sobre Deus e sua relação com as pessoas, o significado da vida e a existência de Deus. Billy et al (1994) também adicionam à frequência de ida aos cultos e celebrações da igreja ou comunhão (católicos) uma variável que diz respeito à religiosidade da comunidade na qual estavam inseridos, por meio do cálculo da prevalência de pessoas consideradas religiosamente aderentes e religiosamente aderentes e conservadores. Os autores não explicam com profundidade como calcularam essa prevalência.

4.1.4 Resultados encontrados na RBS

Brasil

Ao todo, nove estudos da Revisão Bibliográfica Sistemática sobre iniciação sexual e religião ou religiosidade tiveram como foco o Brasil. Foram encontrados quatro pontos principais, considerados não excludentes, mas complementares.

O primeiro ponto foi que a frequência religiosa, independente de filiação religiosa, estava relacionada com a menor iniciação sexual pré-marital (Gupta, 2000; Longo, 2001). Dessa forma, quanto maior a frequência de participação nos cultos e missas, menor a chance de a jovem ter se iniciado sexualmente.

Um segundo ponto encontrado foi que a filiação religiosa também indicou ter correlação com a iniciação sexual, sendo que mulheres sem religião eram as que tinham maiores chances de se iniciar sexualmente mais cedo (Longo, 2001; França, 2008). Os percentuais de iniciação são menores em mulheres criadas em famílias protestantes históricas (França, 2008), porém esse resultado perde significância no modelo bivariado. Barbosa & Koyama (2008) não encontraram a mesma relação para mulheres protestantes, mas sim para homens protestantes e pentecostais, sendo que os católicos e os sem religião foram os que se iniciaram mais cedo.

Um terceiro ponto encontrado na revisão é que a filiação religiosa aparenta estar relacionada com a opinião do jovem a respeito do sexo pré-marital ou na adolescência. Para os jovens evangélicos pentecostais, por exemplo, sexo só pode ser praticado dentro do casamento, ou seria considerado pecado ou “fornicação” (Silva et al, 2008). Esses jovens também colocam grande valor na figura do pastor e na escolha pessoal pelo caminho da religião, já que para se tornarem pentecostais tiveram que passar por uma conversão pessoal (Silva et al, 2008; Nascimento & Gomes, 2009). Protestantes e pentecostais eram os que menos concordavam com as afirmações de que sexo é uma fonte de prazer, satisfação e uma necessidade física, como fome e sede. As duas

categorias religiosas também eram as que mais concordavam com o fato de que homens e mulheres deveriam esperar pelo casamento para perder a virgindade. No entanto, o conservadorismo ainda é levemente explícito, pois mais pessoas concordam que mulheres (e não homens) devem esperar o casamento para iniciar a vida sexual (Paiva et al, 2008).

Os resultados da RBS indicam que o grupo católico viveria a religiosidade sem participar dos rituais e sem se deixar levar pela moral católica vinda do Vaticano, a qual proíbe sexo pré-marital e o uso de preservativo. Para eles, a sexualidade faz parte da juventude e é preciso ter somente autonomia e maturidade para iniciá-la (Silva et al, 2008). Os sem religião, assim como os católicos, também tendem a ser mais liberais com relação ao sexo antes do casamento (Paiva et al, 2008).

No estudo de Silva et al (2008), a amostra de jovens entrevistados foi indicada pelas próprias autoridades religiosas. É natural que essas indicassem pessoas da sua confiança, que compartilhassem da sua opinião, e não o contrário. Esse fato reforça que os evangélicos em geral podem não ser tão religiosos como os que participaram da entrevista, e que os católicos gerais, quando não carismáticos, podem ser mais liberais que os evangélicos, visto que mesmo aqueles católicos indicados pelas autoridades religiosas já discordavam do Vaticano em certa medida, e tinham opiniões mais liberais.

Apesar de as opiniões serem tão divergentes, Paiva et al (2008), utilizando a mesma base de dados de Barbosa e Koyama (2008), analisaram opiniões e atitudes diante da iniciação e educação sexual de adolescentes brasileiros, comparando respostas em 1998 e 2005, e descobriu não existir um perfil bem delineado de adolescentes conservadores ou liberais, já que muitos dos que defendem abstinência até o casamento defendem também a educação sexual nas escolas e o crescimento da tolerância com relação ao sexo homossexual. Vidal & Ribeiro (2008), em um estudo qualitativo, também observaram a variedade de discursos dos jovens.

Em resumo, os jovens entendem que existem discursos conflitantes na esfera da sexualidade, já que coexistem ideologias sexuais tradicionais e outras mais liberais. O resultado é fruto de uma “negociação entre as partes”, e não de uma impulsividade (Nascimento & Gomes, 2009, p. 1106).

O quarto ponto encontrado nessa revisão bibliográfica dos artigos brasileiros diz respeito à opinião das autoridades religiosas, que é, em geral, menos heterogênea e liberal que a dos jovens. Rios et al (2008) e Silva et al (2008), em pesquisas qualitativas, investigam o posicionamento de lideranças religiosas católicas e evangélicas sobre juventude e sexualidade. Segundo esses autores e os dados colhidos, tanto católicos quanto evangélicos criticam a erotização precoce que estimula a sexualidade juvenil e, apesar de reconhecerem as mudanças que a sociedade enfrentou na esfera da sexualidade, consideram que a vida sexual continua sendo um direito dos casados. O atrelamento do sexo ao casamento ainda é uma preocupação dos líderes religiosos, já que sexo só deve ser feito após o jovem adquirir responsabilidade, e, por responsabilidade, entende-se consciência, maturidade afetiva, formação educacional e inserção no mercado laboral e matrimônio (Rios et al, 2008). Para uma leiga da Igreja Pentecostal, o jovem deveria esperar o casamento, pois essa é “a maior responsabilidade do jovem para com Deus e para com a Igreja” (Rios et al, 2008, p. 677). Além disso, a juventude é considerada uma fase perigosa, em que as pessoas estão expostas ao risco de ceder às tentações. Uma maneira de evitar essa “queda”, ou consertar um erro, como uma gravidez na adolescência, seria fazendo a opção pelo casamento precoce (Silva et al, 2008).

Um líder da Igreja Católica discute a dificuldade de socializar os jovens nos preceitos sexuais da Igreja, já que esses passam muito tempo na rua, em convívio com amigos, e não escutam mais os pais ou os líderes religiosos. Mesmo com aulas de catecismo, escolas dominicais, sermões ou ainda encontros de casais e de jovens e com outras oportunidades nas quais os discursos contra o sexo pré-marital são feitos de forma mais aberta, nada é páreo para as influências externas. Assim, as igrejas têm que lançar mão de outras estratégias para assegurar que seus jovens não se atrevam a

engajar em atividades sexuais, como a ameaça da perda da posição de liderança ou do prestígio dentro da igreja. Há também uma valorização do jovem que espera, e a estigmatização daquele que desvia. “A estigmatização constitui estratégia importante para manter o rebanho sob controle” (Rios et al, 2008, p. 681).

Mundo

Os estudos internacionais circulam em três eixos que, assim como no Brasil, não são excludentes.

O primeiro eixo de estudos diz respeito à associação da denominação religiosa ou filiação religiosa à iniciação sexual. O sinal da relação tende a mudar conforme a orientação da religião. As mais permissivas costumam estar associadas com a iniciação sexual, enquanto as mais conservadoras tendem a agir no sentido de postergar o início da relação sexual. No entanto, há pouca consistência com relação aos resultados por filiação religiosa, haja vista que a religião que é considerada permissiva ou conservadora varia conforme a pesquisa, o país pesquisado e a época do estudo.

É interessante notar, a princípio, que a filiação católica, embora seja um grupo conservador, contra qualquer tipo de relação pré-marital, extramarital, incluindo uso de contracepção (Brewster et al, 1998, p. 496), tende a ser mais conservadora no exterior do que no Brasil (Bruneau, 1982 in Verona, 2010²¹), onde apresenta grande variedade de crenças e práticas. Esse fato sugere que, apesar de os católicos serem regidos pelo Vaticano, a heterogeneidade dentro do grupo é grande.

Enquanto Landis (1960) e Tavares et al (2009), em épocas diferentes, descobriram que católicos se iniciavam mais cedo que seus pares protestantes, outro grupo de pesquisadores encontrou que católicos possuíam comportamento mais conservador e,

²¹ Referência fora da RBS.

por isso, iniciavam-se mais tarde que o grupo de protestantes (Casper, 1990; Odimegwu, 2005).

Já Addai (2000), em um estudo sobre diferenças religiosas e iniciação sexual em Gana, encontrou que mulheres pertencentes a esses dois grupos religiosos, protestantes e católicos, que em Gana são igualmente liberais, têm maiores chances de já terem se iniciado sexualmente, do que as de grupos de pentecostais conservadores.

Ao se comparar católicos e protestantes é possível que o conservadorismo de cada uma tenha variado com o tempo. Cooksey et al (1996) e Brewster et al (1998), em dois estudos sobre o impacto da religião no comportamento sexual de jovens adolescentes, compararam duas rodadas da mesma pesquisa para notar diferenças com relação ao impacto da religião ao longo do tempo. Como resultado, protestantes tiveram menos chance do que os católicos de terem permanecido virgens entre as duas entrevistas²². No entanto, católicos e outras religiões tiveram aumento na iniciação sexual na segunda entrevista. Os autores atribuem esse fato ao crescimento da voz política de grupos protestantes, que conseguiram instituir políticas moralistas na década de 1980, como programas de educação sexual, justamente no período entre as duas rodadas da pesquisa.

Um achado quase universal é o fato de que pessoas sem religião tiveram mais chances de serem sexualmente iniciadas que seus pares com alguma filiação religiosa (Landis, 1960; Davis & Lay-Lee, 1999; Francis, 2007; Tanfer & Horn, 1985). No entanto, Burdette & Hill (2009) esbarram em um resultado inusitado: não ter religião estava associado com menores chances de perda de virgindade, se comparados com adolescentes conservadores de afiliação protestante. Uma das possíveis explicações é que adolescentes sem filiação podem estar mais expostos a mensagens de saúde

²² Apesar de as pesquisas terem focado apenas as mulheres nunca casadas, os autores não definem se as mulheres que eventualmente se casaram entre as rodadas da entrevista foram excluídas da análise, já que não houve, ou não foi revelado se houve, variável de controle para casamento. Simplesmente, o grande número de fundamentalistas que perderam a virgindade pode ser sinal de casamento, e não de quebra com padrões da igreja. Nesse caso, um possível casamento precoce pode refletir ainda mais a sua característica fundamentalista.

pública que os adolescentes com alguma filiação religiosa, que vivem protegidos por seus pais e pela igreja dessas mensagens, que muitos podem considerar contra os princípios religiosos (Burdette & Hill, 2009).

O segundo eixo de pesquisas, assim como no Brasil, busca associar a frequência de participação aos cultos e celebrações (frequência religiosa) e/ou a religiosidade do jovem com a iniciação sexual. Sem grandes variações nos resultados, a maior participação nos cultos e celebrações, assim como uma maior religiosidade, tendem a estar associadas com a postergação no início da atividade sexual (Miller et al, 1987; Woodroof, 1985; Miller & Simon, 1974; Menning et al, 2007; Slap et al, 2003; Fehring et al, 1998; Albrecht et al, 1977; Woodroof, 1985; Rostosky et al, 2003; Scheepers et al, 2002; Fehring et al, 1998).

Odimegwu (2005), por exemplo, encontrou que frequentar regularmente os serviços da igreja, como distribuição de panfletos, leitura da bíblia, oração diária e evangelização de pessoas na rua, afetavam ainda mais a iniciação sexual, pois quem o fazia tinha maiores chances de pensar que sexo deveria esperar o casamento. Murray et al (1998), em um estudo sobre fatores associados com a iniciação sexual no Chile, chegaram ao mesmo resultado: estudantes de ambos os sexos que raramente iam a serviços religiosos tinham maior chance de serem sexualmente iniciados, no entanto, a religiosidade perdeu significância no modelo completo.

Albrecht et al (1977), por meio de uma regressão logística do tipo *stepwise* que buscasse um modelo que predissesse ser ou não virgem, concluíram que comportamento religioso é um bom preditor para virgindade, mas não para a não virgindade, que pode estar relacionada com variáveis não investigadas. Woodroof (1985) também chegou à mesma conclusão: virgens formam um grupo tão homogêneo na sua amostra que em 98% das vezes o *status* de virgindade pode ser predito com base no escore de comportamento e orientação religiosa. O mesmo não acontece para o grupo de não virgens, que é muito mais heterogêneo (Woodroof, 1985)

Em geral, os que se consideram mais religiosos (religiosidade individual) também tendem a ter menores chances de iniciação sexual precoce (Meier, 2003; Mahoney, 1980; Tanfer & Horn, 1985; Landis, 1960; Francis, 2007; Miller & Bingham, 1989; Kiragu & Zabin, 1993; Rostosky et al, 2003; Rowatt & Schmitt, 2003). No estudo de Burdette & Hill (2009), cada unidade de aumento em frequência aos cultos e celebrações (*church attendance*) está associada com uma redução de 8% nas chances de iniciação sexual, porém, cada unidade de aumento em saliência religiosa está relacionada com 27% de diminuição na chance de ter uma relação sexual (Burnett & Hill, 2009).

Woodroof (1985) chama de *intrinsically oriented* aquele jovem que possui maior nível de religiosidade individual, como leitura de bíblia e rezas individuais, ao contrário dos *extrinsically oriented*. Ambos frequentam a igreja. A maior diferença entre eles é que o primeiro vê a religião como um fim em si, e por isso, a pratica, enquanto o segundo segue aquela religião como forma de obter algo mais, como contatos sociais. Ele conclui que existe uma relação entre virgindade e tipo de orientação religiosa: enquanto 86% dos *intrinsically oriented* eram virgens, apenas 62% dos *extrinsically oriented* não tinham se iniciado sexualmente. Rowatt & Schmitt (2003), em um estudo sobre orientação religiosa e experiências sexuais, descobriram que mulheres tendem a ser mais *intrinsically oriented* que homens. Para os autores, ser extrínseco está associado com outros comportamentos mais permissivos, como relações sexuais pré-maritais, masturbação, sexo oral, liberalismo sexual (Woodroof, 1985) e adultério (Leak, 1993 apud Rowatt & Schmitt, 2003).

Por causa dessas diferenças, para Burdette & Hill (2009) a religiosidade que se manifesta no âmbito privado pode ser melhor indicadora de religiosidade, especialmente em idades mais avançadas, já que o adolescente que frequenta cultos e cerimônias o faz porque assim deseja, e não porque foi obrigado, como seria o caso de crianças ou adolescentes mais novos, que são “carregados” para os cultos por suas famílias.

Mahoney (1980), em um estudo sobre religiosidade e comportamento sexual de estudantes universitários, encontrou que a religiosidade também está associada à ordem dos acontecimentos sexuais aos quais estão sujeitos os adolescentes do sexo masculino, já que, quanto mais religioso, maior o número de atividades sexuais experimentadas antes do coito. Assim, quanto menos religioso o jovem, mais cedo o coito acontece no início da escala (média de 7,5 em 20). Já para altamente religiosos, o coito é a atividade sexual de posição 17, depois de todos os tipos de contato oral e estimulação oral. Essa característica, segundo o autor, pode ser indício de que o adolescente esteja disposto a equilibrar as pressões entre a religião, que proíbe o sexo pré-marital, e as pressões do grupo, que incentivam o início sexual.

Além de a religiosidade e a frequência de participação aos cultos e celebrações do próprio jovem terem impacto sobre sua iniciação sexual, outras variáveis estiveram presentes nos estudos. Quanto mais religiosa a família, menores as chances de o jovem ter se engajado em carícias ou sexo oral, para homens e mulheres, embora para as últimas, o efeito da religiosidade da família seja mais forte. A esse fato podem estar associadas a ênfase à virgindade feminina, as tradições patriarcais e a importância da bíblia, que destaca a virgindade feminina (Burdette & Hill, 2009).

Scheepers et al (2002) chegaram ao mesmo resultado: aqueles cujos pais tinham maior frequência de ida à igreja, o que para os autores é uma *proxy* de integração social religiosa, tinham as atitudes mais conservadoras. No entanto, nesse caso, a frequência de participação na igreja, para os pais, explica menos as variações na atitude moral do jovem respondente do que a frequência religiosa do próprio jovem, sugerindo que a segunda seja mais forte.

Além da religiosidade/religião individual e da família, Billy et al (1994) encontraram que a religiosidade da comunidade, ou o percentual de pessoas que vão à igreja, também está relacionada com a diminuição da probabilidade da jovem ter se iniciado sexualmente. Segundo o autor, isso é sinal de que os custos psicológicos de engajar em atividades sexuais em comunidades muito religiosas podem ser altos.

Resumindo, tanto a religiosidade individual, seja ela intrínseca ou extrínseca, quanto a religiosidade da família e da comunidade, estão associadas à iniciação sexual.

O terceiro e último eixo das pesquisas internacionais diz respeito à associação da filiação religiosa ou religiosidade com o grau de permissividade com relação aos contatos íntimos sexuais e/ou a opinião e a atitude sobre sexo pré-marital ou na adolescência. A permissividade anda junto com a iniciação sexual, obedecendo quase que às mesmas associações, podendo se diferenciar dentro das filiações religiosas, geralmente em função do grau de conservadorismo de cada divisão religiosa da mesma filiação.

Entre os católicos ortodoxos e liberais, por exemplo, os últimos eram os mais sexualmente permissivos, que exibiam menos convicção religiosa e uma visão mais liberal do aborto e do controle da parturição (Murray, 1978). Comparando os protestantes pentecostais e históricos, os últimos eram mais liberais com relação ao sexo antes do casamento e com relação a mulheres também poderem fazer sexo pré-marital. Já entre os pentecostais, namoros não existiam e, para que dois jovens se casassem, um rapaz deveria conversar com uma mulher mais velha da igreja e pedir a ela que fizesse o contato com a futura noiva (Garner, 2000).

A permissividade também foi correlacionada negativamente com a vida religiosa (Murray, 1978). Já a iniciação sexual foi correlacionada positivamente com pessoas permissivas, inclusive com as que iam à igreja algumas vezes ao ano (Jensen et al, 1990), e analogamente correlacionada negativamente com pessoas não permissivas (Fehring et al, 1998). Apesar de ir contra a literatura, os autores encontram que a permissividade também estava correlacionada com pessoas que iam à igreja toda semana (Jensen et al, 1990). Nesse caso, a hipótese dos autores é de que essas pessoas frequentam a igreja por conformidade social, e não por motivos religiosos.

A permissividade também parece estar associada à comunidade e à família das quais o jovem faz parte, confirmando a necessidade de variáveis multidimensionais para

religiosidade que englobem o contexto no qual o jovem está inserido. Scheepers et al (2002) encontram que as pessoas que mais têm chances de terem visões conservadoras são as criadas em famílias católicas, seguidas das protestantes e de outras religiões, enquanto as que foram criadas por pais sem denominação religiosa tinham a visão menos conservadora.

O papel dos valores familiares e individuais nas atitudes e nos comportamentos sexuais de jovens foi estudado por Thornton & Camburn (1987). São incorporadas, na base de dados, informações não só dos filhos, mas das suas mães, já que a frequência com que os pais frequentam serviços religiosos pode ser também a frequência com que os filhos vão às cerimônias. Além disso, pais que frequentam tendem a estar mais alinhados com os ensinamentos da igreja, o que, por sua vez, se reflete nos ensinamentos e valores que são passados de pais para filhos (Thornton & Camburn, 1987). Alguns achados são singulares. Por exemplo, a percepção e a atitude dos adolescentes são influenciadas pelas atitudes da mãe, sendo mais forte para as filhas. Mães protestantes fundamentalistas são as que guardam mais atitudes tradicionais com relação à iniciação sexual pré-marital, e como não podia deixar de ser, seus filhos percebem seu conservadorismo. Já os filhos de mães católicas pensam que suas mães são mais restritivas do que elas realmente são. Independente da religião da mãe, ser fiel de uma religião fundamentalista tem maior influência nas atitudes dos filhos, sugerindo que a influência da igreja pode vir indiretamente dos pais, mas também diretamente, através da participação dos filhos.

Finalmente, Meier (2003), em uma pesquisa de caráter longitudinal, descobriu que, para mulheres, ter tido relações sexuais aumentou o grau de permissividade para o ato sexual pré-marital. No entanto, sua pesquisa não conseguiu captar se a mudança no grau de permissividade é devido à maior exposição à informação sobre sexo à medida que começaram a praticá-lo, ou devido à utilização do discurso permissivo como uma justificativa por ter tido relações sexuais em uma idade precoce. A autora chama essa mudança no grau de permissividade de “adaptação da atitude depois da primeira relação sexual”, que pode corroborar as análises enviesadas sobre motivação ou grau

de desejo para com a primeira relação sexual, já que a pergunta “o quanto você queria ter tido relação sexual na ocasião da primeira vez” é respondida após o ocorrido (Meier, 2003, p. 1047).

4.1.5 Considerações metodológicas para estudos sobre religião e sexualidade adolescente

A revisão bibliográfica também foi utilizada para entender e salientar alguns aspectos metodológicos relevantes, os quais deveriam ser levados em conta na ocasião de uma pesquisa sobre sexualidade feita com adolescentes.

O primeiro tópico a ser abordado compreende a definição sobre o que é religião, o que é religiosidade, a forma como o respondente interpreta as duas coisas e a consistência com relação a esses significados ao longo da pesquisa e entre os entrevistados. Religião pressupõe um conjunto de crenças, rituais e códigos morais que são compartilhados por aqueles que são seguidores. Pressupõe-se também que as diferentes denominações estarão relacionadas com diferentes normas e expectativas que contribuem para a formação e a prática do comportamento, incluindo a iniciação sexual (Thornton & Camburn, 1989). Sendo dada a uma pessoa geralmente ainda na infância, e com poucas chances de mudança, a denominação religiosa poderia, então, por meio dos seus valores, normas e ensinamentos, definir ou ajudar a definir um comportamento (Thornton & Camburn, 1989).

No entanto, ser católico no Brasil é diferente de ser católico nos Estados Unidos, já que neste último, costuma-se ser mais conservador; além disso, mesmo para pessoas nascidas e batizadas nessa religião no mesmo país, por exemplo, a relação pessoal que a pessoa exerce com a religião poderá ser ou não definidora da sua denominação. A pessoa escolhe, no momento da entrevista, se falará que é ou não católica, e ela vai julgar se ter sido batizada será um fator determinante, ou não. Uma pessoa que foi batizada e nunca mais voltou à igreja pode querer dizer que é católica, ao passo que

uma pessoa batizada que vai a igreja somente para assistir casamentos, poderá dizer que não é.

Com relação à religiosidade, ir à igreja com alguma frequência, para um católico, já é considerado praticante (dentre os mandamentos da igreja, está o de ir à igreja aos domingos e dias santos). Para um evangélico, no entanto, o esperado é que se vá com a maior frequência possível (Roper, 2007). Logo, comparações sobre quem é mais praticante devem ser feitas com cautela.

A mesma coisa acontece quando se pergunta o nível de religiosidade. Para um jovem criado em uma casa ou em uma comunidade em que o nível de engajamento religioso pessoal, como rezas, leitura de bíblia e participação nas atividades da igreja, é comum, se ele rezar ou orar apenas uma vez na semana, poderá se sentir menos religioso que a maioria, e responderá na pesquisa que é, de fato, menos religioso. Já um jovem que gosta de rezar individualmente antes de dormir, porém foi criado em um ambiente secular, onde não se seguem dogmas ou rituais, pode se sentir mais religioso que a maioria, e dizer que seu nível de religiosidade é alto (Billy et al, 1994; Scheepers et al, 2002).

Diante dessas questões, são necessárias medidas que categorizem religião e religiosidade da forma mais adequada, a fim de controlar essas possíveis alterações e de conseguir medidas “padronizadas” de religiosidade e religião. Utilizar escalas de religiosidade (pouco, médio ou muito) seria nesse caso desaconselhável, e medidas que controlem o que está sendo chamado de religiosidade, como, por exemplo, ler a bíblia todos os dias ou anunciar o evangelho, são preferíveis.

Além disso, a religiosidade medida no âmbito privado (orações, leitura de bíblia) pode ser melhor indicadora de religiosidade, especialmente no final da adolescência, já que o adolescente que pratica atividades ligadas à religiosidade o faz porque deseja, e não porque foi obrigado pelos pais ou pela comunidade, como seria em idades mais juvenis,

quando o adolescente ainda poderia ser obrigado a frequentar a igreja pelos pais (Burdette & Hill, 2009).

Um segundo problema metodológico a ser enfrentado é com relação ao tempo transcorrido desde a relação sexual até a entrevista da pesquisa, já que podem ter se passado muitos anos, e a religião no momento da entrevista pode não ser a mesma religião do momento da relação sexual (Thornton & Camburn, 1989). Estudos qualitativos e estudos quantitativos longitudinais podem lançar luz sobre esses questionamentos. Além disso, também servem para investigar possíveis causalidades entre religião, religiosidade e atividade sexual (Meier, 2003).

A causalidade reversa é o terceiro grande problema a ser enfrentado em estudos desse tipo. Ao invés de ser considerado virgem por ser evangélico, por exemplo, o adolescente pode, simplesmente, ter optado por essa religião para que ganhasse respaldo em continuar com a sua virgindade “intacta” ou seu comportamento menos permissivo (Brewster et al, 1998). Da mesma forma, um adolescente pode começar a ter atitudes contrárias ao que sua religião prega, e, por causa disso, dizer que é menos religioso. Enquanto Thornton & Camburn (1989) encontraram evidências de que o comportamento pode influenciar a subsequente religiosidade, Meier (2003), diante de duas rodadas da mesma pesquisa, não observa que adolescentes que perderam sua virgindade se tornam menos religiosos. Ela descobre, no entanto, que as atitudes pessoais são sim afetadas pela iniciação sexual para meninas, mas não para meninos. Além disso, para Meier (2003), atitudes sobre sexo atenuam os efeitos da religiosidade, pois essas estão mais ligadas à atividade sexual que à religiosidade. E enquanto atitudes religiosas têm efeito sobre uma variedade de esferas da vida, atitudes sobre sexo somente têm efeito sobre sexo.

Um quarto problema em estudos sobre sexualidade em geral é a qualidade das respostas. Em primeiro lugar, é preciso confiar na precisão das respostas, e quanto mais tempo tiver transcorrido entre o acontecimento (relação sexual) e o relato (entrevista), maiores as chances da data e das circunstâncias nas quais o evento

aconteceu sumirem da memória (Miller & Simon, 1974). Entrevistar adolescentes e jovens adultos faz com que a qualidade da informação seja maior, já que o tempo transcorrido entre o evento e a entrevista é menor. Em segundo lugar, é preciso saber contornar possíveis exageros nas respostas, já que jovens podem tender a exagerar suas experiências, como parte de uma ideologia dominadora que valoriza a virilidade masculina (Heilborn & Cabral, 2006). Outra possibilidade é que os jovens caminhem pelo lado inverso e escondam a verdade por medo, vergonha, ou ainda para manter os papéis de gêneros socialmente construídos, nos quais as mulheres devem fazer papel de virgens.

Em um estudo sobre a iniciação sexual masculina e feminina de jovens adolescentes no Brasil, Heilborn & Cabral (2006) descobriram que existem diferenças de gênero marcantes com relação a assumir atividades sexuais. Enquanto 18% das mulheres e 11% dos homens reportaram nunca terem feito sexo oral, e 24% das mulheres e 12% dos homens disseram não ter feito masturbação a dois, 25% das mulheres e 60% dos homens disseram ter praticado sexo anal, o que esboça uma clara diferença que só pode ser sinal de que as mulheres ainda estão inibidas para admitir suas práticas, ou que homens andam exagerando na ocorrência. Essa proporção masculina de sexo anal na juventude é muito mais alta do que nos Estados Unidos (26% dos homens e 20% das mulheres) e em alguns países da Europa (na França é de 16% para ambos os sexos). No entanto, no Brasil, em lugares mais liberais e onde há maior igualdade de gênero, como no ambiente universitário, as proporções de homens e mulheres que já fizeram sexo anal se tornam mais similares.

Para tentar reduzir ao máximo a chance de um jovem exagerar ou esconder informação, principalmente por medo de ser identificado ou por vergonha do entrevistador, a tecnologia tem tido papel importante. Na pesquisa *Add Health*, os questionários aplicados no domicílio utilizavam uma tecnologia chamada *Audio-enhanced, computer-assisted self-interviewing (audio-CASI)*, que permitia que o aluno escutasse as perguntas em um *headphone* individual, e as respondesse diretamente em um *laptop* (Rostosky et al, 2003).

Uma quinta consideração nos estudos sobre sexualidade é pensar que o sexo, na forma de relação sexual vaginal, é a única forma de definir primeira vez, perda da virgindade ou início da vulnerabilidade a doenças, gravidezes indesejadas e outras consequências. Como bem notaram Borges & Schor (2007), antes da primeira relação sexual, os jovens engajam em outras experiências como carícias e sexo oral. Para as autoras, essas experiências merecem ser pesquisadas a fundo, dada a sua relevância para a vulnerabilidade dos jovens, que muitas vezes são deixados à margem de serviços de saúde e discussões sobre prevenção por nunca terem tido relação sexual com penetração, apesar de já esboçarem comportamentos de risco. Além disso, segundo as autoras, o fato de a adolescência não ser uma fase homogênea, com trajetórias bem demarcadas, traz à baila a necessidade de se discutir os múltiplos processos pelos quais o jovem caminha na sexualidade, não tendo apenas a primeira vez como variável de interesse.

Um sexto problema está relacionado à declaração sobre o grau de permissividade dos pais relatado pelos filhos. Segundo Thornton & Camburn (1987), crianças com atitudes e comportamentos mais permissivos tendem a pensar que seus pais também são mais permissivos, a fim de justificar o seu comportamento. Além disso, por exemplo, pode ser que a rigidez familiar não seja a definidora do *status* sexual do filho, mas sim o contrário: para alguns jovens com comportamento muito liberal para o sexo, a família talvez tenha que se fazer mais presente, tornando mais rígidas as regras de comportamento (Kiragu e Zabin, 1993).

A sétima consideração diz respeito à utilização de variáveis simples, unidimensionais e relações binárias entre religião e a variável de interesse. Tittle & Welch (1983) realizaram uma revisão bibliográfica e descreveram como problemas metodológicos o fato de a maioria das pesquisas utilizarem relações bivariadas para examinar a influência da religião sobre o comportamento, já que essa relação, caso exista, estará sujeita a muitos outros fatores do que simplesmente um efeito direto. Houve, nos artigos pesquisados na revisão bibliográfica feita por Tittle & Welch (1983), poucas tentativas de explorar o modo como a religião opera a sua influência, e qual seria a

lógica causal mais apropriada em cada caso. Além disso, muitos estudos também não possuem embasamento teórico, mas consideram a religião ou religiosidade uma variável de controle e acabam diminuindo o mérito dessa variável na explicação do modelo (Tittle & Welch, 1983).

Além disso, usar somente a igreja pode não ser um bom indicador, pois, como já dito anteriormente, a ideologia varia muito de uma denominação para outra (Albrecht et al, 1977). Burnette & Hill (2009) também criticam os estudos feitos até o presente momento e, embora haja consenso de que são necessárias variáveis multidimensionais para se medir a religiosidade, pouco tem sido feito além de se utilizar as variáveis de denominação religiosa e frequência de ida à igreja, que são geralmente transformadas em índices que podem mascarar associações entre variáveis dependentes e as variáveis que ficaram “escondidas” (Burnette & Hill, 2009).

Uma oitava consideração é a possibilidade de sexo não consentido, ou feito sob coerção, que pode acontecer com meninas e meninos de todas as religiões. Após a violência sexual, as pessoas podem reportar que já fizeram sexo, contribuindo para o aumento das estatísticas de sexualmente iniciados, quando na verdade, elas são vítimas. A não interpretação correta do sexo voluntário ou consentido pode mascarar os resultados e levar os pesquisadores a pensar, por exemplo, que uma pessoa extremamente religiosa é sexualmente iniciada, quando na verdade ela pode ter sido vítima de violência. Especialmente no estudo da religião e da sexualidade, é imprescindível se ter certeza de que a relação foi consentida antes de se fazer análises sobre religião e comportamento sexual (Browne & Finkelhor, 1986; Beitchman et al, 1992 apud Reynolds, 1994).

O sexo sob coerção é mais comum do que se imagina. Moore et al (1989) estimam que 7% das jovens americanas de 12-22 tinham tido pelo menos um episódio de relação sexual involuntária. Em outro estudo, desta vez com estudantes universitárias americanas, 15% das mulheres relataram ter sido estupradas ao menos uma vez, sendo que 41% eram virgens no momento do estupro (Koss, 1988). Para controlar

esses casos, é necessário sempre perguntar a idade da primeira relação, o relacionamento com a pessoa com quem se teve a primeira relação e o papel da coerção na iniciação sexual. Quando a baixa idade (abaixo dos 14 anos) não serve como sinal de relação coercitiva, a idade do parceiro, quando muito acima da idade da parceira, pode ser sinal de coerção (Reynolds, 1994).

A nona consideração relevante diz respeito à amostra. Muitos dos estudos são feitos utilizando amostras muito localizadas ou seletivas, que impedem que os achados sejam generalizados para a população total, ou são baseados em amostras de conveniência, como alunos de uma mesma escola ou estudantes de algum curso de graduação (Brewster et al, 1998). É preciso atenção para não generalizar as experiências de alguns para o todo, especialmente em se tratando de uma variável cultural como religião.

Por último, é necessário levar em conta o que Regnerus & Smith (2005) chamam de efeitos de seleção. Os autores apontam que muito do que é considerado efeito da religião pode, na verdade, ser reflexo de efeitos de seleção, vieses na pesquisa ou efeitos espúrios. Jovens com problemas de comportamento, por exemplo, vão menos à igreja. É preciso tomar cuidado, então, para não dizer que esses jovens possuem tal comportamento porque não vão à igreja, ou que os jovens com bom comportamento são assim porque estão sob influência da religiosidade. Assim, para entender os efeitos da frequência religiosa no comportamento sexual, é necessário entender os efeitos da interação com outras variáveis (Jensen et al, 1990).

Diante disso, Regnerus & Smith (2005) aconselham a trabalhar sempre com quatro hipóteses. A primeira é que a religião realmente influencia a variável dependente. A segunda é que efeitos de seleção operam para fazer com que a religião pareça ter influência quando na verdade não tem. Em terceiro lugar, alguns jovens decidem implementar práticas religiosas na sua vida de forma a aumentar os benefícios indiretos. Por último, a associação entre religião e a variável de interesse pode ser fruto da causalidade reversa.

Como pode ser visto, diversas considerações metodológicas devem ser feitas antes de se dar início a uma pesquisa sobre sexualidade e religião/religiosidade, de preferência antes mesmo de dar início à instrumentação da coleta de dados. Apesar de ter sido uma tentativa de elencar as considerações mais relevantes, os tópicos anteriormente relacionados não esgotam as considerações metodológicas de tal tema de pesquisa, tampouco as descreve com detalhes.

4.2 Outros fatores associados à iniciação sexual na adolescência

Além da filiação religiosa e da religiosidade, outras variáveis aparecem nos estudos sobre sexualidade adolescente como associadas à iniciação sexual pré-marital ou adolescente, seja para seu adiamento ou seu início precoce. As variáveis aqui citadas não se referem apenas às encontradas na revisão sistemática deste trabalho, mas também a outros artigos e trabalhos publicados sobre o contexto brasileiro, que foram coletados e revistos de forma a expandir o entendimento sobre fatores gerais associados à iniciação sexual.

Algumas das variáveis citadas foram encontradas associadas à iniciação sexual apenas em modelos univariados, perdendo significância em modelos múltiplos na presença de outras variáveis explicativas, como, por exemplo, a educação. Outras foram utilizadas como variáveis de controle em estudos sobre iniciação sexual, mas acabaram por registrar associação. Muitas também parecem ter efeito para apenas um sexo (feminino ou masculino). Como não era objetivo deste trabalho pesquisar os fatores associados além de religião e religiosidade, não foi feita uma análise das condições sobre as quais as variáveis a seguir estão associadas à iniciação sexual. O que se pretende mostrar é que existe um grande número de trabalhos publicados que associam características sociodemográficas, de comunidade, domicílio, família e as individuais de um adolescente com a sua iniciação sexual.

Diversas variáveis sociodemográficas são pesquisadas como tendo associação com a iniciação sexual. São elas: **escolaridade** (Gupta, 2000; Gupta & Leite, 1999; Leite et al, 2004; Verona e Regnerus, 2009; Casper, 1990; Tavares et al, 2009; Miller & Simon, 1974); **idade** (Paxton & Turner, 1978; Gupta, 2000; Gupta & Leite, 1999; Leite et al, 2004; Verona & Regnerus, 2009; Rotosky et al, 2003); **raça/cor** (Gupta, 2000; Gupta & Leite, 1999; Leite et al, 2004; Cesare & Vignoli, 2006; L'Engle et al, 2006; Verona & Regnerus, 2009; Casper, 1990; Rotosky et al, 2003); **sexo** (Gupta, 2000; Gupta & Leite, 1999; Leite et al, 2004; Verona & Regnerus, 2009; Cerqueira-Santos et al, 2010; Borges et al, 2006; Tavares et al, 2009; Bearman & Bruckner, 2001; Rostosky et al, 2004); **residência durante a infância** (Gupta, 2000; Gupta & Leite, 1999; Leite et al, 2004; Verona & Regnerus, 2009); **grau de urbanização** (Gupta, 2000; Gupta & Leite, 1999; Leite et al, 2004; Verona & Regnerus, 2009); **região geográfica** (Gupta, 2000; Gupta & Leite, 1999; Leite et al, 2004; Verona & Regnerus, 2009); e **condição socioeconômica** (Bearman & Bruckner, 2001; Cerqueira-Santos et al, 2010; Manlove et al, 2006).

Outros estudos encontram associações entre iniciação sexual e variáveis de oportunidade, aquelas relacionadas à disponibilidade de parceiro sexual, como: **ter namorado fixo** (Miller & Simon, 1974; Bearman & Bruckner, 2001); **já ter tido namorado ou ter começado a namorar cedo** (Bearman & Bruckner, 2001; Rotosky et al, 2003); **grau de compromisso no relacionamento – tempo juntos e projetos para casamento** (Fehring et al, 1998; Bearman & Bruckner, 2001; Spanier, 1975); **permissividade com relação a sexo** (Meier, 2003); **atração pelo parceiro, curiosidade e desejo de não ser virgem** (Borges & Schor, 2007); **amor ou prova de amor** (Borges & Schor, 2007); **oportunidade** (Meier, 2003); e **idade do parceiro** (Manlove et al, 2006; Gupta, 2000).

Entre as variáveis da comunidade, do domicílio e da família, estão aquelas que não dependem diretamente do jovem, ou seja, são fatores alheios à sua vontade: **supervisão familiar** (Kiragu e Zabin, 1993; L'Engle et al, 2006); **residir em domicílio próprio** (Borges et al, 2006); **homogeneidade religiosa do lugar** (Scheepers et al, 2002; Meier, 2003); **ser filho de mulher que foi mãe adolescente** (Ku, 1993; Thornton

& Camburn, 1987; Manlove et al; 2006; Borges et al, 2006); **mãe solteira no domicílio** (Newcomer & Udry, 1987); **morar com os pais e ter bom diálogo com eles** (Bearman & Bruckner, 2001); **famílias poligâmicas** (Slap et al, 2003); **emprego da mãe** (Thornton & Camburn, 1987); **tamanho da família** (Thornton & Camburn, 1987); **ter pais divorciados** (Thornton & Camburn, 1987; Kiernan et Hobcraft, 1997; Woodroof, 1985); **escolaridade da mãe** (Billy et al, 1994; Thornton & Camburn, 1987; Rotosky et al, 2003); **não morar com pais biológicos** (Manlove et al, 2006); **ter irmãos mais novos** (Miller et al); **ter irmãos mais velhos no domicilio** (Rodgers, 1983 apud Miller & Bingham, 1989); **presença de irmão ou irmã que já passou por uma gestação pré-marital** (Borges et al, 2006); **aspirações de ensino superior dos filhos ou dos pais** (Miller e Simon, 1974; Rotosky et al, 2003; L'Engle et al, 2006); **monitoramento dos filhos** (Meier, 2003); **envolvimento com padrastro** (Menning et al, 2007); **não ter os dois pais no domicílio** (Billy et al, 1994); e **conversar sobre sexo com a mãe e/ou pai** (L'Engle et al, 2006; Kahn & Roberts, 1984).

Por último, as variáveis individuais são todas aquelas que biológica e psicologicamente, dizem respeito ao jovem, como: **habilidades cognitivas** (Bearman & Bruckner, 2001); **menarca** (Manlove et al, 2006; Billy et al, 1994; Cooksey et al, 1996; Kiernan et Hobcraft, 1997) **maturidade física, popularidade, autoestima, prática de esportes** (L'Engle et al, 2006; Bearman & Bruckner, 2001); **melhor acesso a informação e métodos, incluindo mídia** (Gupta, 2000; Gupta & Leite, 1999; Leite et al, 2004; L'Engle et al, 2006; Verona & Regnerus, 2009); **pensar que os amigos são sexualmente ativos ou ter amigos sexualmente ativos** (Mckinnon et al, 2008; L'Engle et al, 2006; Gupta & Leite, 1999; Kiragu e Zabin, 1993; Miller e Simon, 1974); **pressão psicológica do parceiro** (Borges & Schor, 2007); **comportamento de risco como uso de drogas e álcool** (Kiragu & Zabin, 1993); **repetência escolar** (Kiragu & Zabin, 1993); **atividade delinquente** (Miller & Simon, 1974); **participação no mercado de trabalho** (Gupta, 2000; Gupta & Leite, 1999; Leite et al, 2004; Verona & Regnerus, 2009); **participação em movimentos como o *Virginity Pledge*** (Bearman & Brückner, 2001); **hormônios** (Burdette & Hill, 2009); **participação em atividades**

extracurriculares (Bearman & Bruckner, 2001); e **gostar da escola** (Bearman & Bruckner, 2001)

Em resumo, muito se tem pesquisado sobre os fatores associados à iniciação sexual. Há evidências claras de que fatores tanto de contexto quanto individuais são importantes.

Apesar de a literatura também indicar diferentes fatores como mais importantes que outros, há um consenso entre os estudiosos sobre a importância da educação sexual eficiente e da disponibilização de métodos de proteção às doenças sexualmente transmissíveis e de métodos contraceptivos para aqueles que desejem adiar, limitar ou espaçar a fecundidade, de forma a evitar gravidezes não planejadas. Também há consenso sobre a necessidade de se oferecer melhores oportunidades educacionais e perspectivas de vida, para que os jovens possam praticar o aprendizado da sexualidade sem correr riscos, e para que não vejam a maternidade e a paternidade adolescente como o único caminho possível.

5 MATERIAL E MÉTODOS

Este capítulo tem como objetivo apresentar o material e os métodos utilizados nas análises desta dissertação. O objeto de pesquisa no qual o trabalho se concentra é a iniciação sexual de adolescentes estudantes de escolas estaduais na RMBH de acordo com sua participação religiosa (variável que combina a denominação “religião” com a “frequência religiosa”, sendo que a primeira diz respeito ao grupo religioso, e a segunda, à frequência de participação nas atividades religiosas).

As análises propostas compreendem, primeiramente, a realização de uma análise descritiva, a fim de encontrar diferenciais por participação religiosa, com respeito a algumas variáveis sociodemográficas e de estilo de vida selecionadas.

Posteriormente, serão utilizados modelos de regressão logística univariados para verificar os fatores associados à iniciação sexual na adolescência. Por último, modelos de regressão logística multivariados verificarão o comportamento da variável participação religiosa quando controlada por variáveis socioeconômicas e de estilo de vida.

Este capítulo se divide em três partes. A primeira apresenta a base de dados empregada, enquanto a segunda descreve as variáveis utilizadas na análise. Finalmente, são mostrados os procedimentos estatísticos e matemáticos da análise descritiva e da modelagem por meio de regressão logística.

5.1 Dados

Os dados analisados neste trabalho advêm da pesquisa amostral longitudinal “Pesquisa Jovem”, que foi financiada pela Secretaria de Estado de Desenvolvimento Social e Esportes de Minas Gerais (Sedese) e conduzida pelo Centro de Desenvolvimento e

Planejamento Regional da Universidade Federal de Minas Gerais (Cedeplar/UFMG) entre 2007 e 2010 em alguns municípios de Minas Gerais. A metodologia da pesquisa consistiu em entrevistar, por três anos consecutivos, uma amostra representativa de adolescentes que, no início da pesquisa, cursava o 1º ano do Ensino Médio da rede estadual de ensino. A primeira coorte, foco desta dissertação, foi entrevistada pela primeira vez nos municípios de Ribeirão das Neves, Belo Horizonte, Pedro Leopoldo e Esmeraldas em novembro de 2007 (FIG. 2).

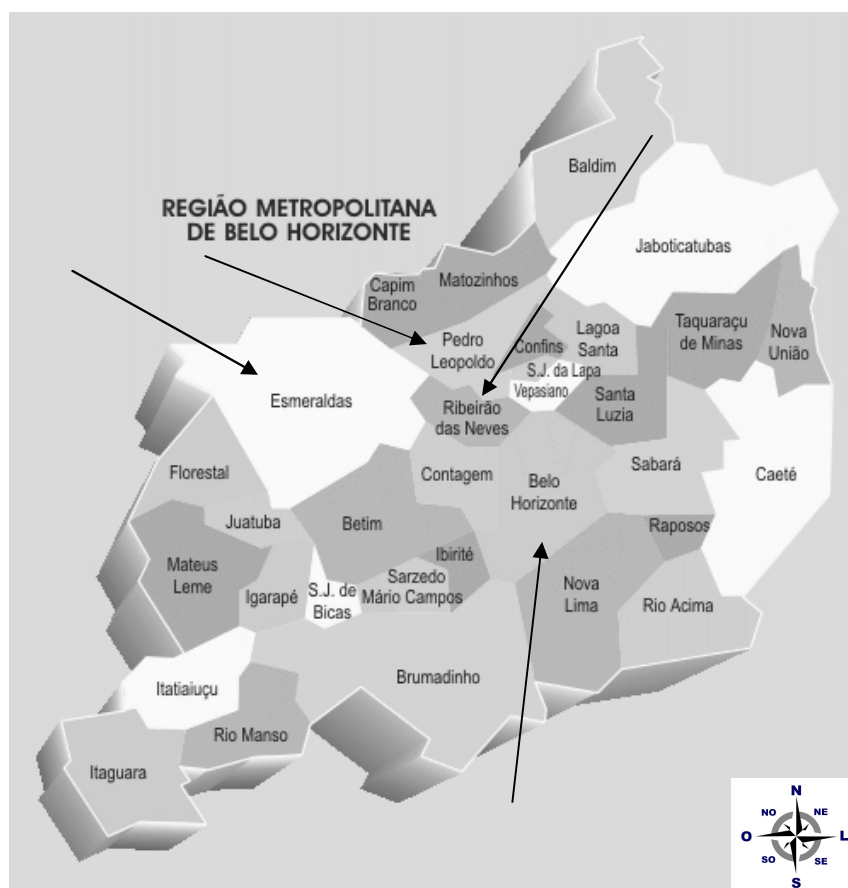
A análise feita aqui se concentra na segunda rodada (onda) da primeira coorte, cuja coleta de dados ocorreu em novembro de 2008. No total, qualificavam para essa segunda entrevista 3.385 estudantes que, no ano anterior (2007), estavam cursando o 1º ano do Ensino Médio da rede estadual nos municípios em estudo. No momento da pesquisa, 2.820 (83,3%) cursavam o 2º ano, enquanto 551 (16,3%), repetentes, permaneciam no 1º ano. Quatorze pessoas, ou 0,4% da amostra, não completaram essa informação corretamente, mas foram incorporadas à análise. Percebeu-se que 446 adolescentes que haviam completado a primeira onda da pesquisa não responderam o questionário na segunda onda. Essa quantidade representa 13,2% do total de alunos que deveriam ter sido entrevistados (3.385), os quais foram excluídos da análise.

Para garantir a representatividade, a amostragem das escolas estaduais que participaram da pesquisa foi feita por conglomerados, em um estágio, com estratificação geográfica. A escolha do número de escolas em cada um dos estratos geográficos foi feita proporcionalmente ao número de escolas em cada uma das regiões. Para a seleção das escolas, foi adotado um procedimento de amostragem com probabilidades proporcionais ao tamanho (PPT), sendo que a medida de tamanho adotada foi o número de alunos matriculados na 1ª série do Ensino Médio.

Os estratos foram definidos em Ribeirão das Neves, município central da amostra, como as regiões geográficas Centro, Veneza e Justinópolis. Em municípios vizinhos a Ribeirão das Neves, os estratos foram definidos como as regiões geográficas dos

municípios de Pedro Leopoldo, Esmeraldas e Belo Horizonte (localizadas na região de Venda Nova), adjacentes a Ribeirão das Neves. A seleção das escolas localizadas em Pedro Leopoldo foi realizada com probabilidades proporcionais à distância às escolas localizadas na região central de Ribeirão das Neves, considerando maior a probabilidade quanto mais próxima à escola. O mesmo procedimento foi adotado para a seleção das escolas localizadas em Esmeraldas e Belo Horizonte, com probabilidades proporcionais à distância das escolas localizadas respectivamente nas regiões de Veneza e Justinópolis, em Ribeirão das Neves (Rios-Neto, 2007).

Figura 2 - Mapa da Região Metropolitana de Belo Horizonte e indicação das cidades selecionadas para a aplicação dos questionários da Pesquisa Jovem



Fonte: Granbel, 2011.

Como pode ser observado no QUADRO 4, os municípios da Região Metropolitana de Belo Horizonte escolhidos para a aplicação dos questionários possuem baixo IDHM quando comparados com a capital, Belo Horizonte. Além disso, eles apresentam maior incidência de pobreza, menor PIB *per capita* e menor desigualdade de renda.

QUADRO 4 - Características gerais dos municípios selecionados na RMBH para a aplicação dos questionários da Pesquisa Jovem

	Belo Horizonte	Pedro Leopoldo	Esmeraldas	Ribeirão das Neves
População ¹	2.375.444	58.696	60.153	296.376
PIB per capita (reais) ²	17.313,06	14.305,34	4.746,23	4.409,33
IDHM, 2000 ³	0.839	0.807	0.748	0.749
Índice de Gini ⁴	0,42	0,41	0,34	0,33
Incidência de Pobreza ⁴	5,43	18,88	17,95	23,2
Proximidade com Belo Horizonte ⁵	n.a.	28,7 km	49,9 km	18,1 km

Fontes:

1 - IBGE, Primeiros Resultados do Censo 2010

2 - IBGE, Produto Interno Bruto dos Municípios 2008

3 - PNUD, Índice de Desenvolvimento Humano, 2000

4 - IBGE, Mapa de Pobreza e Desigualdade, 2003

5 - Googlemaps, 2011

Uma vez escolhida a escola e obtida autorização da diretoria, os questionários eram distribuídos em sala de aula, em dia marcado durante o período letivo, para toda a turma. Após recolher assinatura de Termo de Consentimento Livre e Esclarecido pelos alunos, era feita uma leitura em voz alta, seguida da entrega individual de uma cópia de documento que atestava a idoneidade da pesquisa, o caráter sigiloso das respostas, o seu aceite pela comissão de ética da UFMG, e telefones de contato para mais informações. O questionário, autoaplicado e com 39 páginas, inquiriu sobre características pessoais, situação socioeconômica, trabalho, educação, estilo de vida, saúde, relacionamentos, violência, sexualidade e opiniões sobre temas em geral, formando uma rica base de dados sobre diferentes aspectos da vida dos adolescentes estudantes de escolas estaduais na RMBH.

Apesar de a entrevista ter contemplado todos os estudantes presentes nas escolas amostradas no dia da aplicação do questionário, este estudo se concentra naqueles cuja etapa de vida fosse a adolescência. Logo, foram excluídos os não pertencentes à

faixa etária 15-19 anos. Nesta pesquisa, 93,3% dos alunos entrevistados tinham entre 15-19 anos em 2008, ocasião do preenchimento do questionário. A escolha dessa faixa etária justificou-se por compreender o período da adolescência em que a iniciação sexual ocorre com maior frequência, porém ainda é o período no qual grande parte ainda não se iniciou sexualmente, o que permite comparações entre esses dois segmentos dentro da população estudada, além de permitir comparações com outros estudos científicos cujo critério de divisão etária seja quinquenal.

Analogamente, foram excluídos os que, apesar da pouca idade já se encontravam em união estável ou matrimônio, além dos que diziam ser viúvos, já que tais *status* maritais implicariam no início da vida sexual, e por essa razão poderiam contribuir para mascarar as estatísticas de início da vida sexual antes do casamento. Esses somaram apenas 48 pessoas, ou 1,8% da amostra entrevistada de 15-19 anos. Sabe-se que o engajamento em união estável ou matrimônio em idades juvenis está relacionado com o fator religioso. Porém, por ser pequena a amostra (n=48), ela não garantiria representatividade estatística para ser levada à análise de *status* marital por religião. Um único aluno classificou seu *status* marital como “rejeitado”, e foi agrupado junto ao grupo de solteiros.

Por se tratar de um estudo sobre religião, alunos que não responderam à questão sobre sua religião ou sua frequência religiosa foram excluídos da análise. Esses somaram 17, ou menos de 1% da amostra qualificada de solteiros entre 15 e 19 anos.

Após as exclusões, a amostra total constituiu-se de 2.658 alunos. As 1.489 mulheres (56%) e os 1.169 homens (44%) foram analisados separadamente.

É importante destacar a seletividade dos estudantes que participaram da pesquisa e completaram o questionário. Esses são apenas uma parcela dos estudantes matriculados que estariam aptos a responder à pesquisa, pois são aqueles que estavam presentes em sala de aula na ocasião da entrevista. Pressupõe-se que não haverá diferencial entre os estudantes que não responderam porque faltaram à aula no

dia da entrevista e os estudantes que estavam presentes e que por isso completaram o questionário.

No entanto, mais importante ainda é destacar a seletividade dos jovens que estavam matriculados e frequentes ao sistema público de ensino, visto que muitos jovens sequer chegam ao Ensino Médio e outros, presentes na primeira onda, em 2007, abandonaram a escola ou mesmo evadiram, mudaram de escola ou faleceram. Nesse caso, não é possível generalizar a realidade das entrevistas para todos os jovens da RMBH que, apesar de estarem em idade escolar, não frequentam a escola. A literatura revela que jovens que abandonam a escola ou evadem possuem características sociodemográficas muito diferentes daqueles que continuam. Logo, em um contexto de pobreza e violência, os jovens que conseguem seguir com os estudos e são captados em pesquisas desse tipo são um público seletivo, cujas características podem diferir dos seus pares que não puderam ou não quiseram continuar sua educação.

5.2 Variáveis

Como já explicado anteriormente, por se tratar de uma pesquisa focada em adolescentes, religião e iniciação sexual na adolescência, os maiores de 19 anos, os casados ou em união estável (incluindo os poucos viúvos) e todos aqueles que ignoraram a questão sobre sua própria religião atual, sexo ou não quiseram/souberam responder foram excluídos, fazendo com que a amostra final tenha 2.658 alunos. Desses, o número de alunos que se disse sem religião atual foi igual a 247, ou 9,4%, e o número de alunos que disse ter como religião atual alguma categoria predeterminada no questionário foi igual a 2.229 ou 84% dos que responderam. Apenas 182, ou 6,8%, disseram ter uma religião não citada entre as 13 categorias do questionário. A estes foi dada a possibilidade de escrever por extenso o nome da sua religião (ver tópico 5.2.2).

Com o objetivo de verificar diferenciais por religião e sexo no que tange à iniciação sexual de estudantes do Ensino Médio de escolas estaduais em Ribeirão das Neves, Belo Horizonte, Pedro Leopoldo e Esmeraldas em 2008, a amostra foi analisada segundo o sexo do adolescente.

5.2.1 Variável dependente (binária)

A variável dependente binária utilizada nas regressões logísticas é (0) *não ter tido relação sexual* ou (1) *ter tido relação sexual*, que foi aplicada a toda a amostra nos modelos univariados e multivariados.

A variável “ter tido ou não relação sexual” foi criada a partir do quesito “Você já teve relações sexuais (já transou alguma vez)”, cujas opções de resposta já eram binárias: 0 (não) e 1 (sim).

5.2.2 Variável independente de interesse

A variável de interesse é a participação religiosa, que combinou as seis categorias de resposta sobre denominação religiosa: (1) católicos; (2) protestantes históricos; (3) protestantes pentecostais; (4) protestantes neopentecostais; (5) outras religiões e (6) nenhuma religião, com a frequência na qual o adolescente comparecia às cerimônias de sua religião (praticantes, esporádicos ou nominais). Infelizmente, o desenho do questionário não incluiu outras variáveis que pudessem ser utilizadas para compor uma variável multidimensional de religiosidade, tais como leitura diária de bíblia e evangelização de desconhecidos na rua. O processo de construção da variável participação religiosa se encontra a seguir:

Primeiramente, no que diz respeito à religião atual, religião passada e religião da mãe, as respostas continham 13 categorias previamente codificadas: Adventista, Assembleia de Deus, Batista, Candomblé, Católica, Deus é Amor, Espírita, Evangelho

Quadrangular, Igreja Universal do Reino de Deus, Metodista, Presbiteriana, Testemunha de Jeová e Umbanda. Além dessas, havia a opção “não tenho religião” e a resposta aberta “outras”, onde o aluno poderia escrever a denominação religiosa correspondente ao que lhe foi perguntado. A única exceção é que para o quesito referente à sua mãe, a opção de não religião era “ela não tem religião”, além da opção “não tenho mãe viva”.

Como esse quesito (religião atual), juntamente com os quesitos “religião em que foi criado” e “religião da mãe”, comportaram respostas abertas, foram encontradas, em toda a amostra, inclusive entre aqueles casos excluídos, 93 denominações religiosas diferentes²³ que tiveram que sofrer recodificação a fim de reclassificá-las entre as categorias principais em que este estudo se concentra, as quais serão apresentadas mais adiante. Optou-se por realizar essa recodificação em toda a amostra, não apenas nos casos válidos deste estudo, com o intuito de padronizar as tomadas de decisão, facilitando trabalhos futuros com essa rica base de dados. A classificação de algumas denominações religiosas, principalmente para as pentecostais e neopentecostais, pode ser feita de forma diferente por pesquisadores diferentes, já que o conceito de neopentecostal e as zonas limítrofes entre denominações religiosas são ainda vagos, sendo necessário mais investimento científico.

Além disso, a fim de reduzir o grande número de categorias religiosas, essas sofreram uma nova divisão por religião, reagrupadas em cinco categorias: “católicos”, “evangélicos de missão”, “evangélicos pentecostais”, “outras” e “nenhuma religião”,

²³ É possível que o verdadeiro número de denominações religiosas professadas pelos estudantes e/ou suas mães seja menor que o número de denominações encontradas (93) nas respostas abertas dos estudantes, visto que muitos poderiam estar se referindo à mesma religião ou fé, porém utilizando palavras diferentes, como, por exemplo, Congregação Cristã do Brasil e Cristã do Brasil, que podem estar se referindo à mesma igreja. Por não ser objeto deste estudo a avaliação ou percepção dos alunos com relação à sua igreja, essa observação torna-se irrelevante, visto que todas as 93 denominações religiosas foram posteriormente classificadas em apenas seis categorias, sem nenhum risco para sua perda de identidade religiosa, a não ser que o aluno tenha se equivocado com relação ao nome e esse equívoco leve à classificação errônea de sua filiação religiosa. Esse tipo de erro, no qual o respondente não está certo da verdade dos fatos, não é controlável pelo pesquisador. Faz-se necessário estudo que busque relacionar a falta de clareza sobre os dogmas da sua religião, assim como seu nome, com o envolvimento religioso de cada um.

assim como feito na literatura que antecedeu este trabalho (Mckinnon et al, 2008; Verona & Regnerus, 2009; Miranda-Ribeiro et al, 2010). No entanto, após suporte teórico, notou-se a necessidade de separação das religiões de origem pentecostais entre: a) *pentecostais* e b) *neopentecostais*, conforme sugerido por Libanio (2010²⁴), criando a sexta categoria, *evangélicos neopentecostais*. Foram feitos testes estatísticos que configuraram diferença significativa entre fiéis neopentecostais e pentecostais no que tange à sua iniciação sexual (ver TAB. 6 e 7). Sendo assim, optou-se por manter a separação das duas denominações (QUADRO 5). A palavra *protestante* foi preferida em comparação com a palavra *evangélica*, porém os termos são análogos, permitindo comparabilidade com os termos utilizados pelo IBGE²⁵.

QUADRO 5 - Nova denominação religiosa segundo filiação religiosa no questionário e resposta aberta fornecida pelo respondente, RMBH, 2008

(continua)

<i>Protestante Histórica</i>	
Presbiteriana Batistas Adventista Metodista	Pré-codificada
CONGREGACIONAL IGREJA EVANGÉLICA CONGREGACIONAL PROTESTANTE	Resposta aberta
<i>Protestante Pentecostal</i>	
Assembleia de Deus Igreja Pentecostal Deus é Amor Igreja do Evangelho Quadrangular	Pré-codificada
CONGREGAÇÃO CRISTÃ DO BRASIL CRISTÃ CRISTÃ DO BRASIL EVANGÉLICA EVANGÉLICA CRISTÃ CRISTIANISMO PENTECOSTAL	Resposta aberta

²⁴ Comunicação pessoal.

²⁵ Na impossibilidade do acesso direto ao modo como o IBGE classifica as religiões, isso foi observado de forma indireta, na ocasião do acesso ao Banco de Dados Sidra (IBGE, 2010a), no qual é possível gerar tabelas para o Brasil de acordo com as religiões respondidas nos questionários do Censo e, assim, aprender a forma como é feita a classificação.

QUADRO 5 - Nova denominação religiosa segundo filiação religiosa no questionário e resposta aberta fornecida pelo respondente, RMBH, 2008

(continua)

<i>Protestante Neopentecostal (continua)</i>	
Igreja Universal do Reino de Deus	Pré-codificada
ALIANÇA COM DEUS	
AMOR DE DEUS	
ÁRVORE DA VIDA	
ASSEMBLEIA DOS REMIDOS	
ASSEMBLEIA DOS SANTOS	
EVANGÉLICO	
AVIVAMENTO PENTECOSTAL	
BETEL	
CAMINHO A JERUSALÉM	
CASA DE ORAÇÃO	
CASA DE ORAÇÃO BETEL	
CASA DE ORAÇÃO PODER DE DEUS	
COMUNIDADE EVANGÉLICA HOSANA	
COMUNIDADE EVANGÉLICA SARA NOSSA TERRA	
CORPO DE CRISTO	
CRISTÃ EVANGÉLICA	
CRISTÃ MARANATA	
DESPERTA EM CRISTO	
FONTE DE VIDA	
FRUTO DE AVIVAMENTO	
GRAÇA DE DEUS	
HOSANA	
IGREJA DA GRAÇA	
IGREJA DESPERTAR DA FÉ	
IGREJA DO REAVIVAMENTO PENTECOSTAL	Resposta aberta
IGREJA EVANGÉLICA BETÂNIA	
IGREJA EVANGÉLICA DE JESUS	
IGREJA INTERNACIONAL DA GRAÇA DE DEUS	
IGREJA MISSIONARIA MAANAIM	
IGREJA MISSÕES	
IGREJA MUNDIAL	
IGREJA PENTECOSTAL NOVA JERUSALÉM DE CRISTO	
IGREJA PENTECOSTAL PORTAS ABERTAS	
IGREJA PENTECOSTAL UNIDA	
IGREJA UNIDA	
INTERNACIONAL DA GRAÇA	
JERUSALÉM	
JESUS TE AMA	
JESUS VERDADE	
MANANCIAL	
MARANATA	
MENSAGEM DA SALVAÇÃO	
NOVA DO CORDEIRO	
NOVA JERUSALÉM DE CRISTO	
OMEB	
PENTECOSTAL FOGO PURO	
PENTECOSTAL TOCHA VIVA	
PORTAS ABERTAS	
POVO DE DEUS	

QUADRO 5 - Nova denominação religiosa segundo filiação religiosa no questionário e resposta aberta fornecida pelo respondente, RMBH, 2008

(fim)

<i>Protestante Neopentecostal (final)</i>	
REINO DE DEUS REINO DOS CÉUS REIS DOS REIS SARA NOSSA TERRA TABERNÁCULO TEMPLO DA RESTAURAÇÃO EVANGÉLICA UNIDA VARÕES DE GUERRA VIDA DA IGREJA VIDA PLENA 7 ERAS DA IGREJA CASA DE ORAÇÃO PARA TODAS AS NAÇÕES CRISTO É A VOZ QUE LIBERTA NAZARENO PENTECOSTAL EVANGÉLICA CRISTO REINA EVANGÉLICA DE JESUS EVANGÉLICA (NAZARENO)	Resposta aberta
<i>Outras</i>	
Espírita Testemunha de Jeová Candomblé Umbanda	Pré-codificada
ACREDITO EM DEUS TENHO FÉ E NAO SOU CATÓLICA BUDISMO NITIREN BUDISTA CATÓLICA/MÓRMON CULTURA RACIONAL DISCÍPULO ESPÍRITA E EVANGÉLICA ESTUDANTE DA BÍBLIA FREQUENTADOR FREQUENTO VÁRIAS RELIGIÕES JESUS JUDAÍSMO MÓRMON PAGÃ SEICHO-NO-IE TENHO FÉ EM DEUS APENAS TESTEMUNHA DE YENOSHUA WICCA GETISEMANI	Resposta aberta
<i>Nenhuma</i>	
Não tenho religião	Pré-codificada
AFASTADA ATEU ESTOU DESVIADA	Resposta aberta

Fonte: Pesquisa Jovem, 2008.

Como a literatura indica que a frequência religiosa ou o grau de envolvimento religioso são também importantes variáveis para a análise de religião, muitas vezes até mais

importantes que a análise da denominação religiosa em si, foi necessário um segundo passo, no qual a variável “participação religiosa”, que reuniu as seis categorias de respostas previamente citadas, fosse combinada com a frequência na qual o adolescente comparecia às cerimônias de sua religião. Assim, foram separados os grupos mais religiosos, os religiosos intermediários e os grupos menos religiosos, dentro de cada denominação, assim como feito por Longo et al (2009).

As categorias criadas de acordo com a frequência de participação nos cultos, missas ou celebrações de cada religião foram: **praticantes** (uma vez na semana ou mais), **esporádicos** (às vezes, ocasiões especiais, ou menos que uma vez na semana) e **nominais** (raramente ou nunca). Como o quesito sobre frequência de participação nos cultos, missas ou celebrações comportou respostas abertas, essas tiveram que ser recodificadas, sem maiores dificuldades, a fim de encaixá-las nas três novas categorias de frequência.

No entanto, no início das análises, devido ao pequeno tamanho amostral, as categorias de respostas referentes aos nominais tiveram que ser agrupadas aos grupos de esporádicos.

Sendo assim, a nova variável “participação religiosa” ficou com 10 categorias:

- Católicos praticantes;
- Católicos esporádicos;
- Protestantes históricos praticantes;
- Protestantes históricos esporádicos;
- Protestantes pentecostais praticantes;
- Protestantes pentecostais esporádicos;
- Protestantes neopentecostais praticantes;
- Protestantes neopentecostais esporádicos;
- Outras religiões;
- Nenhuma religião.

5.2.3 Variáveis independentes selecionadas

As variáveis sociodemográficas e de estilo de vida analisadas neste trabalho, escolhidas com base na revisão da literatura, se distribuem ao longo de todo o questionário da pesquisa. São elas: idade; raça/cor; se segue a mesma religião na qual foi criado ou mudou de religião; grau de religiosidade autoavaliada; religião da mãe; se trabalha ou trabalhou nos últimos 12 meses; se ajuda a cuidar das tarefas domésticas; quantas pessoas habitam o mesmo domicílio onde mora o aluno; quem é o responsável pelo domicílio; escolaridade do chefe de domicílio; escolaridade da mãe; se mãe e pai estão vivos; renda do domicílio; se alguém no domicílio recebe Bolsa Família; composição do domicílio; idade à entrada no Ensino Fundamental; reprovação no Ensino Médio; turno; se alguém acompanha a vida escolar; se gosta da escola; notas autoavaliadas; se acha que vai completar o Ensino Médio; se acha a escola violenta; atividade favorita; prática semanal de esportes; atividade extraescolar; uso de internet; uso de cigarro; uso de álcool; se alguém no domicílio tem problemas com álcool; estado de saúde autoavaliado; idade à menarca; se já foi ao ginecologista; *status* do relacionamento afetivo; idade à primeira relação sexual; parceiro na primeira vez; método contraceptivo na primeira vez; cura da Aids; número de parceiros nos últimos 12 meses; se já esteve grávida ou já engravidou alguma parceira sexual; se já teve aborto (provocado ou espontâneo); se já teve filho; se estava altamente motivado para a primeira relação sexual; se já sofreu violência no domicílio, na escola e em relacionamento afetivo; opiniões sobre virgindade feminina e masculina antes do casamento; se religião influencia vida sexual; se religião impede de beber.

Todas as variáveis tiveram que passar por recodificação de suas categorias, de forma a otimizar a análise dos dados. Apenas três variáveis tiveram que ser computadas a partir de outras:

A primeira é a variável “segue a mesma religião na qual foi criado”, que foi computada a partir de comparação dos quesitos “religião em que foi criado” e “religião atual”.

A segunda variável foi “ser a favor ou contra o sexo pré-marital”, criada a partir da combinação do quesito “As mulheres não deveriam transar antes do casamento” e “Os homens não deveriam transar antes do casamento”. Esses quesitos, no questionário, faziam parte de uma série de frases que mostravam opiniões sobre sexualidade e comportamento, em que o aluno deveria dizer se concorda ou discorda daquela opinião. Essa avaliação era feita marcando a opção que melhor representasse sua posição acerca daquele comportamento. O aluno tinha, então, cinco opções de resposta, em escala: discorda totalmente, discorda parcialmente, nem concorda nem discorda, concorda parcialmente e concorda totalmente. Alunos que disseram que concordavam totalmente e parcialmente com os dois quesitos (homens e mulheres não deveriam ter relações sexuais antes do casamento), receberam código 1 (contra sexo pré-marital para homens e mulheres). Já alunos que eram indiferentes, ou que discordavam parcialmente ou totalmente de que homens e mulheres só deveriam transar após o casamento receberam código 2 (a favor de sexo pré-marital para homens e mulheres). Jovens que porventura responderam que comportamentos de homens e mulheres deveriam ser diferentes, como, por exemplo, aceitar o sexo pré-marital para homens, mas não aceitar para mulheres, receberam respectivamente os códigos 3 e 4. Dessa forma, foi possível captar outras características desses jovens que acreditam que mulheres e homens deveriam ter comportamentos diferentes.

A terceira variável é o grau de motivação para a primeira relação sexual, que foi estudado apenas na parte descritiva, e somente relativo aos sexualmente iniciados. Para a confecção da variável “grau de motivação para a primeira relação”, foi utilizado o quesito “Você queria transar nessa primeira vez”, no qual o aluno deveria marcar, em uma escala de 1 a 10, qual era o seu grau autoavaliado de motivação para a primeira relação sexual, sendo que: um = não queria de jeito nenhum e dez = queria muito. Pelo fato de sexualidade e primeira relação sexual serem assuntos delicados e pessoais, seria uma tarefa árdua estabelecer um limite na escala em que a relação passaria a ser desejada. Logo, a escala não foi dividida na metade exata (matematicamente, até cinco seria não motivação, e a partir de seis, motivação), mas foi utilizado o percentil 50 para

a localização da metade da distribuição dos respondentes na escala. Estando o percentil 50 localizado sobre a opção de número 8 na escala, essa passou a ser o limite para a alta motivação (código 1, muito motivado). Já alunos que marcaram de 1 a 7 na escala, serão considerados, na forma binária, como tendo tido relação de forma pouco desejada (0, pouco desejado).

5.3 Procedimentos

As análises propostas nesta dissertação incluem estatísticas descritivas e modelos de regressão logística. Os procedimentos matemáticos e estatísticos de ambos são descritos neste capítulo, assim como sua aplicação às análises desta dissertação.

É importante dizer que a amostra foi dividida e analisada por sexo e pela variável “participação religiosa”, criada a partir da junção entre denominação religiosa e frequência religiosa, conforme explicado anteriormente.

5.3.1 Estatística Descritiva

Primeiramente, foi feita uma análise descritiva dos jovens, por sexo e religião, descrevendo-os com respeito a todas as variáveis independentes selecionadas, e gerando duas tabelas descritivas, uma para cada sexo, com porcentagens simples e testes estatísticos de significância utilizando o teste de qui-quadrado de Pearson. Cada linha da tabela se refere a uma categoria de resposta da variável de interesse, e as porcentagens foram calculadas na coluna.

O valor p observado no teste qui-quadrado de Pearson, para cada variável, se encontra ao final das categorias de resposta.

5.3.2 Regressão Logística

Com a regressão logística binária univariada foi possível procurar diferenciais em iniciação sexual a partir de variáveis sociodemográficas e de domicílio, educacionais, de estilo de vida e experiências individuais, de sexualidade e de participação religiosa. O teste também permitiu selecionar apenas variáveis significativas a 10%, que fizessem sentido por meio da análise da literatura, para serem utilizadas novamente na ocasião dos modelos de regressão logística multivariada (Hosmer & Lemeshow, 2000) para cada sexo, a fim de investigar como a variável “participação religiosa” se comportaria quando controlada por outras.

Descrição do método de Regressão Logística

Neste trabalho, a busca por um teste estatístico que trabalhasse com variáveis dependentes dicotômicas ou binárias (que possuam apenas duas categorias de resposta, sim e não) possibilitou a utilização do modelo de regressão logística, mais apropriado para verificar associações entre a variável dependente desta pesquisa (ter tido ou não relação sexual) e outras variáveis independentes pré-selecionadas.

A regressão logística é amplamente utilizada nos estudos demográficos e sociológicos, e embora não seja o único que suporte variáveis dicotômicas, pois temos, por exemplo, o probito, é certamente o de mais fácil interpretação (Hosmer e Lemeshow, 2000), como veremos a seguir, haja vista que seu resultado modela a chance de um evento acontecer em função de outros fatores. No caso desta pesquisa, será possível observar se a participação religiosa tem algum efeito na chance de o adolescente ter se iniciado sexualmente. Assim, a regressão logística é uma modelagem estatística que objetiva, a partir de um conjunto de observações, descrever a relação entre uma variável dependente e uma ou uma série de variáveis independentes, predizendo a chance de um evento – variável dependente – acontecer (Hosmer & Lemeshow, 2000).

Segundo Hosmer e Lemeshow (2000), em qualquer modelagem estatística, o objetivo é estimar um valor médio de uma variável dependente, dado certo valor de uma variável independente. Os autores chamam esse valor médio de *conditional mean*, expresso por:

$$E = (Y/x)$$

dado que:

Y é o valor da variável dependente e

x é o valor da independente, ou seja, é o valor esperado de Y dado x .

No entanto, em uma regressão linear, em que Y é definido a partir de x e de parâmetros β_0 e β_1 , Y pode assumir qualquer valor entre $-\infty$ e $+\infty$, já que é definido por:

$$E = (Y/x) = \beta_0 + \beta_1 x$$

Já para uma variável dicotômica, a probabilidade de que o evento aconteça varia sempre entre 0 e 1 ($p_i \geq 0$ e $\sum_i p_i = 1$).

“A mudança em $E(Y/x)$ por unidade em x fica progressivamente menor à medida que a média condicional fica perto de zero ou de 1” (Hosmer e Lemeshow, 2000, p. 5, tradução minha), ou seja, tem o formato de S, pois se satura em 0 e em 1.

Para diferenciar a regressão logística da regressão linear, a relação entre Y e x será dada por:

$$\pi(x) = E(Y/x)$$

E o cálculo dos parâmetros, por:

$$\pi(x) = \frac{e^{\beta_0 + \beta_1 x}}{1 + e^{\beta_0 + \beta_1 x}}$$

em que:

$\pi(x)$ é a probabilidade de ocorrência do evento;

β_0 e β_1 são os parâmetros desconhecidos a serem estimados pelo método da máxima verossimilhança; e

x é a variável explicativa.

Reescreve-se a transformação logística por meio do logaritmo na base natural para transformar $\pi(x)$ em uma relação linear. Tem-se que:

$$g(x) = \ln \left[\frac{\pi(x)}{1 - \pi(x)} \right] = \beta_0 + \beta_1 x$$

Assim, sendo o valor de Y igual a zero ou a 1, podemos dizer qual é a probabilidade que Y seja 1, dado o valor de (x) , já que

$$\pi(Y = 1/x)$$

Logo,

$1 - \pi(x)$ é a probabilidade de que $Y = 0$, dado x .

Assim como na regressão linear (Mínimos Quadrados Ordinários), um termo de erro (ε) deve ser adicionado ao final da equação. Na regressão linear, o erro representa, em termos numéricos, o quanto uma observação desvia do seu valor esperado. No caso da regressão linear, esse número ou conjunto de números (visto que cada observação terá um erro intrínseco) segue distribuição normal com média zero e variância constante.

No entanto, para uma variável dicotômica, o erro só poderá assumir dois valores, $\varepsilon = Y - E[Y/x] = Y - \pi(X)$:

Se $Y = 1$, $\varepsilon = 1 - \pi(x)$, com probabilidade = $\pi(x)$

Se $Y = 0$, $\varepsilon = -\pi(x)$, com probabilidade = $1 - \pi(x)$

Uma vez calculados os parâmetros β_0 e β_1 e conhecidos os valores das variáveis independentes para um indivíduo, podemos aplicar a fórmula anterior para calcular a chance (ou as *odds ratio*) de que um indivíduo, com determinada participação religiosa, tenha se iniciado sexualmente.

Assim como a regressão linear, a regressão logística também suporta que mais variáveis independentes sejam incluídas no modelo, a fim de que a variável de interesse seja controlada por outras variáveis independentes. Dessa forma, a modelagem se torna mais sofisticada e melhora a capacidade de predição de Y com base em x e outras variáveis independentes. Essa modelagem é chamada de regressão logística multivariada.

Neste trabalho, antes de partir para o modelo multivariado, foi feita uma regressão logística univariada para cada variável independente, a fim de verificar a associação entre elas e a variável dependente. Uma vez que, no modelo univariado, o resultado da associação entre as variáveis fosse considerado significativo (o valor de significância no modelo univariado foi 0,10), a variável era incluída no modelo multivariado para ser testada juntamente com outras, desde que a literatura sugerisse associação. Outras variáveis que não foram significantes, porém eram importantes de acordo com a literatura, também foram incluídas no modelo multivariado.

Todas as variáveis independentes incluídas na modelagem estatística multivariada são controladas entre si na ocasião do modelo.

Nesse caso, o logito do modelo de regressão multivariada é dado pela equação:

$$g(x) = \beta_0 + \beta_1x_1 + \beta_2x_2 + \dots + \beta_px_p$$

No entanto, algumas variáveis independentes não são contínuas, mas discretas e categóricas, como raça. Nesse caso, os algarismos numéricos que representam suas categorias internas não são uma escala numérica, mas o que Hosmer e Lemeshow (2000) chamam de variáveis *dummy*, ou variáveis de *design*. As variáveis categóricas terão sempre k-1 categorias *dummy*, já que alguma categoria será a categoria de referência na regressão.

A razão de chances, ou *odds ratio*, é a medida na qual a associação entre as variáveis dependentes e independentes é calculada. Ela é, grosso modo, a exponenciação do Beta relacionado àquela variável ou categoria. As *odds ratio* ajustadas são obtidas através da comparação de indivíduos que diferem apenas na característica de interesse e que tenham os valores das outras variáveis constantes.

As *odds ratio* dos modelos multivariados foram analisadas para verificar se a inclusão de variáveis de controle no modelo trouxe mudanças significativas para a variável de interesse, participação religiosa, com relação à iniciação sexual. Nas análises desta dissertação foram considerados significativos, no modelo multivariado, os resultados dos coeficientes cujos valores de *p* foram inferiores ou iguais a 0,1.

Os valores *p* se localizam ao lado dos valores dos coeficientes, tanto no modelo univariado quanto no modelo multivariado, com base nos códigos: $p < 0.000$ (****); $p < 0.01$ (**); $p < 0.05$ (*); e $p < 0.1$ (*).

As transformações das variáveis, a limpeza da base dados e a análise dos dados foram feitas utilizando-se o software *Statistical Package for the Social Science* (SPSS), versão 15.0.

6 RESULTADOS

Este capítulo tem o objetivo de descrever os resultados encontrados nas análises quantitativas descritivas, regressões logísticas univariadas e regressões logísticas multivariadas. Em todos os casos, procedeu-se à análise estratificada por sexo.

6.1 Análise Quantitativa Descritiva

A distribuição relativa das categorias de participação religiosa segundo sexo encontra-se na TAB. 1. Nota-se que a maior parte da amostra é composta por mulheres (56%).

TABELA 1 - Frequências das categorias de participação religiosa segundo sexo, municípios selecionados da RMBH, 2008

Participação Religiosa		Feminino (%)	Masculino (%)
<i>Católicos Praticantes (n=471)</i>		65,82	34,18
<i>Católicos Esporádicos (n=837)</i>		50,18	49,82
<i>Protestantes Históricos Praticantes (n=211)</i>		58,77	41,23
<i>Protestantes Históricos Esporádicos (n=88)</i>		57,95	42,05
<i>Protestantes Pentecostais Praticantes (n=393)</i>		62,09	37,91
<i>Protestantes Pentecostais Esporádicos (n=147)</i>		47,62	52,38
<i>Protestantes Neopentecostais Praticantes (n=106)</i>		64,15	35,85
<i>Protestantes Neopentecostais Esporádicos (n=49)</i>		57,14	42,86
<i>Outras (n=107)</i>		52,34	47,66
<i>Nenhuma (n=249)</i>		47,39	52,61
Total (n=2658)	N	1489	1169
	%	56,02	43,98

Qui-Quadrado= 57.02

G1= 9, $p < 0.001$, $\alpha = 0.05$

Fonte dos dados brutos: Pesquisa Jovem, 2008, elaboração própria.

Mulheres são a maioria em praticamente todas as categorias de participação religiosa, com exceção das categorias “nenhuma” (52,6% são homens) e “protestantes pentecostais esporádicos” (52,4% são homens). Na categoria de maior tamanho amostral, “católicos esporádicos”, a porcentagem é praticamente a mesma para ambos os sexos (TAB. 1).

A categoria “católica praticante” se destaca com a maior porcentagem de mulheres (65,82% contra 34,18% de homens), seguida da “protestante neopentecostal praticante” (64,15% contra 35,85% que são homens) e da “protestante pentecostal praticante” (62,09% mulheres contra 37,91% homens) (TAB. 1).

TABELA 2 - Proporção de pessoas na amostra segundo participação religiosa e proporção de pessoas segundo nível de envolvimento religioso por participação religiosa, municípios selecionados da RMBH, 2008

Participação Religiosa	Total
Católicos (n=1308)	
<i>% na amostra</i>	49,21
<i>% praticante</i>	36,01
Protestantes Histórico (n=299)	
<i>% na amostra</i>	11,25
<i>% praticante</i>	70,57
Protestantes Pentecostais (n=540)	
<i>% na amostra</i>	20,32
<i>% praticante</i>	72,78
Protestantes Neopentecostais (n=155)	
<i>% na amostra</i>	5,83
<i>% praticante</i>	68,39
Outras (n=107)	
<i>% na amostra</i>	4,03
Nenhuma (n=249)	
<i>% na amostra</i>	9,37

Fonte dos dados brutos: Pesquisa Jovem, 2008, elaboração própria.

A proporção de pessoas na amostra, segundo a religião, se encontra na TAB. 2. A maior proporção dos estudantes se autodenomina católico (49,2%), seguido dos protestantes pentecostais (20,3%), dos protestantes históricos (11,3%), dos sem religião (9,4%) e dos protestantes neopentecostais (5,8%). Apenas 4% dos alunos professavam outra religião. Somando os três grupos protestantes, o montante de evangélicos se constituiu de 37,4% da amostra.

Comparada à população brasileira, a amostra de estudantes da RMBH contemplada neste estudo apresenta uma distribuição religiosa menos católica e mais evangélica. Como já visto anteriormente, segundo o Censo 2000, 74% dos brasileiros se autodenominavam católicos, enquanto os protestantes de qualquer filiação somavam 15% e os sem religião, 7%.

Apesar de os católicos serem a maioria na amostra estudada, essa categoria apresentou a menor proporção de população praticante quando comparada com os seus pares protestantes. Apenas 36% dos católicos eram praticantes, contra 72,8% dos protestantes pentecostais, 70,6% dos protestantes históricos e 68,4% dos neopentecostais (TAB. 2).

TABELA 3 - Tamanho amostral, porcentagem de pessoas sexualmente iniciadas e média e desvio padrão da idade à entrevista e à primeira relação sexual, feminino e masculino, 2008

Categoria	Tamanho amostral¹	% sexualmente iniciada	Média	Desvio padrão
IDADE À ENTREVISTA				
<i>Mulheres</i>	1489		16,62	0,88
<i>Mulheres sexualmente iniciadas</i>	572	38,42	16,87	1,00
<i>Homens</i>	1169		16,87	0,95
<i>Homens sexualmente iniciados</i>	689	58,94	17,05	0,98
IDADE À PRIMEIRA RELAÇÃO SEXUAL²				
<i>Mulheres sexualmente iniciadas</i>	565		15,26	1,36
<i>Homens sexualmente iniciados</i>	677		14,57	1,55

Fonte dos dados brutos: Pesquisa Jovem, 2008.

Notas:

(1) Foram excluídos os casos para os quais o respondente anulou sua resposta ou não a forneceu corretamente.

(2) Quatro mulheres e 21 homens relataram ter tido a primeira relação antes dos 11 anos. No cálculo da idade média à primeira relação, foi dado a eles o valor 11 como idade, de modo a não subestimar a média.

A TAB. 3 traz a frequência da população sexualmente iniciada, assim como sua idade média, a idade média da população total e a idade média à primeira relação sexual. Enquanto 38,4% das mulheres já tinham se iniciado sexualmente no momento da entrevista, a porcentagem, para homens, era de 58,9%.

A idade à primeira relação sexual foi de 15,26 anos para as mulheres e 14,57 anos para os homens (TAB. 3). Tanto as mulheres quanto os homens que já haviam tido sua primeira relação sexual eram, em média, no momento da entrevista, levemente mais velhos que seus pares não sexualmente iniciados – enquanto a idade média da amostra total feminina foi de 16,6 anos, para a população feminina iniciada, esse número era de 16,9 anos. Já os homens sexualmente iniciados tinham em média 17,1 anos de idade, enquanto a idade média da população total masculina foi de 16,9 (TAB. 3). Esse fato está possivelmente correlacionado com a idade dos respondentes, já que a chance de ter se iniciado sexualmente aumenta com a idade. Indício disso é a distribuição da porcentagem sexualmente iniciada segundo idade à entrevista e sexo (TAB. 4):

TABELA 4 - Porcentagem sexualmente iniciada segundo idade à entrevista e sexo, municípios selecionados da RMBH, 2008

		Idade à entrevista					Total
		15	16	17	18	19	
Total	% sexualmente iniciada	30,8	38,9	47,7	71,8	80,0	48,1
	N amostra ¹	78	1191	858	358	135	2620
Mulheres	% sexualmente iniciada	27,5	32,0	37,6	65,2	74,2	38,9
	N amostra ¹	51	744	460	155	62	1472
Homens	% sexualmente iniciada	37,0	50,3	59,3	76,8	84,9	60,0
	N amostra ¹	27	447	398	203	73	1148

Fonte dos dados brutos: Pesquisa Jovem, 2008.

Notas: Todas as categorias foram significantes a 5% no teste do Qui-quadrado.

(1) Foram excluídos os casos para os quais o respondente anulou sua resposta ou não a forneceu corretamente.

Quanto maior a idade à entrevista, maior a porcentagem de pessoas sexualmente iniciadas até aquela idade, para ambos os sexos. Entre os que tinham 15 anos na data da entrevista, 27,5% das mulheres e 37,5% dos homens já eram sexualmente iniciados (TAB. 4). Essa porcentagem cresceu continuamente quanto maior a idade do respondente. Dos que tinham 16 anos, 32% das mulheres e 50,3% dos homens já se iniciaram; dos que tinham 17 anos, 37,6% das mulheres e 59,3% dos homens já eram iniciados; dos que tinham 18 anos, 65,2% das mulheres e 76% dos homens; e finalmente, para aqueles que tinham 19 anos na data da entrevista, 74,2% das mulheres e 84,9% dos homens já haviam tido a primeira relação sexual (TAB. 4).

É importante lembrar, no entanto, que a idade média da amostra estudada, masculina e feminina, gira em torno de 16 a 17 anos, e não necessariamente os jovens que ainda estão nessa idade se comportarão conforme os jovens que já alçaram idades mais elevadas (e que possuem maior proporção de sexualmente iniciados). É sabido pela literatura que jovens que apresentam distorção idade-série (estão acima da idade indicada à sua série, neste caso 1º e 2º anos do Ensino Médio) são diferentes sociodemograficamente (maior chance de ter abandonado a escola, de ser repetente, entre outros) de jovens que estão na idade correta (por volta dos 16 anos). Logo, as experiências sexuais e de vida dos alunos mais velhos não podem ser generalizadas para os alunos mais novos.

Independente da idade, a chance de ter se iniciado sexualmente e de ter tido alto grau de motivação para que essa primeira relação acontecesse é maior entre os homens, se comparados às mulheres (TAB. 5):

TABELA 5 - Odds ratio de já ser iniciado sexualmente e de ter tido alto grau de motivação para a primeira relação sexual segundo sexo, municípios selecionados da RMBH, 2008

	Ter se iniciado sexualmente	Ter tido alto grau de motivação
<i>Mulher</i>	1,00	1,00
<i>Homem</i>	2,36 ****	3,00 ****

Fonte dos dados brutos: Pesquisa Jovem, 2008.

Nota:

**** Valor de $p < 0,001$.

A chance de um homem ter se iniciado sexualmente foi de 2,36 vezes a chance de uma mulher. Já a chance desse homem ter tido alto grau de motivação para a relação sexual foi 3 vezes a chance da mulher (TAB. 5).

Com o objetivo de traçar um panorama apontando diferenciais por participação religiosa e sexo no que tange às características de estudantes de 15 a 19 anos do Ensino Médio de escolas estaduais nos municípios mineiros de Ribeirão das Neves, Belo Horizonte, Pedro Leopoldo e Esmeraldas, foi feita uma abordagem exploratória da amostra, comparando-a segundo as características sociodemográficas e de estilo de vida selecionadas, em função das categorias de resposta à variável “participação religiosa”.

A fim de otimizar o tamanho das tabelas, utilizaram-se abreviações para as categorias religiosas, sendo:

- Cat. Prat.- Católicos(as) Praticantes
- Cat. Esp. – Católicos(as) Esporádicos(as)
- Prot. Hist. Prat. – Protestantes Históricos(as) Praticantes
- Prot. Hist. Esp. – Protestantes Históricos(as) Esporádicos(as)
- Prot. Pent. Prat. – Protestantes Pentecostais Praticantes
- Prot. Pent. Esp. – Protestantes Pentecostais Esporádicos(as)
- Prot. Neo. Prat. – Protestantes Neopentecostais Praticantes
- Prot. Neo. Esp. – Protestantes Neopentecostais Esporádicos(as)

Os valores serão discutidos simultaneamente para os sexos, segundo os tópicos analisados, que são cinco: religião e religiosidade, sociodemográficos, educacionais, estilo de vida e sexualidade.

Como a categoria religiosa “outras” foi computada a partir do agrupamento de diversas religiões, entre elas algumas conservadoras e liberais, essa categoria é muito abrangente e heterogênea para se fazer qualquer conclusão.

Religião

A porcentagem dos que concordam que a religião é o que os impede de consumir bebidas alcoólicas é maior entre os homens (TAB. 6.2) que entre as mulheres (TAB. 6.1). Entre os homens que concordam, são maioria os que se consideram praticantes, especialmente os pentecostais e protestantes históricos, cujo índice de concordância com a influência da religião sobre o consumo de álcool chegou à cifra de 28 e 24%, respectivamente. Para as mulheres dessas mesmas participações religiosas, a proporção encontrada foi de 16%.

Com respeito à influência da religião sobre a vida sexual, os homens praticantes tendem a concordar mais que seus pares não praticantes que a religião exerce influência. Enquanto 39% dos protestantes históricos praticantes e 34% dos pentecostais praticantes acham que a religião exerce influência, apenas 12% dos católicos praticantes e 6% dos católicos esporádicos pensam dessa forma (TAB. 6.2). Para as mulheres, a porcentagem de pessoas que discordam da influência da religião é sempre maior (TAB. 6.1). A proporção dos católicos esporádicos que discordavam da influência da religião (80%) chegou perto da proporção dos “sem religião” (84%) para os homens, e foi ultrapassada, no caso das mulheres (83% sem religião), pelas católicas esporádicas (84%) e das neopentecostais esporádicas (88%).

TABELA 6.1 - Distribuição relativa das categorias de resposta das variáveis de religião e religiosidade, segundo participação religiosa, feminino, 2008

Características	Participação Religiosa %									
	Cat. Prat.	Cat. Esp.	Prot. Hist. Prat.	Prot. Hist. Esp.	Prot. Pent. Prat.	Prot. Pent. Esp.	Prot. Neo. Prat.	Prot. Neo. Esp.	Outras	Nenhuma
Religião e religiosidade										
Grau de religiosidade auto-avaliada ****										
<i>Alta</i>	50,16	24,52	44,35	33,33	48,36	8,57	40,30	17,86	41,07	18,58
<i>Média</i>	42,72	55,00	47,58	35,29	43,85	67,14	50,75	46,43	46,43	31,86
<i>Baixa</i>	7,12	20,48	8,06	31,37	7,79	24,29	8,96	35,71	12,50	49,56
N	309	420	124	51	244	70	67	28	56	113
Mudou de denominação religiosa ****										
<i>Não</i>	98,06	95,69	54,47	58,82	67,36	66,67	52,24	51,85	55,36	24,58
<i>Sim</i>	1,94	4,31	45,53	41,18	32,64	33,33	47,76	48,15	44,64	75,42
N	310	418	123	51	242	69	67	27	56	118
Acha que religião é o que impede de beber ****										
<i>Discordo</i>	79,00	81,49	70,73	72,55	68,88	80,88	73,53	74,07	83,64	81,74
<i>Indiferente</i>	16,00	13,70	13,01	15,69	14,94	16,18	16,18	22,22	5,45	11,30
<i>Concordo</i>	5,00	4,81	16,26	11,76	16,18	2,94	10,29	3,70	10,91	6,96
N	300	416	123	51	241	68	68	27	55	115
Acha que a vida sexual é influenciada pela religião ****										
<i>Discordo</i>	79,93	84,38	59,35	72,55	59,58	88,24	64,71	75,00	80,00	83,48
<i>Indiferente</i>	10,37	11,78	15,45	1,96	16,25	7,35	20,59	17,86	3,64	12,17
<i>Concordo</i>	9,70	3,85	25,20	25,49	24,17	4,41	14,71	7,14	16,36	4,35
N	299	416	123	51	240	68	68	28	55	115
Opinião sobre sexo pré-marital ¹ ****										
<i>Contra sexo pré-marital para ambos os sexos</i>	55,81	50,00	83,61	64,71	81,43	62,32	85,29	57,14	73,58	45,22
<i>A favor de sexo pré-marital para ambos os sexos</i>	37,54	45,65	11,48	29,41	10,97	33,33	8,82	35,71	26,42	48,70
<i>Apenas mulheres não devem transar antes do casamento</i>	4,98	3,86	4,10	5,88	5,91	4,35	4,41	7,14	0,00	4,35
<i>Apenas homens não devem transar antes do casamento</i>	1,66	0,48	0,82	0,00	1,69	0,00	1,47	0,00	0,00	1,74
N	301	414	122	51	237	69	68	28	53	115
Religião da mãe ¹ ****										
<i>Católica</i>	94,50	89,23	15,00	24,00	9,54	14,29	10,29	14,81	17,86	21,37
<i>Protestante Histórica</i>	0,00	0,48	65,83	54,00	1,66	0,00	0,00	3,70	0,00	9,40
<i>Protestante Pentecostal</i>	1,62	3,11	7,50	2,00	80,91	74,29	16,18	3,70	7,14	26,50
<i>Protestante Neopentecostal</i>	1,29	1,20	3,33	2,00	3,32	2,86	61,76	62,96	0,00	5,13
<i>Outras</i>	0,65	3,11	0,83	6,00	0,00	1,43	1,47	0,00	71,43	5,13
<i>Nenhuma</i>	1,94	2,87	7,50	12,00	4,56	7,14	10,29	14,81	3,57	32,48
N	309	418	120	50	241	70	68	27	56	117

Fonte: Pesquisa Jovem, 2008.

Notas:

(1) Variáveis com mais de 20% das categorias com n < 5

Valores de p no teste Qui-Quadrado:

* Valor de p < 0,1

** Valor de p < 0,05

*** Valor de p < 0,01

**** Valor de p < 0,001

TABELA 6.2 - Distribuição relativa das categorias de resposta das variáveis de religião e religiosidade, segundo participação religiosa, masculino, 2008

Características	Participação Religiosa %									
	Cat. Prat.	Cat. Esp.	Prot. Hist. Prat.	Prot. Hist. Esp.	Prot. Pent. Prat.	Prot. Pent. Esp.	Prot. Neo. Prat.	Prot. Neo. Esp.	Outras	Nenhuma
Religião e religiosidade										
Grau de religiosidade auto-avaliada ****										
<i>Alta</i>	41,88	19,85	38,82	13,89	47,62	14,29	37,84	14,29	31,37	7,81
<i>Média</i>	51,88	49,64	49,41	52,78	40,14	57,14	48,65	33,33	54,90	24,22
<i>Baixa</i>	6,25	30,51	11,76	33,33	12,24	28,57	13,51	52,38	13,73	67,97
N	160	413	85	36	147	77	37	21	51	128
Mudou de denominação religiosa ****										
<i>Não</i>	98,14	97,12	59,77	67,57	74,50	72,73	56,76	61,90	48,00	39,23
<i>Sim</i>	1,86	2,88	40,23	32,43	25,50	27,27	43,24	38,10	52,00	60,77
N	161	417	87	37	149	77	37	21	50	130
Acha que religião é o que impede de beber ****										
<i>Discordo</i>	69,28	77,41	56,47	54,29	53,79	50,00	72,97	66,67	71,43	69,67
<i>Indiferente</i>	19,61	15,23	20,00	34,29	17,93	31,58	5,41	14,29	18,37	21,31
<i>Concordo</i>	11,11	7,36	23,53	11,43	28,28	18,42	21,62	19,05	10,20	9,02
N	153	394	85	35	145	76	37	21	49	122
Acha que a vida sexual é influenciada pela religião ****										
<i>Discordo</i>	67,53	79,85	41,67	57,14	47,22	67,11	64,86	66,67	56,25	83,74
<i>Indiferente</i>	20,78	14,11	19,05	31,43	18,75	26,32	10,81	14,29	16,67	12,20
<i>Concordo</i>	11,69	6,05	39,29	11,43	34,03	6,58	24,32	19,05	27,08	4,07
N	154	397	84	35	144	76	37	21	48	123
Contra ou a favor de sexo pré-marital ¹****										
<i>Contra sexo pré-marital para ambos os sexos</i>	40,13	28,90	71,60	51,43	64,79	46,67	75,68	47,62	62,50	34,96
<i>A favor de sexo pré-marital para ambos os sexos</i>	51,32	62,66	27,16	42,86	26,76	40,00	18,92	38,10	35,42	56,10
<i>Apenas mulheres não devem transar antes do casamento</i>	5,26	6,91	1,23	5,71	4,93	10,67	5,41	4,76	2,08	6,50
<i>Apenas homens não devem transar antes do casamento</i>	3,29	1,53	0,00	0,00	3,52	2,67	0,00	9,52	0,00	2,44
N	152	391	81	35	142	75	37	21	48	123
Religião da mãe ¹****										
<i>Católica</i>	93,75	90,60	11,76	16,22	12,08	7,79	8,11	23,81	20,41	33,85
<i>Protestante Histórica</i>	0,63	0,96	70,59	67,57	3,36	2,60	0,00	0,00	2,04	9,23
<i>Protestante Pentecostal</i>	3,13	3,13	11,76	5,41	78,52	85,71	13,51	28,57	6,12	26,92
<i>Outras</i>	1,25	2,41	1,18	2,70	0,00	0,00	0,00	0,00	63,27	1,54
<i>Nenhuma</i>	0,63	0,96	4,71	8,11	4,03	0,00	10,81	9,52	4,08	20,00
<i>Protestante neopentecostal</i>	0,63	1,93	0,00	0,00	2,01	3,90	67,57	38,10	4,08	8,46
N	160	415	85	37	149	77	37	21	49	130

Fonte: Pesquisa Jovem, 2008.

Notas:

(1) Variáveis com mais de 20% das categorias com n < 5

Valores de p no teste Qui-Quadrado:

* Valor de p < 0,1

** Valor de p < 0,05

*** Valor de p < 0,01

**** Valor de p < 0,001

A religião da mãe é, em geral, similar à religião do filho ou filha, inclusive para as sem religião; quando 32% das mães também não têm religião, 26% são pentecostais e 21% delas católicas (TAB. 6.1). Entre os homens, a situação é um pouco diferente: para os sem religião, 34% das suas mães são católicas, seguidas de 27% que são pentecostais e 20% que também não têm religião (TAB. 6.2).

Com relação à religiosidade autoavaliada, na qual o aluno deveria marcar em uma escala de 1 a 10 qual o seu grau de religiosidade individual, em todas as participações religiosas, inclusive para os praticantes, o grau médio de religiosidade foi o mais citado. A única exceção foram os pentecostais praticantes, que se consideram, tanto os homens quanto as mulheres, com alta religiosidade (48% deles), além das católicas praticantes, na qual 50% se consideram com alta religiosidade. A maior proporção de pessoas com baixo grau de religiosidade foi encontrada entre os sem religião (68% dos homens e 50% das mulheres) e nos neopentecostais esporádicos (52% dos homens e 36% das mulheres). É interessante notar que existem pessoas religiosas mesmo entre os sem religião, já que a religiosidade independe de religião.

A mudança de denominação religiosa é menos comum para aqueles que, no dia da entrevista, se autodenominaram católicos (entre 2 e 4% de mulheres e homens). Ela é mais comum para os sem religião (75% das mulheres e 61% dos homens sem religião já haviam mudado de denominação religiosa, provavelmente a migração para a “não religião”). Os protestantes experimentam a mudança de denominação religiosa mais acentuadamente que os católicos (de 33 a 48% das mulheres e de 27% a 43% dos homens). Esse fato é uma constatação do que vem ocorrendo na sociedade brasileira, quando pessoas têm deixado a religião católica e migrado para as pentecostais ou permanecido sem religião.

A opinião masculina sobre sexo pré-marital também aproxima o grupo católico dos sem religião: enquanto 63% dos católicos esporádicos, 51% dos católicos praticantes e 56% dos sem religião são a favor de sexo pré-marital, apenas 19% dos neopentecostais praticantes e 27% dos pentecostais e protestantes históricos praticantes também o são (TAB. 6.2). Já entre as mulheres, o único grupo cuja maioria se revelou a favor de sexo pré-marital foi o de mulheres sem religião. Todas as outras categorias religiosas, independente da frequência de participação religiosa, se dizem contra o sexo pré-marital para ambos os sexos. A porcentagem chega a 85% das mulheres neopentecostais praticantes (TAB. 6.1). Essas diferenças apontam para características bem divergentes entre participações religiosas e sexo do respondente, e também

sugerem grande diferença intrarreligiosa no nível de permissividade. Um exemplo disso são os protestantes neopentecostais: entre os praticantes homens, 76% são contra o sexo pré-marital, enquanto entre os esporádicos, 48% o são, uma diferença de 28 pontos percentuais. Entre as mulheres, a história é a mesma: 85% das praticantes e 57% das esporádicas se dizem contra o sexo pré-marital.

Ainda há jovens que pensam que mulheres e homens deveriam ter comportamento diferenciado com relação à iniciação sexual. Geralmente, maior permissividade é dada aos homens, mesmo por parte das mulheres: cerca de 5% das mulheres de todas as religiões, com exceção das “outras” religiões, pensam que homens poderiam se iniciar sexualmente antes do casamento, enquanto as mulheres deveriam permanecer virgens. Essa porcentagem é parecida com a praticada pelos homens, sendo que 11% dos pentecostais esporádicos pensam que sexo pré-marital é um direito somente masculino.

Sociodemográficas

Não há variações significativas nas idades dos respondentes segundo participação religiosa. A idade de 16 anos é a que tem maior participação relativa, sendo os homens levemente mais velhos que as mulheres.

Com relação à raça/cor, a categoria negra agrupa a maior parte da população feminina e masculina em todas as categorias de participação religiosa.

Com relação à composição familiar, a maioria das pessoas possui pai e mãe no domicílio (porcentagem que varia entre 52% dos neopentecostais esporádicos e 70% dos católicos praticantes), com exceção dos homens protestantes históricos esporádicos (54% só tinham a mãe). Já entre as mulheres, a maioria tinha os dois pais no domicílio, porém, a porcentagem para os sem religião é bastante justa: 47% tinham os dois, enquanto 44% tinham apenas a mãe.

TABELA 7.1 - Distribuição relativa das categorias de resposta das variáveis sociodemográficas e de domicílio, segundo participação religiosa, feminino, 2008

(continua)

Características	Participação Religiosa %									
	Cat. Prat.	Cat. Esp.	Prot. Hist. Prat.	Prot. Hist. Esp.	Prot. Pent. Prat.	Prot. Pent. Esp.	Prot. Neo. Prat.	Prot. Neo. Esp.	Outras	Nenhuma
Sociodemográficas e de domicílio										
Idade^{1 ***}										
15	3,23	5,24	3,23	0,00	2,87	0,00	1,47	0,00	1,79	5,08
16	54,84	50,48	56,45	49,02	48,77	31,43	48,53	32,14	58,93	47,46
17	32,26	27,86	28,23	31,37	36,07	45,71	36,76	42,86	21,43	28,81
18	6,45	12,38	6,45	11,76	9,43	12,86	10,29	25,00	12,50	13,56
19	3,23	4,05	5,65	7,84	2,87	10,00	2,94	0,00	5,36	5,08
N	310	420	124	51	244	70	68	28	56	118
Raça/cor										
Branca	24,18	21,45	25,41	15,69	22,03	24,29	25,00	14,81	25,93	21,55
Preta	16,99	14,46	17,21	19,61	17,80	14,29	14,71	22,22	16,67	12,93
Parda	51,96	53,98	50,00	54,90	51,27	54,29	50,00	59,26	53,70	56,03
Outras	6,86	10,12	7,38	9,80	8,90	7,14	10,29	3,70	3,70	9,48
N	306	415	122	51	236	70	68	27	54	116
Raça/cor agrupada										
Branca	24,18	21,45	25,41	15,69	22,03	24,29	25,00	14,81	25,93	21,55
Negra	68,95	68,43	67,21	74,51	69,07	68,57	64,71	81,48	70,37	68,97
Indígena/amarela	6,86	10,12	7,38	9,80	8,90	7,14	10,29	3,70	3,70	9,48
N	306	415	122	51	236	70	68	27	54	116
Família no domicílio^{1 ***}										
Pai e mãe	66,13	59,05	59,68	60,78	70,49	57,14	52,94	46,43	58,93	47,46
Só mãe	23,87	32,62	29,03	33,33	22,54	37,14	39,71	39,29	35,71	44,07
Só pai	5,16	3,33	0,00	1,96	3,28	2,86	1,47	3,57	1,79	3,39
Nenhum	4,84	5,00	11,29	3,92	3,69	2,86	5,88	10,71	3,57	5,08
N	310	420	124	51	244	70	68	28	56	118
Número de pessoas no domicílio **										
Até quatro	57,28	48,42	56,20	37,25	46,61	47,06	49,25	42,31	52,73	47,86
5 ou mais	42,72	51,58	43,80	62,75	53,39	52,94	50,75	57,69	47,27	52,14
N	302	411	121	51	107	29	196	65	55	117
Pai vivo¹										
Sim	93,33	93,09	90,16	97,92	94,51	91,30	93,85	100,00	88,68	87,96
Não	6,67	6,91	9,84	2,08	5,49	8,70	6,15	0,00	11,32	12,04
N	300	405	122	48	237	69	65	25	53	108
Mãe viva¹										
Sim	96,74	97,14	95,16	98,04	97,52	97,10	97,06	96,30	96,36	98,31
Não	3,26	2,86	4,84	1,96	2,48	2,90	2,94	3,70	3,64	1,69
N	307	419	124	51	242	69	68	27	55	118
Idade da mãe ao primeiro filho^{1 **}										
13 a 14	1,31	0,72	0,00	0,00	1,65	1,43	2,94	0,00	0,00	2,59
15 a 19	20,92	27,64	29,27	29,41	39,09	37,14	23,53	32,14	18,87	36,21
20 a 24	32,35	28,37	30,08	35,29	25,93	32,86	30,88	17,86	39,62	23,28
25 a 29	13,73	11,30	12,20	11,76	11,93	1,43	5,88	14,29	7,55	8,62
30 a 49	8,17	6,73	4,88	3,92	3,70	8,57	4,41	7,14	9,43	4,31
Não sabe	23,53	25,24	23,58	19,61	17,70	18,57	32,35	28,57	24,53	25,00
N	306	416	123	51	243	70	68	28	53	116

Fonte: Pesquisa Jovem, 2008.

Notas:

(1) Variáveis com mais de 20% das categorias com n < 5

Valores de p no teste Qui-Quadrado:

* Valor de p < 0,1

** Valor de p < 0,05

*** Valor de p < 0,01

**** Valor de p < 0,001

TABELA 7.1 - Distribuição relativa das categorias de resposta das variáveis sociodemográficas e de domicílio, segundo participação religiosa, feminino, 2008

(fim)

Características	Participação Religiosa %									
	Cat. Prat.	Cat. Esp.	Prot. Hist. Prat.	Prot. Hist. Esp.	Prot. Pent. Prat.	Prot. Pent. Esp.	Prot. Neo. Prat.	Prot. Neo. Esp.	Outras	Nenhuma
Sociodemográficas e de domicílio										
Responsável pelo domicílio ****	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
<i>Pai</i>	57,74	46,17	44,35	37,25	61,16	40,00	38,24	35,71	51,79	33,05
<i>Mãe</i>	32,58	42,82	40,32	47,06	30,58	55,71	48,53	50,00	39,29	51,69
<i>Outros</i>	9,68	11,00	15,32	15,69	8,26	4,29	13,24	14,29	8,93	15,25
N	310	418	124	51	242	70	68	28	56	118
Escolaridade do responsável pelo domicílio ****										
<i>Até 4ª série</i>	45,05	50,13	43,97	40,43	44,21	36,36	50,00	45,83	29,63	38,10
<i>Ensino fundamental incompleto</i>	19,11	14,68	17,24	17,02	18,88	42,42	14,52	16,67	18,52	20,00
<i>Ensino fundamental completo</i>	15,02	14,94	14,66	12,77	20,17	16,67	14,52	20,83	20,37	23,81
<i>Ensino médio completo</i>	16,04	14,18	22,41	25,53	15,45	3,03	17,74	8,33	20,37	14,29
<i>Superior completo</i>	4,78	6,08	1,72	4,26	1,29	1,52	3,23	8,33	11,11	3,81
N	293	395	116	47	233	66	62	24	54	105
Escolaridade da mãe ****										
<i>Até 4ª série</i>	43,16	49,22	37,50	37,50	41,56	42,19	47,54	47,83	28,30	42,45
<i>Ensino fundamental incompleto</i>	21,05	16,58	25,00	20,83	26,41	35,94	13,11	13,04	18,87	22,64
<i>Ensino fundamental completo</i>	14,04	14,77	13,39	12,50	17,32	14,06	21,31	21,74	9,43	18,87
<i>Ensino médio completo</i>	16,49	14,77	17,86	25,00	12,12	6,25	13,11	8,70	24,53	13,21
<i>Superior completo</i>	5,26	4,66	6,25	4,17	2,60	1,56	4,92	8,70	18,87	2,83
N	285	386	112	48	231	64	61	23	53	106
Renda total no domicílio										
<i>Até um salário</i>	24,92	24,26	20,17	20,41	20,00	23,19	20,59	24,00	12,96	30,70
<i>Até 2 salários</i>	35,69	36,76	39,50	32,65	33,75	33,33	36,76	40,00	29,63	36,84
<i>Até 3 salários</i>	25,25	25,49	19,33	28,57	27,08	28,99	26,47	12,00	29,63	14,04
<i>A partir de 3 salários</i>	14,14	13,48	21,01	18,37	19,17	14,49	16,18	24,00	27,78	18,42
N	297	408	119	49	240	69	68	25	54	114
Domicílio recebe Bolsa Família										
<i>Sim</i>	25,81	31,49	27,64	29,41	28,93	28,57	32,35	25,93	26,79	35,59
<i>Não</i>	74,19	68,51	72,36	70,59	71,07	71,43	67,65	74,07	73,21	64,41
N	310	416	123	51	242	70	68	27	56	118
Situação de sustento **										
<i>Não trabalho e sou ajudado por família ou benefício</i>	77,67	72,14	69,92	76,47	76,23	58,57	61,76	70,37	74,07	79,31
<i>Trabalho e recebo ajuda da família</i>	12,30	15,00	14,63	11,76	14,75	20,00	25,00	7,41	18,52	6,90
<i>Trabalho e ajudo a sustentar a família</i>	10,03	12,86	15,45	11,76	9,02	21,43	13,24	22,22	7,41	13,79
N	309	420	123	51	244	70	68	27	54	116
Trabalha ou trabalhou nos últimos 30 dias **										
<i>Sim</i>	27,18	27,92	33,06	27,45	25,41	42,86	41,18	35,71	25,00	20,34
<i>Não, mas já trabalhei</i>	19,42	23,63	18,55	23,53	30,33	24,29	22,06	25,00	23,21	27,12
<i>Nunca trabalhei</i>	53,40	48,45	48,39	49,02	44,26	32,86	36,76	39,29	51,79	52,54
N	309	419	124	51	244	70	68	28	56	118
Ajuda a cuidar das tarefas domésticas *										
<i>Sim</i>	93,55	91,67	95,12	88,24	92,18	88,57	92,65	92,86	85,71	83,90
<i>Não</i>	6,45	8,33	4,88	11,76	7,82	11,43	7,35	7,14	14,29	16,10
N	310	420	123	51	243	70	68	28	56	118
Pessoa no domicílio com vício de álcool										
<i>Sim</i>	11,44	15,48	15,45	19,61	10,70	11,43	11,94	21,43	14,55	20,34
<i>Não</i>	88,56	84,52	84,55	80,39	89,30	88,57	88,06	78,57	85,45	79,66
N	306	420	123	51	243	70	67	28	55	118

Fonte: Pesquisa Jovem, 2008.

Notas:

(1) Variáveis com mais de 20% das categorias com n < 5

Valores de p no teste Qui-Quadrado:

* Valor de p < 0,1

** Valor de p < 0,05

*** Valor de p < 0,01

**** Valor de p < 0,001

TABELA 7.2 - Distribuição relativa das categorias de resposta das variáveis sociodemográficas e de domicílio, segundo participação religiosa, masculino, 2008

(continua)

Características	Participação Religiosa %									
	Cat. Prat.	Cat. Esp.	Prot. Hist. Prat.	Prot. Hist. Esp.	Prot. Pent. Prat.	Prot. Pent. Esp.	Prot. Neo. Prat.	Prot. Neo. Esp.	Outras	Nenhuma
Sociodemográficas e de domicílio										
Idade¹										
15	3,11	2,64	1,15	2,70	3,36	1,30	5,26	0,00	1,96	0,76
16	49,07	39,81	36,78	27,03	40,27	33,77	36,84	38,10	43,14	26,72
17	29,19	32,37	37,93	43,24	31,54	37,66	39,47	52,38	31,37	42,75
18	13,66	17,75	20,69	16,22	19,46	16,88	13,16	9,52	17,65	22,90
19	4,97	7,43	3,45	10,81	5,37	10,39	5,26	0,00	5,88	6,87
N	161	417	87	37	149	77	38	21	51	131
Raça/cor										
Branca	25,48	27,07	19,77	21,21	23,61	17,57	18,92	9,52	26,00	20,47
Preta	17,20	19,51	23,26	24,24	20,14	27,03	18,92	19,05	24,00	22,83
Parda	50,32	46,59	48,84	45,45	44,44	48,65	56,76	57,14	44,00	44,88
Outras	7,01	6,83	8,14	9,09	11,81	6,76	5,41	14,29	6,00	11,81
N	157	410	86	33	144	74	37	21	50	127
Raça/cor										
Branca	25,48	27,07	19,77	21,21	23,61	17,57	18,92	9,52	26,00	20,47
Negra	67,52	66,10	72,09	69,70	64,58	75,68	75,68	76,19	68,00	67,72
Indígena/amarela	7,01	6,83	8,14	9,09	11,81	6,76	5,41	14,29	6,00	11,81
N	157	410	86	33	144	74	37	21	50	127
Família no domicílio^{1**}										
Pai e mãe	69,57	62,83	63,22	45,95	69,13	62,34	55,26	52,38	68,63	55,73
Só mãe	23,60	24,94	28,74	54,05	26,17	31,17	34,21	42,86	19,61	35,11
Só pai	2,48	4,08	4,60	0,00	0,67	5,19	5,26	4,76	5,88	4,58
Nenhum	4,35	8,15	3,45	0,00	4,03	1,30	5,26	0,00	5,88	4,58
N	161	417	87	37	149	77	38	21	51	131
Número de pessoas no domicílio										
Até quatro	50,99	53,05	50,59	42,86	54,81	40,58	44,12	42,86	56,00	51,24
5 ou mais	49,01	46,95	49,41	57,14	45,19	59,42	55,88	57,14	44,00	48,76
N	151	394	85	35	135	69	34	21	50	121
Pai vivo[*]										
Sim	93,46	94,18	92,77	83,33	94,33	93,24	94,44	85,00	98,00	87,20
Não	6,54	5,82	7,23	16,67	5,67	6,76	5,56	15,00	2,00	12,80
N	153	395	83	36	141	74	36	20	50	125
Mãe viva¹										
Sim	98,11	97,80	100,00	100,00	99,32	97,33	100,00	100,00	96,08	96,18
Não	1,89	2,20	0,00	0,00	0,68	2,67	0,00	0,00	3,92	3,82
N	159	410	86	37	146	75	38	21	51	131
Idade da mãe ao primeiro filho^{1**}										
13 a 14	0,00	0,00	1,18	0,00	2,78	0,00	0,00	4,76	0,00	0,00
15 a 19	16,03	19,25	20,00	27,03	20,14	12,99	25,00	28,57	19,61	19,85
20 a 24	19,87	17,00	21,18	21,62	20,14	10,39	25,00	4,76	25,49	13,74
25 a 29	9,62	10,25	10,59	8,11	7,64	5,19	5,56	4,76	7,84	6,11
30 a 49	7,69	10,00	3,53	2,70	8,33	7,79	5,56	4,76	7,84	4,58
Não sabe	46,79	43,50	43,53	40,54	40,97	63,64	38,89	52,38	39,22	55,73
N	156	400	85	37	144	77	36	21	51	131

Fonte: Pesquisa Jovem, 2008.

Notas:

(1) Variáveis com mais de 20% das categorias com n < 5

Valores de p no teste Qui-Quadrado:

* Valor de p < 0,1

** Valor de p < 0,05

*** Valor de p < 0,01

**** Valor de p < 0,001

TABELA 7.2 - Distribuição relativa das categorias de resposta das variáveis sociodemográficas e de domicílio, segundo participação religiosa, masculino, 2008

(fim)

Características	Participação Religiosa %									
	Cat. Prat.	Cat. Esp.	Prot. Hist. Prat.	Prot. Hist. Esp.	Prot. Pent. Prat.	Prot. Pent. Esp.	Prot. Neo. Prat.	Prot. Neo. Esp.	Outras	Nenhuma
Sociodemográficas e de domicílio										
Responsável pelo domicílio										
<i>Pai</i>	52,87	53,38	58,14	43,24	57,72	52,63	51,35	42,86	60,42	42,64
<i>Mãe</i>	35,67	33,33	39,53	40,54	32,89	40,79	32,43	52,38	29,17	46,51
<i>Outros</i>	11,46	13,29	2,33	16,22	9,40	6,58	16,22	4,76	10,42	10,85
N	157	414	86	37	149	76	37	21	48	129
Escolaridade do responsável pelo domicílio **										
<i>Até 4ª série</i>	37,33	40,60	34,62	20,59	36,62	33,82	38,71	65,00	25,00	38,60
<i>Ensino fundamental incompleto</i>	15,33	18,53	12,82	26,47	20,42	27,94	25,81	10,00	16,67	16,67
<i>Ensino fundamental completo</i>	26,00	16,35	21,79	29,41	22,54	22,06	22,58	20,00	27,08	27,19
<i>Ensino médio completo</i>	17,33	15,80	25,64	17,65	18,31	13,24	12,90	5,00	22,92	14,04
<i>Superior completo</i>	4,00	8,72	5,13	5,88	2,11	2,94	0,00	0,00	8,33	3,51
N	150	367	78	34	142	68	31	20	48	114
Escolaridade da mãe *										
<i>Até 4ª série</i>	34,03	37,33	28,21	37,14	33,33	32,35	38,71	55,56	31,25	41,59
<i>Ensino fundamental incompleto</i>	21,53	20,71	17,95	14,29	27,54	32,35	22,58	22,22	16,67	21,24
<i>Ensino fundamental completo</i>	22,22	16,35	20,51	25,71	26,81	25,00	25,81	11,11	25,00	19,47
<i>Ensino médio completo</i>	16,67	18,80	25,64	22,86	10,87	8,82	12,90	11,11	20,83	13,27
<i>Superior completo</i>	5,56	6,81	7,69	0,00	1,45	1,47	0,00	0,00	6,25	4,42
N	144	367	78	35	138	68	31	18	48	113
Renda Total no domicílio ***										
<i>Até um salário</i>	19,35	12,32	9,64	0,00	18,12	8,00	13,89	23,81	10,00	19,69
<i>Até 2 salários</i>	27,10	25,86	22,89	37,84	35,51	40,00	25,00	23,81	16,00	38,58
<i>Até 3 salários</i>	29,03	31,28	34,94	35,14	21,01	26,67	36,11	33,33	32,00	21,26
<i>A partir de 3 salários</i>	24,52	30,54	32,53	27,03	25,36	25,33	25,00	19,05	42,00	20,47
N	155	406	83	37	138	75	36	21	50	127
Domicílio recebe Bolsa Família ***										
<i>Sim</i>	22,15	19,08	25,58	25,00	25,34	35,06	15,79	28,57	13,73	34,35
<i>Não</i>	77,85	80,92	74,42	75,00	74,66	64,94	84,21	71,43	86,27	65,65
N	158	414	86	36	146	77	38	21	51	131
Situação de sustento **										
<i>Não trabalho e sou ajudado por família ou benefício</i>	53,46	46,73	39,53	37,84	54,36	41,56	47,37	42,86	54,90	54,62
<i>Trabalho e recebo ajuda da família</i>	25,16	25,67	24,42	18,92	24,16	27,27	31,58	23,81	27,45	17,69
<i>Trabalho e ajudo a sustentar a família</i>	21,38	27,60	36,05	43,24	21,48	31,17	21,05	33,33	17,65	27,69
N	159	413	86	37	149	77	38	21	51	130
Trabalha ou trabalhou nos últimos 30 dias ***										
<i>sim</i>	46,25	53,00	62,79	64,86	48,32	61,04	51,35	42,86	47,06	45,80
<i>não, mas já trabalhei</i>	21,25	23,98	20,93	32,43	30,20	22,08	27,03	47,62	27,45	32,82
<i>nunca trabalhei</i>	32,50	23,02	16,28	2,70	21,48	16,88	21,62	9,52	25,49	21,37
N	160	417	86	37	149	77	37	21	51	131
Ajuda a cuidar das tarefas domésticas ****										
<i>sim</i>	59,63	39,18	48,84	48,65	62,16	51,95	68,42	47,62	60,78	46,56
<i>não</i>	40,37	60,82	51,16	51,35	37,84	48,05	31,58	52,38	39,22	53,44
N	161	416	86	37	148	77	38	21	51	131
Pessoa no domicílio com vício de álcool										
<i>sim</i>	9,38	12,35	5,81	8,11	13,10	9,21	13,16	20,00	7,84	10,85
<i>não</i>	90,63	87,65	94,19	91,89	86,90	90,79	86,84	80,00	92,16	89,15
N	160	413	86	37	145	76	38	20	51	129

Fonte: Pesquisa Jovem, 2008.

Notas:

(1) Variáveis com mais de 20% das categorias com n < 5

Valores de p no teste Qui-Quadrado:

* Valor de p < 0,1

** Valor de p < 0,05

*** Valor de p < 0,01

**** Valor de p < 0,001

Praticantes tendem a ter maior proporção de família completa que esporádicos, salvo a exceção das protestantes históricas, em que houve um empate: 61% das esporádicas tinham a família completa, enquanto 60% das praticantes não o tinham.

O responsável pelo domicílio, no caso dos homens (TAB. 7.2), era na maioria das vezes o pai (exceto as categorias “neopentecostal esporádica” e “nenhuma religião”). Já para mulheres (TAB. 7.1), as categorias “protestantes históricas esporádicas”, “pentecostais esporádicas”, “neopentecostais praticantes e esporádicas” e “nenhuma”, a mãe era a responsável pelo domicílio, mostrando que há, claramente, uma diferença na interpretação de responsável pelo domicílio segundo o sexo do respondente.

A escolaridade do responsável pelo domicílio é, na sua maioria, até a 4ª série do Ensino Fundamental. A sobrevivência de pais e mães, ou seja, ter os pais vivos, também não parece estar associada à participação religiosa, ou ser diferente de acordo com o sexo do respondente.

Segundo as mulheres, independente de religião, a renda da maioria é de até 2 salários mínimos (TAB. 7.1). Para homens, no entanto, a renda parece ser mais alta. Para diversos grupos religiosos, a renda está mais concentrada entre 2 e 3 salários (TAB. 7.2), como é o caso dos protestante neopentecostais praticantes (36% ganha de 2 a 3 salários), enquanto entre as mulheres dessa denominação religiosa, a categoria mais lembrada foi a de 1 a 2 salários (37%).

O Programa Bolsa Família completa a renda de 36% das mulheres e 34% dos homens sem religião. Entre os católicos esporádicos, apenas 19% dos domicílios dos homens recebem o Bolsa Família, enquanto para as mulheres desse grupo religioso, 31% recebem esse benefício, que é muito mais presente em domicílios de mulheres que de homens.

Ao avaliar a situação de trabalho e de sustento, homens tendem a estar no mercado de trabalho com muito mais frequência que as mulheres, o que talvez confirme a dependência econômica que os domicílios de mulheres têm de programas sociais, a

renda mais baixa e o grande número de mães que são chefes de domicílio. A porcentagem de mulheres que não trabalham e são sustentadas pela família ou por benefício social é acima de 70% em quase todos os grupos religiosos, com exceção das pentecostais esporádicas (59%) e das neopentecostais praticantes (62%). Entre os homens, apesar de a maioria também não trabalhar e ser sustentada pela família, a porcentagem dos que não trabalham é bem mais baixa que a feminina, sendo de apenas 38% para os protestantes históricos esporádicos, sendo que a maioria (43%) trabalha e ajuda a sustentar a família.

Ao olhar o cuidado com as tarefas domésticas, a situação se inverte. Apesar de ser bem empatado para os homens, praticantes tendem a ajudar nas tarefas domésticas mais que os não praticantes, sendo que a porcentagem daqueles que ajudam chega a 68% entre os neopentecostais praticantes. Já entre as mulheres, a porcentagem dos que ajudam nas tarefas domésticas é acima de 84% em todas as denominações religiosas, sendo, também, levemente mais alta para as mais praticantes.

A maior parte das mulheres nunca trabalhou, com exceção das pentecostais esporádicas e das neopentecostais praticantes, que, em 43% e 41% dos casos, respectivamente, estavam trabalhando no momento da entrevista, enquanto apenas 20% das sem religião estavam trabalhando. Para os homens, a maior parte já havia trabalhado alguma vez na vida, ou estava trabalhando no momento da entrevista.

Educação

Com relação às variáveis de educação, há claras diferenças entre sexo. Apesar de a idade de entrada ao Ensino Fundamental não variar entre sexo e entre religiões, a repetência, tanto no Ensino Médio, quanto no Fundamental, parece ocorrer com mais frequência entre os homens (TAB. 8.2), chegando a proporção a ser maior que 20% em todas as categorias de religião no Ensino Fundamental, enquanto para mulheres (TAB. 8.1) a porcentagem só chegou a 20% em três categorias religiosas: “nenhuma”,

“pentecostal” e “protestante histórica esporádica”. A reprovação parece ser maior entre aqueles esporádicos, sendo essa diferença bem mais marcante entre os homens. Um exemplo são os pentecostais, em que 40% dos esporádicos já haviam repetido o ano no Ensino Fundamental, contra 28% dos praticantes.

TABELA 8.1 - Distribuição relativa das categorias de resposta das variáveis educacionais, segundo participação religiosa, feminino, 2008

Características	Participação Religiosa %									
	Cat. Prat.	Cat. Esp.	Prot. Hist. Prat.	Prot. Hist. Esp.	Prot. Pent. Prat.	Prot. Pent. Esp.	Prot. Neo. Prat.	Prot. Neo. Esp.	Outras	Nenhuma
Educacionais										
Idade ao entrar na 1ª série do Ensino Fundamental ¹										
<i>Até 8 anos</i>	99,67	99,02	100,00	97,96	99,15	100,00	100,00	100,00	96,30	99,13
<i>9 anos ou mais</i>	0,33	0,98	0,00	2,04	0,85	0,00	0,00	0,00	3,70	0,87
N	300	410	113	49	235	68	65	25	54	115
Reprovação no Ensino Fundamental (1ª a 8ª série)										
<i>Sim</i>	15,91	19,05	17,74	19,61	18,85	21,43	14,71	14,29	12,50	21,19
<i>Nunca foi reprovado</i>	84,09	80,95	82,26	80,39	81,15	78,57	85,29	85,71	87,50	78,81
N	308	420	124	51	244	70	68	28	56	118
Reprovação na 1ª série do Ensino Médio ***										
<i>Sim</i>	9,45	14,35	11,29	25,49	15,64	24,29	22,06	25,00	9,09	18,64
<i>Nunca foi reprovado no ensino médio</i>	90,55	85,65	88,71	74,51	84,36	75,71	77,94	75,00	90,91	81,36
N	307	418	124	51	243	70	68	28	55	118
Turno ****										
<i>Diurno</i>	67,64	55,48	61,29	49,02	58,02	45,71	63,24	32,14	75,00	48,31
<i>Noturno</i>	32,36	44,52	38,71	50,98	41,98	54,29	36,76	67,86	25,00	51,69
N	309	420	124	51	243	70	68	28	56	118
Alguém acompanha a vida escolar ¹***										
<i>Sim</i>	95,13	91,61	90,32	84,00	90,08	90,00	83,82	82,14	96,36	8376,07
<i>Não</i>	4,87	8,39	9,68	16,00	9,92	10,00	16,18	17,86	3,64	1623,93
N	308	417	124	50	242	70	68	28	55	117
Se gosta da escola **										
<i>Pouco</i>	10,97	8,85	8,87	18,00	11,72	10,00	16,18	28,57	14,55	11,11
<i>Médio</i>	49,35	55,02	41,13	50,00	55,65	48,57	58,82	42,86	52,73	55,56
<i>Muito</i>	39,68	36,12	50,00	32,00	32,64	41,43	25,00	28,57	32,73	33,33
N	310	418	124	50	239	70	68	28	55	117
Situação da vizinhança da escola										
<i>Pouco violenta</i>	87,21	89,71	85,48	87,76	86,67	78,57	88,24	82,14	90,91	88,03
<i>Violenta</i>	12,79	10,29	14,52	12,24	13,33	21,43	11,76	17,86	9,09	11,97
N	305	418	124	49	240	70	68	28	55	117
Notas autoavaliadas ¹										
<i>Ruins</i>	2,26	2,86	2,42	4,00	2,51	2,86	4,41	3,57	3,64	6,84
<i>Médio</i>	42,90	45,58	44,35	46,00	46,86	64,29	54,41	50,00	38,18	50,43
<i>Boas</i>	54,84	51,55	53,23	50,00	50,63	32,86	41,18	46,43	58,18	42,74
N	310	419	124	50	239	70	68	28	55	117
Acha que vai completar o Ensino Médio ¹										
<i>Sim</i>	98,71	98,09	99,19	94,12	99,17	97,14	100,00	96,43	98,21	96,61
<i>Não</i>	1,29	1,91	0,81	5,88	0,83	2,86	0,00	3,57	1,79	3,39
N	309	419	124	51	241	70	68	28	56	118

Fonte: Pesquisa Jovem, 2008.

Notas:

(1) Variáveis com mais de 20% das categorias com n < 5

Valores de p no teste Qui-Quadrado:

* Valor de p < 0,1

** Valor de p < 0,05

*** Valor de p < 0,01

**** Valor de p < 0,001

A distribuição dos turnos por religião não parece respeitar regras, mas a proporção de pessoas que estudam durante o dia, para as mulheres, é maior entre os praticantes. Essa proporção chega a 75% entre as fiéis de outras religiões, enquanto é de apenas 32% entre as neopentecostais esporádicas, cuja maioria estuda à noite. Assim como elas, os homens protestantes históricos estudam, na maioria (65%), no período noturno.

TABELA 8.2 - Distribuição relativa das categorias de resposta das variáveis educacionais, segundo participação religiosa, masculino, 2008

Características	Participação Religiosa %									
	Cat. Prat.	Cat. Esp.	Prot. Hist. Prat.	Prot. Hist. Esp.	Prot. Pent. Prat.	Prot. Pent. Esp.	Prot. Neo. Prat.	Prot. Neo. Esp.	Outras	Nenhuma
Educacionais										
Idade ao entrar na 1a. série do Ensino Fundamental ¹										
<i>Até 8 anos</i>	100,00	98,98	98,82	100,00	99,29	97,10	100,00	100,00	98,00	98,35
<i>9 anos ou mais</i>	0,00	1,02	1,18	0,00	0,71	2,90	0,00	0,00	2,00	1,65
N	157	393	85	35	140	69	36	19	50	121
Reprovação no Ensino Fundamental (1ª a 8ª série)										
<i>Sim</i>	21,12	27,60	27,59	35,14	27,52	40,26	21,05	28,57	31,37	33,33
<i>Nunca foi reprovado</i>	78,88	72,40	72,41	64,86	72,48	59,74	78,95	71,43	68,63	66,67
N	161	413	87	37	149	77	38	21	51	129
Reprovação na 1ª série do Ensino Médio **										
<i>Sim</i>	15,00	28,64	31,76	30,56	24,16	32,89	31,58	19,05	19,61	34,62
<i>Nunca foi reprovado no ensino médio</i>	85,00	71,36	68,24	69,44	75,84	67,11	68,42	80,95	80,39	65,38
N	160	412	85	36	149	76	38	21	51	130
Turno *										
<i>Diurno</i>	58,39	53,98	42,53	35,14	56,38	42,86	56,76	47,62	54,90	48,09
<i>Noturno</i>	41,61	46,02	57,47	64,86	43,62	57,14	43,24	52,38	45,10	51,91
N	161	415	87	37	149	77	37	21	51	131
Alguém acompanha a vida escolar ^{1 *}										
<i>Sim</i>	91,82	91,44	94,19	88,89	91,16	88,31	83,78	95,24	86,00	81,54
<i>Não</i>	8,18	8,56	5,81	11,11	8,84	11,69	16,22	4,76	14,00	18,46
N	159	409	86	36	147	77	37	21	50	130
Se gosta da escola **										
<i>Pouco</i>	9,94	11,41	9,20	8,11	9,46	4,00	8,33	28,57	2,00	18,46
<i>Médio</i>	45,34	46,36	45,98	59,46	56,08	52,00	44,44	38,10	58,00	45,38
<i>Muito</i>	44,72	42,23	44,83	32,43	34,46	44,00	47,22	33,33	40,00	36,15
N	161	412	87	37	148	75	36	21	50	130
Situação da vizinhança da escola										
<i>Pouco violenta</i>	85,71	90,17	85,88	78,38	89,04	90,91	83,78	90,48	90,20	81,54
<i>Violenta</i>	14,29	9,83	14,12	21,62	10,96	9,09	16,22	9,52	9,80	18,46
N	161	407	85	37	146	77	37	21	51	130
Notas autoavaliadas ****										
<i>Ruins</i>	4,35	7,28	1,15	5,41	6,76	5,26	8,33	19,05	10,00	8,46
<i>Médio</i>	49,07	57,52	50,57	70,27	50,00	72,37	55,56	52,38	54,00	67,69
<i>Boas</i>	46,58	35,19	48,28	24,32	43,24	22,37	36,11	28,57	36,00	23,85
N	161	412	87	37	148	76	36	21	50	130
Se acha que vai completar o Ensino Médio ^{1 **}										
<i>Sim</i>	99,38	97,83	98,85	94,59	100,00	94,74	94,59	95,00	96,08	93,13
<i>Não</i>	0,63	2,17	1,15	5,41	0,00	5,26	5,41	5,00	3,92	6,87
N	160	415	87	37	148	76	37	20	51	131

Fonte: Pesquisa Jovem, 2008.

Notas:

(1) Variáveis com mais de 20% das categorias com $n < 5$

Valores de p no teste Qui-Quadrado:

* Valor de $p < 0,1$

** Valor de $p < 0,05$

*** Valor de $p < 0,01$

**** Valor de $p < 0,001$

Com relação a ter alguém que acompanha a vida escolar, mais de 95% das católicas praticantes e 92% dos católicos praticantes relatam receber acompanhamento, enquanto apenas 84% das mulheres e 81,5% dos homens sem religião o recebem. Se esse acompanhamento se reflete nas notas, é impossível saber, no entanto, enquanto 55% das mulheres católicas praticantes e 47% dos seus pares masculinos dizem ter boas notas, apenas 24% dos homens sem religião e 43% das mulheres o possuem. É dos homens neopentecostais esporádicos (19%) e das mulheres sem religião (7%) os maiores percentuais de notas autoavaliadas como ruins. De um modo geral, as mulheres tendem a avaliar suas notas mais positivamente que os homens, e ambos os sexos tendem a achar a escola mais positiva do que negativa.

Para finalizar, completar o Ensino Médio parece ser um plano universal.

Estilo de vida

Para mulheres (TAB. 9.1), assistir à televisão, jogar *video game* ou ficar na internet é atividade favorita de 32% das católicas praticantes, 29% das católicas esporádicas, 27% das pentecostais praticantes, 32% das pentecostais esporádicas, 35% das neopentecostais esporádicas, 29% das que tinham outras religiões e 24% das que não tinham nenhuma religião. Namorar é atividade favorita das protestantes históricas esporádicas e 24% das sem religião. Ir à igreja é atividade favorita das neopentecostais praticantes (33%). Percebe-se que entre os praticantes, é maior a proporção dos que reportam ir à igreja como atividade favorita – por exemplo, comparando o grupo protestante neopentecostal, para os praticantes, ir à igreja é atividade favorita de 33% deles, enquanto para os não praticantes, essa porcentagem é nula. No grupo de católicas praticantes, apesar de irem à igreja com a frequência de pelo menos uma vez na semana, apenas 4% das mulheres relatam a igreja como atividade favorita. É possível que frequentar uma igreja protestante ou pentecostal seja mais prazeroso do que ir à igreja católica.

Para homens (TAB. 9.2), praticar esportes, dançar ou assistir a jogos no Mineirão ou pela televisão é a atividade favorita em todas as denominações religiosas (variando entre 27 e 56%), com exceção dos sem religião, que preferem assistir à televisão, jogar *video game* ou ficar na internet (25%). Os protestantes históricos, independente de denominação, são os que relatam o namoro como atividade favorita. Ir à igreja, assim como para as mulheres, tende a ter maior proporção de respondentes naquelas categorias praticantes, como a neopentecostal (24%) e a protestante histórica (16%).

TABELA 9.1 - Distribuição relativa das categorias de resposta das variáveis de estilo de vida e experiências individuais, segundo participação religiosa, feminino, 2008

Características	Participação Religiosa %									
	Cat. Prat.	Cat. Esp.	Prot. Hist. Prat.	Prot. Hist. Esp.	Prot. Pent. Prat.	Prot. Pent. Esp.	Prot. Neo. Prat.	Prot. Neo. Esp.	Outras	Nenhuma
Estilo de vida e experiências individuais										
Atividade favorita^{1****}										
<i>Esporte ou dança (praticar ou assistir)</i>	13,38	20,37	14,81	15,56	11,79	11,86	10,34	13,04	13,33	16,16
<i>Sair (cinema, show, boteco, conversar com amigos)</i>	15,99	17,20	11,11	8,89	8,02	11,86	5,17	4,35	15,56	13,13
<i>Ativ. artística ou intelectual (desenhar, cantar, tocar)</i>	7,06	4,23	8,33	8,89	9,43	10,17	12,07	8,70	11,11	9,09
<i>Namorar</i>	15,24	19,31	12,96	35,56	12,26	20,34	12,07	17,39	11,11	24,24
<i>TV, video game, internet</i>	31,97	28,84	15,74	22,22	27,36	32,20	20,69	34,78	28,89	24,24
<i>Ir à igreja</i>	4,46	0,26	20,37	0,00	20,28	1,69	32,76	0,00	8,89	0,00
<i>Conviver com a família</i>	9,29	4,50	11,11	2,22	5,66	6,78	3,45	17,39	6,67	3,03
<i>Outras</i>	2,60	5,29	5,56	6,67	5,19	5,08	3,45	4,35	4,44	10,10
N	269	378	108	45	212	59	58	23	45	99
Prática semanal de esportes										
<i>Não pratico</i>	29,97	35,32	31,97	41,18	35,25	32,86	33,82	37,04	25,00	35,90
<i>Até dois dias na semana</i>	45,60	42,24	44,26	27,45	43,03	48,57	39,71	40,74	58,93	36,75
<i>Mais de dois dias na semana</i>	24,43	22,43	23,77	31,37	21,72	18,57	26,47	22,22	16,07	27,35
N	307	419	122	51	244	70	68	27	56	117
Participa de atividade extra escolar ***										
<i>Sim</i>	52,92	36,75	38,66	32,00	42,15	39,13	45,45	51,85	53,57	38,79
<i>Não</i>	47,08	63,25	61,34	68,00	57,85	60,87	54,55	48,15	46,43	61,21
N	308	419	119	50	242	69	66	27	56	116
Uso de internet **										
<i>Sim</i>	81,82	77,27	87,80	84,31	72,95	77,14	85,29	75,00	89,29	80,17
<i>Não</i>	18,18	22,73	12,20	15,69	27,05	22,86	14,71	25,00	10,71	19,83
N	308	418	123	51	244	70	68	28	56	116
Uso de cigarro ****										
<i>Já fez ou faz uso independente de frequência</i>	4,23	7,42	4,03	3,92	4,13	2,86	2,94	3,57	7,27	11,97
<i>Não, mas já experimentei</i>	17,26	22,01	15,32	21,57	11,16	22,86	27,94	46,43	12,73	35,04
<i>Não</i>	78,50	70,57	80,65	74,51	84,71	74,29	69,12	50,00	80,00	52,99
N	307	418	124	51	242	70	68	28	55	117
Uso de bebida alcoólica ****										
<i>Já fez ou faz uso independente de frequência</i>	40,91	50,60	13,71	33,33	10,29	38,57	13,24	67,86	47,27	52,99
<i>Não, mas já experimentei</i>	23,38	21,00	25,00	31,37	27,57	14,29	36,76	21,43	20,00	24,79
<i>Não</i>	35,71	28,40	61,29	35,29	62,14	47,14	50,00	10,71	32,73	22,22
N	308	419	124	51	243	70	68	28	55	117
Já experimentou maconha^{1***}										
<i>Sim</i>	3,32	4,65	3,28	7,84	2,95	4,35	1,47	7,14	1,82	13,16
<i>Não</i>	96,68	95,35	96,72	92,16	97,05	95,65	98,53	92,86	98,18	86,84
N	301	409	122	51	237	69	68	28	55	114
Estado de saúde auto avaliado¹										
<i>Excelente</i>	34,58	34,95	33,05	24,00	34,96	32,35	45,16	28,00	24,53	36,28
<i>Muito bom</i>	36,61	35,44	40,68	40,00	30,97	27,94	24,19	28,00	43,40	35,40
<i>Bom</i>	20,00	21,12	21,19	22,00	23,89	26,47	22,58	36,00	26,42	21,24
<i>Regular</i>	8,14	7,28	5,08	14,00	8,85	13,24	6,45	0,00	5,66	7,08
<i>Ruim</i>	0,68	1,21	0,00	0,00	1,33	0,00	1,61	8,00	0,00	0,00
N	295	412	118	50	226	68	62	25	53	113
Já sofreu violência na escola										
<i>Sim</i>	11,11	12,23	15,45	15,69	10,70	14,29	14,71	25,00	16,67	16,10
<i>Não</i>	88,89	87,77	84,55	84,31	89,30	85,71	85,29	75,00	83,33	83,90
N	306	417	123	51	243	70	68	28	54	118
Já sofreu violência dentro da família ***										
<i>Sim</i>	10,03	19,42	17,07	20,00	13,22	12,86	19,40	25,93	14,29	23,93
<i>Não</i>	89,97	80,58	82,93	80,00	86,78	87,14	80,60	74,07	85,71	76,07
N	309	417	123	50	242	70	67	27	56	117
Já sofreu violência numa relação afetiva¹										
<i>Sim</i>	4,22	8,57	5,65	4,00	2,88	7,14	4,48	14,29	8,93	5,08
<i>Não</i>	95,13	90,24	94,35	96,00	95,88	91,43	94,03	82,14	91,07	94,07
<i>Não, mas já fui responsável por violência</i>	0,65	1,19	0,00	0,00	1,23	1,43	1,49	3,57	0,00	0,85
N	308	420	124	50	243	70	67	28	56	118

Fonte: Pesquisa Jovem, 2008.

Notas:

(1) Variáveis com mais de 20% das categorias com $n < 5$

Valores de p no teste Qui-Quadrado:

* Valor de $p < 0,1$

** Valor de $p < 0,05$

*** Valor de $p < 0,01$

**** Valor de $p < 0,001$

TABELA 9.2 - Distribuição relativa das categorias de resposta das variáveis de estilo de vida e experiências individuais, segundo participação religiosa, masculino, 2008

Características	Participação Religiosa %									Outras	Nenhuma
	Cat. Prat.	Cat. Esp.	Prot. Hist. Prat.	Prot. Hist. Esp.	Prot. Prat.	Prot. Esp.	Prot. Neo. Prat.	Prot. Neo. Esp.			
Estilo de vida e experiências individuais											
Atividade favorita ^{1****}											
<i>Esporte ou dança (praticar ou assistir)</i>	40,14	34,32	35,14	29,63	36,09	44,29	34,48	55,56		27,27	22,73
<i>Sair (cinema, show, boteco, conversar com amigos)</i>	7,75	10,72	4,05	18,52	4,51	8,57	3,45	11,11		6,82	13,64
<i>Ativ. artística ou intelectual (desenhar, cantar, tocar instrumento, Namorar)</i>	9,86	5,63	4,05	7,41	14,29	2,86	17,24	5,56		11,36	7,27
<i>TV, video game, internet</i>	16,90	24,66	25,68	25,93	12,78	20,00	6,90	5,56		15,91	20,91
<i>Ir à igreja</i>	12,68	17,16	13,51	18,52	14,29	17,14	13,79	22,22		27,27	24,55
<i>Conviver com a família</i>	2,82	0,00	16,22	0,00	13,53	0,00	24,14	0,00		4,55	0,91
<i>Outras</i>	7,75	2,68	1,35	0,00	3,76	7,14	0,00	0,00		6,82	4,55
N	2,11	4,83	0,00	0,00	0,75	0,00	0,00	0,00		0,00	5,45
N	142	373	74	27	133	70	29	18		44	110
Prática semanal de esportes											
<i>Não pratico</i>	8,92	7,97	5,88	13,51	11,56	10,67	15,79	9,52		13,73	13,85
<i>Até dois dias na semana</i>	35,03	46,38	36,47	37,84	46,26	37,33	28,95	47,62		35,29	43,85
<i>Mais de dois dias na semana</i>	56,05	45,65	57,65	48,65	42,18	52,00	55,26	42,86		50,98	42,31
N	157	414	85	37	147	75	38	21		51	130
Participa de atividade extra escolar											
<i>Sim</i>	40,00	33,25	43,53	35,14	35,17	26,39	21,62	33,33		47,92	31,50
<i>Não</i>	60,00	66,75	56,47	64,86	64,83	73,61	78,38	66,67		52,08	68,50
N	160	406	85	37	145	72	37	21		48	127
Uso de internet ¹											
<i>Sim</i>	83,23	81,40	83,53	81,08	85,03	84,42	65,79	60,00		80,39	79,07
<i>Não</i>	16,77	18,60	16,47	18,92	14,97	15,58	34,21	40,00		19,61	20,93
N	161	414	85	37	147	77	38	20		51	129
Uso de Cigarro ***											
<i>Já fez ou faz uso independente de frequência</i>	5,66	10,44	3,53	16,22	3,38	6,67	2,70	0,00		3,92	11,54
<i>Não, mas já experimentei</i>	8,81	20,63	16,47	21,62	17,57	16,00	24,32	33,33		19,61	20,00
<i>Não</i>	85,53	68,93	80,00	62,16	79,05	77,33	72,97	66,67		76,47	68,46
N	159	412	85	37	148	75	37	21		51	130
Uso de bebida alcoólica ****											
<i>Já fez ou faz uso independente de frequência</i>	37,27	49,76	17,24	48,65	12,08	36,84	7,89	57,14		41,18	45,80
<i>Não, mas já experimentei</i>	14,91	18,60	18,39	16,22	17,45	15,79	26,32	4,76		13,73	19,85
<i>Não</i>	47,83	31,64	64,37	35,14	70,47	47,37	65,79	38,10		45,10	34,35
N	161	414	87	37	149	76	38	21		51	131
Já experimentou maconha ****											
<i>Sim</i>	3,85	9,18	7,14	21,21	4,26	10,81	2,78	0,00		4,00	20,31
<i>Não</i>	96,15	90,82	92,86	78,79	95,74	89,19	97,22	100,00		96,00	79,69
N	156	403	84	33	141	74	36	20		50	128
Estado de saúde auto avaliado ^{1**}											
<i>Excelente</i>	57,42	44,42	59,04	53,13	58,16	43,48	52,78	55,00		48,94	46,34
<i>Muito bom</i>	34,19	39,09	31,33	31,25	29,79	37,68	30,56	30,00		38,30	28,46
<i>Bom</i>	7,74	12,44	6,02	15,63	9,22	15,94	13,89	15,00		10,64	18,70
<i>Regular</i>	0,65	4,06	1,20	0,00	2,84	2,90	2,78	0,00		2,13	5,69
<i>Ruim</i>	0,00	0,00	2,41	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00		0,00	0,81
N	155	394	83	32	141	69	36	20		47	123
Já sofreu violência na escola											
<i>Sim</i>	13,29	15,82	16,28	27,03	19,72	14,29	21,05	9,52		15,69	16,03
<i>Não</i>	86,71	84,18	83,72	72,97	80,28	85,71	78,95	90,48		84,31	83,97
N	158	411	86	37	142	77	38	21		51	131
Já sofreu violência dentro da família											
<i>Sim</i>	10,00	12,20	10,59	21,62	8,97	8,00	21,05	0,00		15,69	10,32
<i>Não</i>	90,00	87,80	89,41	78,38	91,03	92,00	78,95	100,00		84,31	89,68
N	160	410	85	37	145	75	38	21		51	126
Já sofreu violência numa relação afetiva ¹											
<i>Sim</i>	1,24	7,09	4,71	8,11	2,72	6,58	2,63	0,00		1,96	4,62
<i>Não</i>	98,76	91,20	94,12	91,89	95,92	93,42	97,37	100,00		98,04	92,31
<i>Não, mas já fui responsável por violência</i>	0,00	1,71	1,18	0,00	1,36	0,00	0,00	0,00		0,00	3,08
N	161	409	85	37	147	76	38	21		51	130

Fonte: Pesquisa Jovem, 2008.

Notas:

(1) Variáveis com mais de 20% das categorias com n < 5

Valores de p no teste Qui-Quadrado:

* Valor de p < 0,1

** Valor de p < 0,05

*** Valor de p < 0,01

**** Valor de p < 0,001

Os homens praticam esporte com mais frequência que as mulheres em todas as categorias religiosas. Os praticantes tendem a exercer atividades extraescolares com mais frequência que os não praticantes, com exceção dos neopentecostais esporádicos, dos dois sexos, cuja participação em atividades extraescolares é maior que a dos seus pares praticantes. A grande maioria dos jovens tem acesso e faz uso da internet com alguma frequência sendo que, entre os homens, os neopentecostais são os que mais relatam não fazer uso da internet (apenas 60% dos esporádicos e 66% dos praticantes fazem uso, ao passo que entre os pentecostais essas cifras são de 84% e 85% respectivamente).

Os homens e mulheres sem religião foram os que apresentaram maior proporção de uso de cigarro à época da entrevista ou no passado (12%). Praticantes tendem a responder com mais frequência que nunca sequer experimentaram. Já com relação ao uso de bebida alcoólica, 62% das mulheres pentecostais praticantes e 61% das protestantes históricas praticantes nunca haviam experimentado, enquanto essa proporção, entre os seus pares masculinos, era de 70% e 64% respectivamente. Os não praticantes, independente de sexo, faziam o uso com maior frequência. É possível que o homem, quando se autodenomina religioso, seja mais conservador que a mulher.

Ter experimentado maconha foi citado por 13% das mulheres sem religião, ao passo que, entre os homens sem religião, 20% já tinham experimentado. A porcentagem maior foi encontrada entre os protestantes históricos esporádicos (21%), sendo que o uso foi sempre menor entre os praticantes.

O estado de saúde autoavaliado foi considerado, em sua maioria, excelente em todas as categorias religiosas para os homens. Já para as mulheres, os estados “ótimo” e “muito bom” se alternavam, sendo que a categoria “bom” recebeu muito mais votos entre as mulheres que entre os homens.

No quesito “idade da mãe ao ter filho”, foi alta a proporção de homens que não sabiam ou não lembravam (variou entre 35% e 60%). Já entre as mulheres, a proporção que

não se lembrava variou entre 17,7% e 32,4%. Muitos são filhos e filhas de mães que foram mães na adolescência.

A porcentagem dos que sofreram violência na escola e na família é parecida para homens e mulheres da mesma participação religiosa. Os protestantes históricos esporádicos são os que mais relataram terem sido vítimas de violência: 27% sofreram violência na escola, enquanto 22% reportaram ter sofrido na família. Utilizando a categoria “católica esporádica” como exemplo, apenas 16% relataram ter sofrido violência na escola e 12% na família. Entre as mulheres, as neopentecostais esporádicas são as que relataram maior violência: 25% na escola e 26% na família. Além delas, as mulheres sem religião também tiveram alta proporção de violência na família: 24%. A violência na família é aparentemente reportada com maior frequência por mulheres, que por homens.

Igualmente, a violência na relação afetiva foi reportada por mais mulheres que por homens (entre 0% e 8% para homens segundo as participações religiosas, e entre 3% e 14% para mulheres). Enquanto o maior índice de sofrimento com violência na relação afetiva (14%) pertence às neopentecostais esporádicas, seus pares neopentecostais esporádicos são os que relataram o menor índice: 0%.

A avaliação do grau de periculosidade da escola (pouco violenta) é parecida para homens e mulheres pertencentes à mesma participação religiosa, com exceção dos protestantes históricos esporádicos, pentecostais esporádicos e neopentecostais esporádicos, cujas mulheres (88%, 79% e 82%, respectivamente) têm opinião bastante distante dos pares do sexo masculino (78%, 91% e 90%, respectivamente).

Sexualidade

A idade à primeira menstruação não parece ser diferente para mulheres de religiões diferentes. Quanto à ida ao ginecologista, a única categoria religiosa cuja maioria de mulheres já haviam ido ao ginecologista foi a “outras” (56,4% contra 43,6% que nunca

foi). Houve uma diferença de menos de um ponto percentual entre as pentecostais esporádicas. A porcentagem das que nunca foram chega a 70,6% das protestantes históricas esporádicas.

A frequência dos que reportaram estar namorando no momento da entrevista é maior entre as mulheres (TAB. 10.1) do que entre os homens (TAB 10.2), assim como é maior entre os homens a frequência daqueles que estavam sozinhos à data da entrevista. Entre os homens sem religião, católicos, neopentecostais e os pentecostais esporádicos, os que estavam sozinhos eram a categorial modal (variando entre 35% e 60%), seguidos dos que estavam “ficando” (24% e 48%), e por último os que namoravam (5% e 35%). Já entre os protestantes históricos e os pentecostais praticantes, a proporção de pessoas namorando era maior que de pessoas ficando.

Entre as mulheres, a proporção de sozinhas era maior entre as três classificações protestantes praticantes. Elas também apresentavam baixa proporção de pessoas ficando (12-15%) e alta de namoros (40-41%). Já entre as sem religião, as católicas em geral, as de outras religiões e as protestantes esporádicas, as que estavam namorando à data da entrevista era maioria dentro das categorias de resposta, variando entre 33% e 56%.

A proporção de sexualmente iniciados entre os homens é sempre mais alta para aqueles que não são praticantes, atingindo o maior valor na categoria de pessoas sem religião (77%). Entre os praticantes (exceto católicos) e os de outras religiões, a maioria ainda não se iniciou sexualmente. Os católicos praticantes têm maior iniciação sexual (58%) que os protestantes praticantes (43-47%). A maior diferença se dá entre os protestantes históricos: enquanto 43% dos praticantes são sexualmente iniciados, 73% dos esporádicos o são.

TABELA 10.1 - Distribuição relativa das categorias de resposta das variáveis de sexualidade, segundo participação religiosa, feminino, 2008

(continua)

Características	Participação Religiosa %									
	Cat. Prat.	Cat. Esp.	Prot. Hist. Prat.	Prot. Hist. Esp.	Prot. Pent. Prat.	Prot. Pent. Esp.	Prot. Neo. Prat.	Prot. Neo. Esp.	Outras	Nenhuma
Sexualidade										
Acha que a AIDS tem cura ^{1**}										
<i>Sim</i>	5,86	7,97	3,92	2,50	11,68	7,02	19,30	3,85	9,26	7,92
<i>Não</i>	94,14	92,03	96,08	97,50	88,32	92,98	80,70	96,15	90,74	92,08
N	273	364	102	40	214	57	57	26	54	101
Risco auto avaliado de contrair AIDS ^{***}										
<i>Não corro risco</i>	68,87	62,71	78,86	82,00	75,41	68,57	73,53	62,96	66,07	59,83
<i>Pequeno</i>	17,88	24,21	17,07	8,00	17,21	24,29	14,71	29,63	26,79	25,64
<i>Médio ou grande</i>	13,25	13,08	4,07	10,00	7,38	7,14	11,76	7,41	7,14	14,53
N	302	413	123	50	244	70	68	27	56	117
Status Amoroso ^{**}										
<i>Namorando</i>	39,29	39,71	41,13	52,94	39,92	45,71	40,00	35,71	44,64	49,57
<i>Ficando</i>	22,73	23,68	15,32	15,69	12,35	17,14	15,38	28,57	19,64	23,93
<i>Sozinho (sem relacionamento)</i>	37,99	36,60	43,55	31,37	47,74	37,14	44,62	35,71	35,71	26,50
N	308	418	124	51	243	70	65	28	56	117
Já teve relações sexuais ^{****}										
<i>Sim</i>	34,98	44,71	29,51	43,14	25,51	52,86	32,35	57,14	38,89	54,70
<i>Não</i>	65,02	55,29	70,49	56,86	74,49	47,14	67,65	42,86	61,11	45,30
N	303	416	122	51	243	70	68	28	54	117
Grau de motivação para a primeira relação sexual ¹										
<i>Baixo</i>	37,93	35,21	45,00	41,67	33,78	36,84	56,00	38,89	40,91	35,29
<i>Alto</i>	62,07	64,79	55,00	58,33	66,22	63,16	44,00	61,11	59,09	64,71
N	116	213	40	24	74	38	25	18	22	68
Parceiro(a) na primeira vez ^{1**}										
<i>Namorado ou noivo</i>	80,95	73,94	80,56	75,00	87,10	81,08	85,71	64,71	71,43	79,03
<i>Ficante</i>	14,29	21,28	5,56	15,00	3,23	13,51	0,00	35,29	19,05	12,90
<i>Sem vínculo amoroso</i>	4,76	4,79	13,89	10,00	9,68	5,41	14,29	0,00	9,52	8,06
N	105	186	36	20	25	10	59	43	21	62
Métodos na primeira vez ¹										
<i>Hormonal</i>	3,74	3,74	2,86	10,00	3,17	8,11	4,55	0,00	0,00	3,17
<i>Barreira</i>	74,77	80,75	71,43	80,00	74,60	83,78	72,73	81,25	80,95	71,43
<i>Tradicional (coito interrompido e tabela)</i>	8,41	2,14	11,43	10,00	6,35	0,00	9,09	0,00	4,76	9,52
<i>Combinado, ao menos um de barreira ou homônio</i>	8,41	4,28	0,00	0,00	6,35	5,41	0,00	12,50	9,52	6,35
<i>Nenhum</i>	4,67	9,09	14,29	0,00	9,52	2,70	13,64	6,25	4,76	9,52
N	107	187	35	20	63	37	22	16	21	63
Idade à primeira relação agrupada ^{1**}										
<i>13 ou menos</i>	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
<i>14 ou 15</i>	13,21	5,88	14,29	0,00	1,61	0,00	13,64	12,50	14,29	16,39
<i>16 a 17</i>	51,89	54,55	42,86	45,00	41,94	45,95	40,91	25,00	42,86	50,82
<i>18 ou mais</i>	33,96	35,29	37,14	55,00	51,61	43,24	40,91	62,50	33,33	29,51
N	0,94	4,28	5,71	0,00	4,84	10,81	4,55	0,00	9,52	3,28
N	106	187	35	20	62	37	22	16	21	61
Número de parceiros(as) nos últimos 12 meses ^{1*}										
<i>1</i>	68,63	71,27	70,59	80,00	85,25	77,78	82,61	68,75	61,90	64,52
<i>2</i>	21,57	18,78	8,82	10,00	8,20	8,33	13,04	12,50	14,29	24,19
<i>3</i>	1,96	5,52	2,94	5,00	3,28	8,33	0,00	12,50	14,29	3,23
<i>4</i>	3,92	3,87	5,88	5,00	1,64	2,78	4,35	0,00	0,00	6,45
<i>Nenhum</i>	3,92	0,55	11,76	0,00	1,64	2,78	0,00	6,25	9,52	1,61
N	102	181	34	20	61	36	23	16	21	62
Já esteve grávida ¹										
<i>Sim</i>	1,96	3,86	1,65	1,96	1,23	5,80	2,94	3,70	1,82	4,24
<i>Não</i>	98,04	96,14	98,35	98,04	98,77	94,20	97,06	96,30	98,18	95,76
N	306	414	121	51	243	69	68	27	55	118

Fonte: Pesquisa Jovem, 2008.

Notas:

(1) Variáveis com mais de 20% das categorias com $n < 5$

Valores de p no teste Qui-Quadrado:

* Valor de $p < 0,1$ ** Valor de $p < 0,05$ *** Valor de $p < 0,01$ **** Valor de $p < 0,001$

TABELA 10.1 - Distribuição relativa das categorias de resposta das variáveis de sexualidade, segundo participação religiosa, feminino, 2008

(fim)

Características	Participação Religiosa %									
	Cat. Prat.	Cat. Esp.	Prot. Hist. Prat.	Prot. Hist. Esp.	Prot. Pent. Prat.	Prot. Pent. Esp.	Prot. Neo. Prat.	Prot. Neo. Esp.	Outras	Nenhuma
Sexualidade										
Já teve aborto ¹										
<i>Sim, espontâneo (natural)</i>	0,98	0,72	3,25	1,96	0,82	1,45	1,47	3,70	0,00	0,85
<i>Sim, provocado</i>	0,33	1,20	0,81	0,00	0,41	1,45	0,00	3,70	0,00	0,00
<i>Não</i>	98,69	98,09	95,93	98,04	98,77	97,10	98,53	92,59	100,00	99,15
N	305	418	123	51	244	69	68	27	56	118
Já teve filho ¹										
<i>Sim ou está grávida no momento</i>	1,97	3,10	1,64	0,00	0,82	5,80	2,94	0,00	1,79	3,39
<i>Nunca teve filho</i>	98,03	96,90	98,36	100,00	99,18	94,20	97,06	100,00	98,21	96,61
N	305	419	122	51	243	69	68	27	56	118
Idade à primeira menstruação ^{1***}										
<i>10 ou menos</i>	8,10	7,85	7,76	4,17	11,35	7,58	4,76	8,00	12,24	16,98
<i>11 a 12</i>	48,24	48,86	54,31	29,17	43,23	37,88	42,86	52,00	57,14	40,57
<i>13 a 14</i>	40,85	38,23	37,07	60,42	41,48	50,00	42,86	36,00	28,57	33,02
<i>15 ou mais</i>	2,82	5,06	0,86	6,25	3,93	4,55	9,52	4,00	2,04	9,43
N	284	395	116	48	229	66	63	25	49	106
Já foi ao ginecologista ^{1*}										
<i>Sim</i>	45,70	42,55	43,80	29,41	36,67	50,72	38,24	35,71	56,36	45,30
<i>Não</i>	54,30	57,45	56,20	70,59	63,33	49,28	61,76	64,29	43,64	54,70
N	302	416	121	51	240	69	68	28	55	117

Fonte: Pesquisa Jovem, 2008.

Notas:

(1) Variáveis com mais de 20% das categorias com n < 5

Valores de p no teste Qui-Quadrado:

* Valor de p < 0,1

** Valor de p < 0,05

*** Valor de p < 0,01

**** Valor de p < 0,001

Já a proporção de sexualmente iniciadas entre as mulheres segue a mesma lógica masculina: os praticantes tendem a ser menos sexualmente iniciados, sendo que, nesse caso, a maior proporção de sexualmente iniciados se dá na categoria “neopentecostal esporádica” (57%), que tem quase o dobro de sexualmente iniciados que seus pares praticantes (32%).

Entre as mulheres e os homens neopentecostais praticantes, 19% e 21% respectivamente acham que a Aids tem cura. Essa proporção é bem maior que a das outras denominações religiosas, que variam entre 3-11% para homens e 3-12% para as mulheres.

As análises a seguir compreendem apenas os sexualmente ativos.

Para as mulheres (TAB. 10.1), em todas as categorias (levemente mais alto para as praticantes) os parceiros sexuais da primeira relação sexual eram namorados ou noivos. A menor proporção de parceiros namorados é encontrada entre as neopentecostais esporádicas (65%), em que 35% dos parceiros eram ficantes. Já a maior proporção foi encontrada entre as pentecostais praticantes (87%). No entanto, nessa categoria religiosa estão 10% de mulheres que relatam ter tido a primeira relação sexual com um parceiro com o qual não tinham nenhum tipo de vínculo amoroso, perdendo apenas para as categorias “histórica” e “neopentecostal praticantes” (14% foram sem vínculo).

Entre os homens (TAB. 10.2), a maioria relatou ter tido a primeira relação sexual com ficantes, sendo que a maior proporção foi entre os neopentecostais esporádicos (71%) e os católicos praticantes (63%). A falta de vínculo amoroso com a primeira parceira sexual foi reportada por 41% dos homens de outras religiões, sendo que, para as demais categorias, essa proporção variou entre 16% e 30%.

Os métodos de proteção às doenças sexualmente transmissíveis e às gravidezes indesejadas utilizados na primeira vez foram, na sua maioria, métodos de barreira. Para as mulheres esse tipo de proteção foi mais comum entre os esporádicos e de outras religiões, sendo que a proporção geral de uso de métodos de barreira variou entre 71-84%. A proporção dos que fizeram uso de métodos tradicionais é mais alta entre os praticantes e sem religião (6-11%), que entre os seus pares esporádicos (0-10%), da mesma forma como é alta a proporção daqueles que não fizeram uso de método algum (5-14%). O uso de métodos hormonais ficou bem distribuído entre as denominações religiosas.

Para os homens, os métodos de barreira são igualmente populares, atingindo a cifra de 95% entre os sem religião, porém com outras categorias, como a de “neopentecostal praticante”, com 63%. É expressiva a proporção que não utilizou nenhum método, tais como 25% dos históricos esporádicos e 17% dos sem religião. Métodos hormonais quase não foram lembrados por esses homens na sua primeira relação sexual, o que

pode estar ligado ao fato de eles terem tido relações sexuais com ficantes ou mulheres sem vínculo amoroso, das quais desconheciam a intimidade ou não tinham interesse em saber sobre uso de métodos hormonais. Além disso, como é a mulher que toma os comprimidos ou as injeções e implantes hormonais, elas tendem a citá-los com mais frequência.

TABELA 10.2 - Distribuição relativa das categorias de resposta das variáveis de sexualidade, segundo participação religiosa, masculino, 2008

(continua)

Características	Participação Religiosa %									
	Cat. Prat.	Cat. Esp.	Prot. Hist. Prat.	Prot. Hist. Esp.	Prot. Pent. Prat.	Prot. Pent. Esp.	Prot. Neo. Prat.	Prot. Neo. Esp.	Outras	Nenhuma
Sexualidade										
Acha que a AIDS tem cura										
<i>Sim</i>	9,02	6,90	10,13	3,23	8,94	10,77	21,21	6,67	6,67	8,57
<i>Não</i>	90,98	93,10	89,87	96,77	91,06	89,23	78,79	93,33	93,33	91,43
N	133	348	79	31	123	65	33	15	45	105
Status Amoroso ***										
<i>Namorando</i>	16,35	20,98	31,76	35,14	25,69	14,29	19,44	4,76	16,00	16,28
<i>Ficante</i>	38,99	36,10	27,06	29,73	24,31	38,96	27,78	47,62	24,00	40,31
<i>Sozinho (sem relacionamento)</i>	44,65	42,93	41,18	35,14	50,00	46,75	52,78	47,62	60,00	43,41
N	159	410	85	37	144	77	36	21	50	129
Já teve relações sexuais ****										
<i>Sim</i>	58,23	66,01	43,02	72,97	43,06	63,64	47,37	66,67	42,86	76,74
<i>Não</i>	41,77	33,99	56,98	27,03	56,94	36,36	52,63	33,33	57,14	23,26
N	158	409	86	37	144	77	38	21	49	129
Grau de motivação para a primeira relação sexual ^{1**}										
<i>Baixo</i>	14,68	17,49	18,60	7,14	23,38	18,52	13,04	23,53	27,59	9,52
<i>Alto</i>	85,32	82,51	81,40	92,86	76,62	81,48	86,96	76,47	72,41	90,48
N	109	303	43	28	77	54	23	17	29	105
Parceiro(a) na primeira vez *										
<i>Namorado ou noivo</i>	13,83	21,85	36,84	33,33	26,23	18,00	17,65	0,00	9,09	20,20
<i>Ficante</i>	62,77	57,04	36,84	37,04	49,18	66,00	52,94	71,43	50,00	55,56
<i>Sem vínculo amoroso</i>	23,40	21,11	26,32	29,63	24,59	16,00	29,41	28,57	40,91	24,24
N	94	270	38	27	61	50	17	14	22	99
Métodos na primeira vez ^{1*}										
<i>Hormonal</i>	4,44	3,69	5,41	3,57	5,17	2,04	0,00	0,00	0,00	2,04
<i>Barreira</i>	84,44	80,44	70,27	60,71	74,14	83,67	62,50	71,43	95,24	78,57
<i>Tradicional (coito interrompido e tabela)</i>	3,33	3,32	5,41	10,71	1,72	0,00	18,75	7,14	0,00	1,02
<i>Combinado, ao menos um de barreira ou hormônio</i>	1,11	3,32	0,00	0,00	3,45	0,00	0,00	0,00	0,00	1,02
<i>Nenhum</i>	6,67	9,23	18,92	25,00	15,52	14,29	18,75	21,43	4,76	17,35
N	90	271	37	28	58	49	16	14	21	98
Idade à primeira relação agrupada ¹										
<i>13 ou menos</i>	29,21	17,23	37,84	25,93	31,15	20,41	29,41	21,43	9,09	26,26
<i>14 ou 15</i>	41,57	53,56	29,73	59,26	42,62	44,90	52,94	57,14	40,91	48,48
<i>16 a 17</i>	28,09	26,97	29,73	14,81	26,23	32,65	17,65	21,43	50,00	24,24
<i>18 ou mais</i>	1,12	2,25	2,70	0,00	0,00	2,04	0,00	0,00	0,00	1,01
N	89	267	37	27	61	49	17	14	22	99

Fonte: Pesquisa Jovem, 2008.

Notas:

(1) Variáveis com mais de 20% das categorias com n < 5

Valores de p no teste Qui-Quadrado:

* Valor de p < 0,1

** Valor de p < 0,05

*** Valor de p < 0,01

**** Valor de p < 0,001

TABELA 10.2 - Distribuição relativa das categorias de resposta das variáveis de sexualidade, segundo participação religiosa, masculino, 2008

(fim)

Características	Participação Religiosa %									
	Cat. Prat.	Cat. Esp.	Prot. Hist. Prat.	Prot. Hist. Esp.	Prot. Pent. Prat.	Prot. Pent. Esp.	Prot. Neo. Prat.	Prot. Neo. Esp.	Outras	Nenhuma
Sexualidade										
Número de parceiros (as) nos últimos 12 meses^{1**}										
1	41,18	30,95	44,12	33,33	38,60	26,53	37,50	14,29	40,91	26,60
2	11,76	23,02	14,71	16,67	15,79	22,45	12,50	21,43	13,64	17,02
3	15,29	13,49	8,82	4,17	10,53	16,33	6,25	21,43	27,27	11,70
4	27,06	30,56	29,41	45,83	26,32	26,53	18,75	35,71	13,64	38,30
Nenhum	4,71	1,98	2,94	0,00	8,77	8,16	25,00	7,14	4,55	6,38
N	85	252	34	24	57	49	16	14	22	94
Já engravidou alguma mulher¹										
Sim	1,36	1,60	0,00	6,25	0,72	4,23	2,86	0,00	0,00	2,44
Não	98,64	98,40	100,00	93,75	99,28	95,77	97,14	100,00	100,00	97,56
N	147	374	81	32	139	71	35	21	47	123
Parceira já teve aborto de filho dele¹										
Sim, espontâneo (natural)	0,00	0,53	0,00	3,03	0,72	0,00	0,00	5,56	0,00	0,83
Sim, provocado	0,00	1,33	1,23	3,03	0,00	0,00	2,94	0,00	0,00	1,65
Não	100,00	98,14	98,77	93,94	99,28	100,00	97,06	94,44	100,00	97,52
N	145	377	81	33	139	74	34	18	49	121

Fonte: Pesquisa Jovem, 2008.

Notas:

(1) Variáveis com mais de 20% das categorias com $n < 5$

Valores de p no teste Qui-Quadrado:

* Valor de $p < 0,1$

** Valor de $p < 0,05$

*** Valor de $p < 0,01$

**** Valor de $p < 0,001$

A idade à primeira relação revela clara diferença entre os sexos. Enquanto 13% das católicas praticantes e 14% das mulheres sem religião e protestantes históricas praticantes se iniciaram antes dos 13 anos de idade, para os homens católicos praticantes essa proporção era de 29%, e chegava a 38% entre os protestantes históricos praticantes e 26% entre os sem religião. Nota-se que a proporção de pessoas que se iniciaram antes dos 13 anos é geralmente maior para os praticantes que para os esporádicos. Já a proporção dos que se iniciaram aos 14 ou 15 anos é maior para os esporádicos que para os praticantes, com exceção dos neopentecostais.

O número de parceiros sexuais nos últimos 12 meses também representa grandes diferenças entre os sexos. Enquanto as mulheres tiveram, na sua maioria, apenas um parceiro nos últimos 12 meses, o mesmo não é verdade para os homens. As duas únicas categorias femininas com grande proporção de dois parceiros nos últimos 12 meses são as católicas (22% das praticantes e 19% das esporádicas) e as sem religião

(24% tiveram dois parceiros). Já entre os homens, as proporções estão mais distribuídas ao longo do número de parceiras. Entre os sem religião, por exemplo, 38% relataram ter tido quatro parceiras nos últimos 12 meses, enquanto 27% relataram ter tido apenas uma. Protestantes históricos esporádicos chegaram a uma cifra de 46% de pessoas com quatro parceiras nos últimos 12 meses.

A porcentagem de gravidezes, tanto para homens quanto para mulheres, é baixa. Entre os homens, 6% dos protestantes históricos esporádicos relatam ter engravidado uma parceira, enquanto apenas 2% dos sem religião o fizeram. Para as mulheres, as pentecostais esporádicas relataram uma proporção de 6% de ocorrência de gravidez, sendo essa proporção sempre maior para as esporádicas, inclusive para os homens que engravidaram parceiras. Com relação ao aborto, a proporção também é baixa. Devido ao tamanho da amostra e a escassez de casos, fica difícil discutir qualquer associação entre religião e aborto ou gravidezes.

Por último, o grau de motivação para a primeira relação sexual também revela grandes diferenças entre os sexos. Enquanto os homens tiveram alto grau de motivação, que variou entre 72% e 92% segundo a participação religiosa, as mulheres tiveram grau mais baixo, variando entre 44% e 66%. Os homens mais motivados foram os protestantes históricos esporádicos e os menos motivados foram os fiéis de outras religiões. Entre as mulheres, as mais motivadas foram as pentecostais praticantes, enquanto as menos motivadas foram as neopentecostais praticantes.

6.2 Análise de Regressão Logística Univariada

Para investigar os fatores associados à iniciação sexual dos adolescentes será feita, neste item, uma análise de regressão logística univariada entre as mesmas características estudadas anteriormente e a variável dependente “ter tido relação sexual”. As *odds ratio*, ou razão de chances, para homens e mulheres se encontram na TAB. 11.

TABELA 11 - Odds ratio da análise univariada de fatores associados à iniciação sexual adolescente, feminino e masculino, RMBH, 2008

(continua)

Características	Feminino	Masculino
Religião e religiosidade		
Denominação religiosa atual		
<i>Nenhuma</i>	1,00	1,00
<i>Católica</i>	0,57 ***	0,54 ***
<i>Protestante Histórica</i>	0,42 ****	0,33 ****
<i>Protestante Pentecostal</i>	0,38 ****	0,31 ****
<i>Protestante Neopentecostal</i>	0,54 **	0,36 ***
<i>Outras</i>	0,53 *	0,23 ****
Frequência aos cultos e celebrações		
<i>Alta</i>	0,43 ****	0,49 ****
<i>Média</i>	0,85	1,17
<i>Baixa</i>	1,00	1,00
Grau de religiosidade autoavaliada		
<i>Alto</i>	0,37 ****	0,44 ****
<i>Médio</i>	0,53 ****	0,62 ***
<i>Baixo</i>	1,00	1,00
Participação religiosa		
<i>Nenhuma</i>	1,00	1,00
<i>Católicos Praticantes</i>	0,45 ****	0,42 ***
<i>Católicos Esporádicos</i>	0,67 *	0,59 **
<i>Protestantes Históricos Praticantes</i>	0,35 ****	0,23 ****
<i>Protestantes Históricos Esporádicos</i>	0,63	0,82
<i>Protestantes Pentecostais Praticantes</i>	0,28 ****	0,23 ****
<i>Protestantes Pentecostais Esporádicos</i>	0,93	0,53 **
<i>Protestantes Neopentecostais Praticantes</i>	0,40 ***	0,27 ****
<i>Protestantes Neopentecostais Esporádicos</i>	1,10	0,61
<i>Outras</i>	0,53 *	0,23 ****
Mudou de denominação religiosa		
<i>Não</i>	1,00	1,00
<i>Sim</i>	1,19	1,07
Acha que a religião é o que impede de beber		
<i>Discordo</i>	1,00	1,00
<i>Indiferente</i>	1,05	1,24
<i>Concordo</i>	0,83	0,98
Acha que a vida sexual é influenciada pela religião		
<i>Discordo</i>	1,00	1,00
<i>Indiferente</i>	0,76	0,94
<i>Concordo</i>	0,32 ****	0,34 ****
Opinião sobre sexo pré-marital		
<i>Contra sexo pré-marital para ambos os sexos</i>	1,00	1,00
<i>A favor de sexo pré-marital para ambos os sexos</i>	4,56 ****	2,58 ****
<i>Apenas mulheres não devem transar antes do</i>	1,59 *	3,00 ****
<i>Apenas homens não devem transar antes do</i>	1,82	5,58 ***
Religião da mãe		
<i>Nenhuma</i>	1,00	1,00
<i>Católica</i>	0,85	0,87
<i>Protestante Histórica</i>	0,70	0,61
<i>Protestante Pentecostal</i>	0,67 *	0,59
<i>Protestante Neopentecostal</i>	0,67	0,89
<i>Outras</i>	0,87	0,40 **

TABELA 11 - Odds ratio da análise univariada de fatores associados à iniciação sexual adolescente, feminino e masculino, RMBH, 2008

(continua)

Características	Feminino	Masculino
Sociodemográficas e de domicílio		
Idade à entrevista		
15	0,80	0,58
16	1,00	1,00
17	1,28 **	1,44 ***
18	3,98 ****	3,27 ****
19	6,11 ****	5,56 ****
Raça/Cor		
Branca	1,00	1,00
Preta	1,44 **	1,28
Parda	1,24	1,24
Outras	1,79 ***	1,80 **
Raça/Cor agrupada		
Branca	1,00	1,00
Negra	1,29 *	1,25
Amarela ou indígena	1,79 ***	1,80 **
Família no domicílio		
Pai e mãe	1,00	1,00
Só mãe	2,03 ****	1,37 **
Só pai	0,88	1,95 *
Nenhum	2,48 ****	1,94 **
Pai no domicílio		
Sim	1,00	1,00
Não	2,10 ****	1,40 **
Mãe no domicílio		
Sim	1,00	1,00
Não	1,33	1,77 **
Número de pessoas no domicílio		
4 ou menos	1,00	1,00
5 ou mais	1,09	0,84
Pai vivo		
Sim	1,00	1,00
Não	2,47 ****	1,35
Mãe viva		
Sim	1,00	1,00
Não	1,46	1,24
Idade da mãe ao primeiro filho		
Não sabe/não lembra	1,35	0,92
13 a 14	5,04 ***	0,32
15 a 19	2,28 ***	1,40
20 a 24	1,79 **	0,81
25 a 29	1,56	0,88
30 a 49	1,00	1,00
Responsável pelo domicílio		
Pai	1,00	1,00
Mãe	1,95 ****	1,31 **
Outros	1,98 ****	1,50 *

TABELA 11 - Odds ratio da análise univariada de fatores associados à iniciação sexual adolescente, feminino e masculino, RMBH, 2008

(continua)

Características	Feminino	Masculino
Sociodemográficas e de domicílio		
Escolaridade do responsável pelo domicílio		
<i>Até 4ª série</i>	1,00	1,00
<i>Ensino fundamental incompleto</i>	1,30 *	1,15
<i>Ensino Fundamental completo</i>	0,91	1,14
<i>Ensino Médio completo</i>	0,91	0,86
<i>Superior completo</i>	0,60 *	1,12
Escolaridade da mãe		
<i>Até 4ª série</i>	1,00	1,00
<i>Ensino Fundamental incompleto</i>	1,07	0,90
<i>Ensino fundamental completo</i>	0,86	0,91
<i>Ensino médio completo</i>	0,99	0,75
<i>Superior completo</i>	0,58 *	0,80
Renda total do domicílio		
<i>Até 1 salário</i>	1,00	1,00
<i>Mais de 1 até 2 salários</i>	0,89	1,16
<i>Mais de 2 até 3 salários</i>	0,81	1,13
<i>A partir de 3 salários</i>	0,76	1,03
Domicílio recebe Bolsa Família		
<i>Sim</i>	1,00	1,00
<i>Não</i>	0,86	1,00
Situação de trabalho e sustento		
<i>Não trabalho e sou ajudado por família ou benefício</i>	1,00	1,00
<i>Trabalho e recebo ajuda da família</i>	1,12	1,90 ****
<i>Trabalho e ajudo a sustentar a família</i>	1,75 ****	3,05 ****
Trabalha ou trabalhou nos últimos 30 dias		
<i>Sim</i>	1,00	1,00
<i>Não, mas já trabalhei</i>	1,30 *	0,65 ***
<i>Nunca trabalhei</i>	0,58 ****	0,30 ****
Ajuda a cuidar das tarefas domésticas		
<i>Sim</i>	1,00	1,00
<i>Não</i>	1,04	1,52 ****
Alguém na casa tem dependência de álcool		
<i>Sim</i>	1,00	1,00
<i>Não</i>	0,67 ***	0,64 **
Educacionais		
Idade à entrada no Ensino Fundamental		
<i>8 ou menos</i>	1,00	1,00
<i>9 ou mais</i>	1,30	6,09 *
Reprovação no Ensino Fundamental		
<i>Sim</i>	1,00	1,00
<i>Nunca</i>	0,47 ****	0,42 ****
Reprovação no Ensino Médio		
<i>Sim</i>	1,00	1,00
<i>Nunca</i>	0,43 ****	0,47 ****

TABELA 11 - Odds ratio da análise univariada de fatores associados à iniciação sexual adolescente, feminino e masculino, RMBH, 2008

(continua)

Características	Feminino	Masculino
Educacionais		
Alguém acompanha a vida escolar		
<i>Não</i>	1,00	1,00
<i>Sim</i>	0,49 ****	0,54 ***
Turno		
<i>Diurno</i>	1,00	1,00
<i>Noturno</i>	2,54 ****	2,30 ****
Gosta da escola		
<i>Pouco</i>	1,00	1,00
<i>Médio</i>	0,69 **	0,65 **
<i>Muito</i>	0,72 *	0,63 **
Vizinhança da escola		
<i>Pouco violenta</i>	1,00	1,00
<i>Violenta</i>	1,55 ***	1,83 ***
Notas auto avaliadas		
<i>Ruins</i>	1,00	1,00
<i>Médio</i>	1,05	0,79
<i>Boas</i>	0,64	0,46 ***
Acha que vai completar o Ensino Médio		
<i>Sim</i>	1,00	1,00
<i>Não</i>	2,17 *	1,41
Estilo de vida e experiências individuais		
Atividade Favorita		
<i>Namorar</i>	1,00	1,00
<i>Sair (cinema, show, boteco, conversar com amigos)</i>	0,39 ****	0,37 ****
<i>Ativ. artística ou intelectual</i>	0,37 ****	0,31 ****
<i>Esporte ou dança (praticar ou assistir)</i>	0,66 **	0,40 ****
<i>TV, video game, internet</i>	0,37 ****	0,23 ****
<i>Ir à igreja</i>	0,24 ****	0,11 ****
<i>Conviver com a família</i>	0,35 ****	0,21 ****
<i>Outras</i>	0,70	1,26
Prática semanal de esporte		
<i>Não pratico</i>	1,00	1,00
<i>Até dois dias na semana</i>	0,94	1,80 ***
<i>Mais de dois dias na semana</i>	1,01	1,42 *
Participa de atividade extra escolar		
<i>Sim</i>	1,00	1,00
<i>Não</i>	1,22 *	1,40 ***
Uso de internet		
<i>Sim</i>	1,00	1,00
<i>Não</i>	0,62 ****	0,97
Uso de cigarro		
<i>Já fez ou faz uso independente de frequência</i>	1,00	1,00
<i>Não, mas já experimentei</i>	0,48 ***	0,19 ****
<i>Não</i>	0,15 ****	0,09 ****
Uso de álcool		
<i>Já fez ou faz uso independente de frequência</i>	1,00	1,00
<i>Não, mas já experimentei</i>	0,37 ****	0,27 ****
<i>Não</i>	0,20 ****	0,20 ****

TABELA 11 - Odds ratio da análise univariada de fatores associados à iniciação sexual adolescente, feminino e masculino, RMBH, 2008

(fim)

Características	Feminino	Masculino
Estilo de vida e experiências individuais		
Já experimentou maconha		
<i>Sim</i>	1,00	1,00
<i>Não</i>	0,12 ****	0,10 ****
Estado de saúde autoavaliado		
<i>Excelente</i>	1,00	1,00
<i>Muito bom</i>	1,37 **	1,00
<i>Bom</i>	1,79 ****	1,34
<i>Regular</i>	2,20 ****	1,47
<i>Ruim</i>	4,33 **	0,35
Já sofreu violência na escola		
<i>Sim</i>	1,00	1,00
<i>Não</i>	0,74 *	0,87
Já sofreu violência na família		
<i>Sim</i>	1,00	1,00
<i>Não</i>	0,54 ****	0,61 **
Sofreu violência na relação afetiva		
<i>Sim</i>	1,00	1,00
<i>Não</i>	0,31 ****	0,59 *
<i>Não, mas já fui responsável por violência</i>	0,71	2,46
Sexualidade		
Status Amoroso		
<i>Namorando</i>	1,00	1,00
<i>Ficando</i>	0,50 ****	0,99
<i>Sozinho (sem relacionamento)</i>	0,14 ****	0,21 ****
Acha que a Aids tem cura		
<i>Sim</i>	1,00	1,00
<i>Não</i>	1,46 *	1,06
Idade à primeira menstruação		
<i>10 ou menos</i>	1,00	
<i>11 a 12</i>	0,77	
<i>13 a 14</i>	0,58 ***	
<i>15 ou mais</i>	0,56 *	
Já foi ao ginecologista		
<i>Não</i>	1,00	
<i>Sim</i>	3,50 ****	

Fonte: Pesquisa Jovem, 2008.

* Valor de $p < 0,1$

** Valor de $p < 0,05$

*** Valor de $p < 0,01$

**** Valor de $p < 0,001$

Religião

Adolescentes que concordam que a religião tem influência sobre sua vida sexual apresentaram *odds* reduzidas de se iniciar sexualmente quando comparados aos adolescentes que não percebem efeito da religião na sua vida sexual. Mulheres que concordam tiveram 32% de chance de ter se iniciado, ao passo que os homens tiveram 34% da chance dos que discordam da influência da religião (TAB. 11).

A religião da mãe não parece ter efeito sobre a iniciação sexual dos filhos, com exceção das filhas de mulheres pentecostais (*odds* de 0,64, sendo que a categoria de referência foram as mães sem religião) e dos filhos de mães de outras religiões (0,40, para a mesma categoria de referência das mulheres).

O grau de religiosidade autoavaliado, no qual o jovem poderia dizer sobre a sua religiosidade individual, aparece fortemente associado à iniciação sexual. Quanto mais alto o grau, menor a chance de a iniciação sexual ter ocorrido. A categoria de referência foi a de baixa religiosidade (*odds* = 1,00). Comparados com eles, mulheres de média religiosidade (0,53), alta religiosidade (0,37) e homens de média religiosidade (0,62) e alta religiosidade (0,44) tiveram menores *odds* (TAB. 11).

A religiosidade medida por meio das frequências aos cultos e celebrações segue o mesmo caminho. Quanto maior a frequência, menores as chances de a iniciação sexual ter ocorrido (caindo pela metade entre mulheres de alta frequência). Entre homens, aqueles de baixa frequência aos cultos e celebrações tinham duas vezes mais chance de ter se iniciado sexualmente do que os homens de alta frequência.

Ter mudado de denominação religiosa não possui nenhum efeito na iniciação sexual (TAB. 11).

Olhando pela denominação religiosa atual, sem levar em conta se a pessoa é praticante ou esporádica, todas as categorias tiveram chances reduzidas de ter se iniciado sexualmente quando comparados com a categoria de referência “nenhuma religião”

(*odds* = 1,00). Os que mais se aproximam das *odds ratio* dos sem religião são os católicos (mulheres 0,57 e homens 0,54), seguido dos neopentecostais (mulheres 0,54 e homens 0,36). Em seguida, para as mulheres, vêm as de outras religiões (0,53), as protestantes históricas (0,42) e as pentecostais como o grupo mais conservador (0,42). Já para os homens, em seguida vêm os protestantes históricos (0,33), os pentecostais (0,31) e os de outras religiões (0,23).

Ao juntar denominação religiosa e frequência de ida aos cultos e celebrações, a história se repete, sendo tanto o efeito quanto a significância mais fortes para aqueles que são praticantes. Considerando que a categoria de referência é a dos sem religião (*odds*=1,00), interpreto os resultados para mulheres, e depois para homens:

Entre as mulheres (TAB. 11), as que tiveram as menores chances de serem sexualmente iniciadas à data da entrevista foram as pentecostais praticantes (0,28), as protestantes históricas praticantes (0,35), as neopentecostais praticantes (0,40), as católicas praticantes (0,45), as de outras religiões (0,53), as protestantes históricas esporádicas (0,63, mas não significativo), as católicas esporádicas (0,67), as pentecostais esporádicas (0,93) e por último as neopentecostais esporádicas, que tiveram a chance aumentada em 10%, porém não significativo.

Entre os homens (TAB. 11), os que tiveram as menores chances de serem sexualmente iniciados à data da entrevista foram os de outras religiões, pentecostais praticantes e protestantes históricos praticantes (empatados com *odds* = 0,23), seguidos dos neopentecostais praticantes (0,27), dos católicos praticantes (0,42), dos pentecostais esporádicos (0,53) e dos católicos esporádicos (0,59). As categorias “neopentecostais esporádicos” e “protestantes históricos esporádicos” não foram significativas.

Sociodemográficas

Quanto mais velho o jovem, maior a chance de ter se iniciado sexualmente. Um jovem de 19 anos tem 9,58 vezes a chance de um jovem de 15 anos (categoria de referência)

à data da entrevista de ter se iniciado sexualmente. Uma jovem de 19 anos tem 7,60 vezes. Para homens e mulheres de 18 anos a chance é de 5,64 e 4,94 vezes a chance dos seus pares de 15 anos. Como já foi mencionado anteriormente, a idade média da amostra gira em torno dos 16-17 anos, logo, não há como prever que esses jovens se comportarão no futuro conforme os jovens que já possuem 18 e 19 anos, até porque, como já mencionado, jovens mais velhos são diferentes de jovens que não estão atrasados na escola (TAB. 11).

Jovens negras tem 29% mais chance de terem se iniciado sexualmente que suas colegas brancas. Já as amarelas e indígenas tem 79% da chance das brancas, similar aos homens amarelos e indígenas (80%), quando comparados com seus pares brancos. Para homens, nenhuma categoria foi significativa.

A composição do domicílio também aparece associada. Aqueles jovens que não possuem mãe e pai morando sob o mesmo teto têm aumentada sua chance de ser sexualmente iniciado. Ter somente a mãe no domicílio representa um aumento da chance de 2,03 vezes para mulheres e 37% para homens. Ter só o pai no domicílio afeta apenas os homens, aumentando a chance de os meninos serem sexualmente iniciados em 95%. No entanto, não ter nem pai nem mãe no domicílio aumenta as chances para 2,48 para as mulheres e 1,94 para os homens. O número de pessoas no domicílio não obteve significância estatística, mas quando a mãe ou outra pessoa é o responsável pelo domicílio, ao invés do pai, a chance de o jovem ter tido a primeira relação sexual é pelo menos 95% maior para meninas e pelo menos 31% maior para meninos (TAB. 11).

A escolaridade do responsável pelo domicílio aparece significativa apenas na iniciação sexual feminina. Filhas de responsáveis com ensino superior completo têm 40% menos chance de ter se iniciado sexualmente do que as meninas filhas de responsáveis por domicílios que tenham estudado até a 4ª série. A escolaridade da mãe segue a mesma direção. Quando a mãe possui ensino superior completo, a chance da iniciação cai em 50%. No entanto, para o chefe de domicílio que avançou além da 4ª série, mas não

concluiu o Ensino Fundamental, a chance da iniciação sexual da sua filha adolescente aumenta em 30%.

A renda do domicílio e o recebimento do benefício do Bolsa Família não se encontram associados à iniciação sexual no modelo univariado (TAB. 11).

Ajudar nas tarefas domésticas também não está associado para as mulheres. Porém, homens que não ajudam nas tarefas domésticas têm 52% mais de chance de ter se iniciado sexualmente. Aqueles e aquelas que nunca trabalharam fora tem 30% e 58% da chance de ter se iniciado sexualmente daquele que trabalhou ou trabalha, respectivamente, para homens e mulheres. Ter trabalhado alguma vez na vida, porém não estar trabalhando na data da entrevista, aumenta a chance da iniciação sexual feminina em 30%, enquanto diminui para os homens em 35%.

Ter alguém no domicílio que não é dependente de bebida alcoólica está associado com menores chances de iniciação sexual para homens e mulheres (0,64 e 0,67 respectivamente). As adolescentes que não têm pai vivo têm uma chance de ter tido a primeira relação sexual 2,47 vezes a chance daquelas cujo pai é vivo.

A idade da mãe do respondente ao ter o primeiro filho também só tem efeito para as mulheres. Filhas de mães adolescentes tiveram 5 vezes a chance de serem sexualmente iniciadas quando comparadas às chances das nascidas de mulheres que tiveram o primeiro filho após os 30 anos (TAB. 11).

Educação

O turno também está associado com a iniciação sexual no modelo univariado. Estudar à noite aumenta a chance de um jovem ter sido sexualmente iniciado – 2,54 vezes a chance de quem estuda de dia, no caso das mulheres, e 2,3 no dos homens. Já a idade de entrada no Ensino Fundamental está associada apenas para os homens. Quando ela é feita com atraso, a chance de o jovem ter se iniciado sexualmente é 6 vezes maior

do que a chance de um jovem que entrou no Ensino Fundamental com a idade correta. Essa variável, no entanto, assim como várias outras, necessita ser controlada pela idade do respondente, já que os jovens que entraram atrasados no Ensino Fundamental são, na data da entrevista, mais velhos que os colegas, e sabe-se que a idade aumenta a chance de exposição ao evento “iniciação sexual”, aumentando continuamente a chance de o evento ocorrer ao longo dos anos.

Do mesmo modo, nunca ter repetido de ano, nem no Ensino Fundamental nem no Médio, diminui a chance da iniciação sexual para homens e mulheres, na ordem de 60% (TAB. 11).

Ter alguém que acompanha a vida escolar diminui a chance da iniciação sexual. A chance de uma mulher que é acompanhada ter se iniciado sexualmente é praticamente a metade da chance de uma mulher que não é acompanhada, proporção que é parecida com a dos homens (54%). Gostar da escola também parece estar associada. Os que gostam mais ou menos ou os que gostam muito da escola têm menos chance de ter se iniciado sexualmente do que aqueles que gostam pouco, ou não gostam. Ter notas boas (autoavaliadas) exerce efeito para homens, mas não para mulheres. Homens que pensam que suas notas são boas tem 46% da chance dos homens que pensam que suas notas são ruins de ter se iniciado sexualmente. Já a variável “pensa que vai completar o Ensino Médio” aparece com significância apenas para as mulheres: achar que não vai dar conta de completar o Ensino Médio aumenta a chance de ter se iniciado sexualmente em mais de 200% (TAB. 11).

Ter sofrido violência na escola também está associado à iniciação. A chance de uma mulher que não sofreu violência na escola ter se iniciado sexualmente é de 54% da chance de uma mulher que sofreu. Ao mesmo tempo, aqueles que pensam que a vizinhança da escola é violenta tem chances aumentadas de ter se iniciado sexualmente, quando comparados aos colegas que pensam que a vizinhança é pouco ou nada violenta.

Estilo de vida

No modelo univariado (TAB. 11), a atividade favorita funciona como grande indicador de iniciação sexual. Comparando com mulheres que reportaram que a atividade favorita era namorar (*odds ratio* de referência é 1,00), todas as outras atividades estavam associadas com menores *odds* de iniciação sexual: praticar ou assistir a esportes (0,66), sair (0,39), atividades artísticas ou intelectuais e assistir à TV, jogar *video game* ou ficar na internet (0,37), conviver com a família (0,35) e a que obteve menor chance, ir à igreja (0,24).

Para os homens, a situação se repete. Comparando com aqueles cuja atividade favorita é namorar (*odds* = 1,00), praticar ou assistir a esportes (0,40), sair (0,37), atividades artísticas ou intelectuais (0,31), assistir à TV, jogar *video game* ou ficar na internet (0,23), conviver com a família (0,21) e a que obteve menor chance também entre os homens, ir à igreja (0,11).

A prática de esportes não teve efeito sobre a iniciação feminina, mas teve sobre a masculina. Praticar esporte até dois dias na semana aumenta a chance masculina em 80%, enquanto praticar mais de duas vezes na semana aumenta a chance em apenas 42%. Não se engajar em atividades extraclasse também aumenta as *odds* de iniciação em 22% para as mulheres e 40% para homens. Não entrar na internet está associado com menores *odds* para mulheres.

Três comportamentos estão associados à iniciação sexual: o uso de cigarro, bebida alcoólica e maconha, tanto para homens quanto para mulheres. Aqueles que nunca sequer experimentaram têm as menores *odds* de terem se iniciado sexualmente. Mulheres e homens que nunca experimentaram cigarro têm 15% e 9%, respectivamente, da chance de ter se iniciado sexualmente, comparados a um homem ou uma mulher que faça ou tenha feito uso de cigarro no passado. Com o uso de bebida alcólica, as *odds* são de 0,20 para ambos os sexos. Já não ter experimentado maconha está associado com uma *odds* de 0,12 para mulheres e 0,10 para homens.

O estado de saúde autoavaliado está associado apenas à iniciação sexual de mulheres, sendo que quanto pior o estado de saúde, maiores as chances de uma mulher ter se iniciado sexualmente, chegando a 4,33 vezes a chance de uma mulher com estado excelente de saúde, quando o estado de saúde avaliado é considerado ruim (TAB. 11).

Sexualidade

A opinião sobre sexo pré-marital tem mais efeitos para homens que para mulheres. As que são a favor de sexo pré-marital para ambos os sexos têm uma chance pelo menos quatro vezes maior de ter se iniciado sexualmente quando comparadas às mulheres que são contra o sexo pré-marital para ambos os sexos. Entre os homens, o caminho é o mesmo: comparando com as *odds* daqueles que são contra o sexo pré-marital para ambos os sexos (1,00), os que são a favor de sexo pré-marital têm *odds* de 2,58. Já os que pensam que só as mulheres devem casar virgens, tem *odds* de 3,0. Os homens que disseram que somente os homens devem se casar virgens tinham uma chance de ter se iniciado 5 vezes maior que os que são contra o sexo pré-marital (TAB. 11).

O *status* do relacionamento afetivo à data da entrevista também parece estar associado à iniciação sexual no modelo univariado. Os solteiros tiveram 21% e as solteiras, 14% da chance de ter se iniciado sexualmente com relação àqueles que estavam namorando. Não há dados para dizer se o namoro atual foi o relacionamento no qual a primeira relação sexual aconteceu.

Não ter sofrido violência na relação afetiva também diminui as *odds* para mulheres (0,31) e homens (0,61), em comparação com os que sofreram qualquer tipo de violência.

A idade à primeira menstruação está associada à iniciação sexual, sendo que quanto mais velha a mulher na ocasião da menarca, menores as suas chances de ter se iniciado sexualmente. Comparando com mulheres que tiveram a menarca aos 10 anos ou menos, aquelas que tiveram aos 13 ou 14 anos apresentaram 58% da chance de ter

se iniciado sexualmente. Ter ido ao ginecologista apresenta o efeito inverso. Aquelas que foram ao ginecologista à data da entrevista apresentam uma chance ao menos 3 vezes maior de já ter se iniciado (*odds* = 3,5).

6.3 Análise de Regressão Logística Multivariada

Para investigar o comportamento da iniciação sexual com relação às categorias de participação religiosa, porém, controladas por variáveis sociodemográficas e de estilo de vida, procedeu-se a uma análise de regressão logística multivariada, na qual os blocos de variáveis foram inseridos um a um, e seu efeito observado nas categorias de referência. Os resultados para as mulheres encontram-se na TAB.12 enquanto para os homens encontram-se na TAB. 13.

O primeiro modelo (Modelo 1) refere-se a uma regressão logística univariada entre as participações religiosas e a variável dependente “ter tido relação sexual”. Logo, as *odds ratio* para a participação religiosa são as mesmas já citadas anteriormente.

No segundo modelo inseriu-se, junto às participações religiosas, sete variáveis socioeconômicas, demográficas e de domicílio: idade à entrevista, raça/cor, composição familiar, situação de trabalho e sustento, se alguém acompanha a vida escolar, idade da mãe ao primeiro filho e notas autoavaliadas, as quais serviram como *proxy* de escolaridade, visto que todos os alunos da entrevista têm a mesma escolaridade (Ensino Médio incompleto). As mulheres ainda ganharam, nesse bloco de variáveis, a inserção da variável “idade à primeira menstruação”.

No terceiro modelo, além da variável de participação religiosa, foram inseridas variáveis de estilo de vida, que medem a permissividade desses alunos, são elas: gosta da escola, uso de cigarro, uso de bebida alcoólica, já experimentou maconha, mudou de religião, além da idade, já que seria imprescindível que a exposição a esses eventos fosse controlada pela idade do aluno. No terceiro modelo, somente para as mulheres, a variável “já foi ao ginecologista” foi inserida.

O quarto modelo tratou de juntar os três modelos anteriores: a variável “participação religiosa”, o bloco de variáveis socioeconômicas, demográficas e de domicílio e o bloco de variáveis de estilo de vida.

Os resultados serão discutidos separadamente para homens e mulheres.

TABELA 12 - *Odds ratio* da análise multivariada de fatores associados à iniciação sexual adolescente, feminino, RMBH, 2008 (próxima página, 138)

Características	Modelo 1	Modelo 2	Modelo 3	Modelo 4
Variável de interesse				
Participação Religiosa				
<i>Católicos Praticantes</i>	0,45 ****	0,53 **	0,48 **	0,46 **
<i>Católicos Esporádicos</i>	0,67 *	0,78	0,64	0,65
<i>Protestantes Históricos Praticantes</i>	0,35 ****	0,33 ****	0,51 **	0,42 **
<i>Protestantes Históricos Esporádicos</i>	0,63	0,65	0,74	0,74
<i>Protestantes Pentecostais Praticantes</i>	0,28 ****	0,29 ****	0,45 ***	0,43 ***
<i>Protestantes Pentecostais Esporádicos</i>	0,93	0,84	0,93	0,87
<i>Protestantes Neopentecostais Praticantes</i>	0,40 ***	0,40 **	0,58	0,55
<i>Protestantes Neopentecostais Esporádicos</i>	1,10	1,04	0,88	0,87
<i>Outras</i>	0,53 *	0,65	0,41 **	0,47
<i>Nenhuma</i>	1,00	1,00	1,00	1,00
Socioeconômicas, demográficas e de domicílio				
Idade à entrevista				
15		0,63	0,66	0,63
16		1,00	1,00	1,00
17		1,26 *	1,03	1,01
18		3,19 ****	2,79 ****	2,46 ****
19		4,41 ****	4,10 ****	3,36 ***
Idade à menarca				
10 ou menos		1,00		1,00
11 a 12		0,85		0,93
13 a 14		0,61 **		0,82
15 ou mais		0,45 **		0,57
Raça/cor				
<i>Branca</i>		1,00		1,00
<i>Negra</i>		1,16		1,09
<i>Indígena ou amarela</i>		1,37		1,29
Família no domicílio				
<i>Pai e mãe</i>		1,00		1,00
<i>Só mãe</i>		1,63 ****		1,46 **
<i>Só pai</i>		0,78		0,67
<i>Nenhum</i>		1,97 **		2,00 **
Situação de trabalho e sustento				
<i>Não trabalho e sou ajudado por família ou benefício</i>		1,00		1,00
<i>Trabalho e recebo ajuda da família</i>		1,09		0,98
<i>Trabalho e ajudo a sustentar a família</i>		1,15		1,11
Alguém acompanha a vida escolar				
<i>Sim</i>		1,00		1,00
<i>Não</i>		1,61 **		1,31
Idade da mãe ao primeiro filho				
<i>Não sabe/não lembra</i>		1,22		1,57
13 a 14		5,82 ***		6,68 **
15 a 19		2,16 ***		2,37 ***
20 a 24		1,77 **		2,19 **
25 a 29		1,69 *		1,63
30 a 49		1,00		1,00
Notas autoavaliadas				
<i>Ruins</i>		1,00		1,00
<i>Médio</i>		1,18		1,26
<i>Boas</i>		0,82		0,96
Estilo de Vida				
Gosta da escola				
<i>Pouco</i>			1,00	1,00
<i>Médio</i>			0,72	0,77
<i>Muito</i>			0,84	0,92
Uso de Cigarro				
<i>Já fez ou faz uso independente de frequência</i>			2,79 ****	2,70 ***
<i>Não, mas já experimentei</i>			1,80 ****	1,75 ***
<i>Não</i>			1,00	1,00
Uso de bebida alcoólica				
<i>Já fez ou faz uso independente de frequência</i>			3,00 ****	3,06 ****
<i>Não, mas já experimentei</i>			1,48 **	1,33
<i>Não</i>			1,00	1,00
Já experimentou maconha				
<i>Sim</i>			2,18 **	2,24 *
<i>Não</i>			1,00	1,00
Mudou de religião				
<i>Sim</i>			0,92	0,88
<i>Não</i>			1,00	1,00
Já foi ao ginecologista				
<i>Sim</i>			1,00	1,00
<i>Não</i>			0,31 ****	0,33 ****
Ajuste dos modelos				
<i>(-2 Log verossimilhança)</i>	1912,09	1572,172	1503,011	1318,316

Fonte: Pesquisa Jovem, 2008.

* Valor de $p < 0,1$

** Valor de $p < 0,05$

*** Valor de $p < 0,01$

**** Valor de $p < 0,001$

Mulheres

Nos modelos femininos (TAB. 12), a inserção das variáveis socioeconômicas, demográficas e de domicílio (modelo 2), enfraquece a significância das *odds ratio* das participações religiosas. O grupo “católico esporádico”, o de maior tamanho amostral, e o grupo de “outras religiões”, por exemplo, perde totalmente a significância. O grupo “católico praticante” tem as *odds ratio* aumentadas (0,45 para 0,53), mas em compensação perde um pouco a significância, passando de $p < 0,000$ para $p < 0,05$. As *odds ratio* das demais denominações permanecem constantes, com leve queda no nível de significância.

Ao inserir os controles do modelo 2, algumas variáveis perdem completamente a significância no modelo multivariado. É o caso das variáveis raça/cor, situação de trabalho e sustento e notas autoavaliadas (TAB. 12).

Idade à entrevista (categorias 18 e 19 anos) permanece com grande efeito na iniciação sexual, sem perder o nível de significância $p < 0,000$. Alta idade à menarca (acima de 13 anos) também permanece associada, porém com nível de significância levemente maior.

A composição do domicílio perde um pouco do seu efeito quando controlada pelas variáveis socioeconômicas. A chance daqueles que tinham apenas a mãe, ou nenhum dos pais no domicílio, que chegava a ser 2 vezes maior que a chance dos que tinham pai e mãe, decresceu, no modelo multivariado, para 1,63 (só mãe $p < 0,000$) e 1,97 (nenhum dos pais $p < 0,05$).

Ter alguém que acompanha a vida escolar continua significativo e com efeito de adiamento da iniciação sexual, mesmo após controlado por variáveis socioeconômicas, demográficas e de domicílio. Com relação à idade da mãe do respondente ao ter o primeiro filho, as categorias perdem um pouco a significância, porém seu efeito é duradouro: meninas filhas de mães que foram mães adolescentes têm 5 vezes a

chance de ter se iniciado sexualmente em relação às filhas de quem foi mãe pela primeira vez após os 30 anos. Entre as mulheres, não saber ou não lembrar a idade da mãe ao ter o primeiro filho não está associado à sua iniciação sexual (TAB. 12).

O modelo 3, aquele que insere características de estilo de vida, aumenta as *odds* de ter se iniciado sexualmente entre todas as categorias de praticantes, sugerindo que a religião tem sim associação com a iniciação sexual, e tem seu efeito aumentado quando controlada por variáveis de estilo de vida, que são inteiramente compostas por características pessoais dos alunos e que só dependem deles. As pentecostais praticantes, por exemplo, tem suas *odds* aumentadas de 0,28, sem o controle de estilo de vida, para 0,45 com o controle, embora o seu nível de significância tenha passado de $<0,000$ para $<0,01$.

A idade continua fortemente associada à iniciação sexual, mesmo ao se inserir variáveis de estilo de vida. Gostar da escola e ter mudado de religião perdem a significância. O uso de cigarro, álcool e maconha permanecem associados, sendo que a chance é menor para quem nunca fez o uso. Para quem já visitou o ginecologista ao menos uma vez na vida, a chance de ter tido a primeira relação é maior do que quem nunca foi (0,30).

O modelo 4 descreve as variações na ocasião da adição dos blocos 2 e 3 ao mesmo tempo. Nesse caso, apenas as categorias de “praticantes católicos”, “protestantes históricos” e “pentecostais” permanecem com efeito significativo na iniciação sexual. As demais categorias perdem a significância (TAB. 12).

Também perdem a significância as variáveis: idade à menarca, raça/cor, situação de trabalho e sustento, se alguém acompanha a vida escolar, notas autoavaliadas, gosta da escola e se mudou de religião. Todas as outras variáveis são significantes no modelo 4.

TABELA 13 - *Odds ratio* da análise multivariada de fatores associados à iniciação sexual adolescente, masculino, RMBH, 2008 (próxima página, 141)

Características	Modelo 1	Modelo 2	Modelo 3	Modelo 4
Variável de interesse				
Participação Religiosa				
<i>Católicos Praticantes</i>	0,42 ***	0,62 *	0,61	0,74
<i>Católicos Esporádicos</i>	0,59 **	0,70	0,67	0,70
<i>Protestantes Históricos Praticantes</i>	0,23 ****	0,23 ****	0,38 ***	0,35 ***
<i>Protestantes Históricos Esporádicos</i>	0,82	0,93	0,66	0,68
<i>Protestantes Pentecostais Praticantes</i>	0,23 ****	0,27 ****	0,43 ***	0,47 **
<i>Protestantes Pentecostais Esporádicos</i>	0,53 **	0,56 *	0,74	0,78
<i>Protestantes Neopentecostais Praticantes</i>	0,27 ****	0,31 ***	0,53	0,60
<i>Protestantes Neopentecostais Esporádicos</i>	0,61	0,68	0,65	0,61
<i>Outras</i>	0,23 ****	0,28 ****	0,26 ***	0,32 ***
<i>Nenhuma</i>	1,00	1,00	1,00	1,00
Socioeconômicas, demográficas e de domicílio				
Idade à entrevista				
15		0,60	0,63	0,63
16		1,00	1,00	1,00
17		1,19	1,19	1,05
18		2,46 ****	3,11 ****	2,34 ****
19		4,02 ****	4,39 ****	3,11 ***
Raça/cor				
<i>Branca</i>		1,00		1,00
<i>Negra</i>		1,25		1,20
<i>Indígena ou amarela</i>		1,76 *		1,72 *
Família no Domicílio				
<i>Pai e mãe</i>		1,00		1,00
<i>Só mãe</i>		1,24		1,24
<i>Só pai</i>		1,59		1,78
<i>Nenhum</i>		1,22		1,08
Situação de trabalho e sustento				
<i>Não trabalho e sou ajudado por família ou benefício</i>		1,00		1,00
<i>Trabalho e recebo ajuda da família</i>		1,68 ***		1,75 ***
<i>Trabalho e ajudo a sustentar a família</i>		2,52 ****		2,44 ****
Ajuda a cuidar das tarefas domésticas				
<i>Sim</i>		1,00		1,00
<i>Não</i>		1,19		1,22
Alguém acompanha a vida escolar				
<i>Sim</i>		1,00		1,00
<i>Não</i>		1,07		1,04
Notas autoavaliadas				
<i>Ruins</i>		1,00		1,00
<i>Médio</i>		0,94		1,17
<i>Boas</i>		0,68		1,01
Estilo de Vida				
Gosta da escola				
<i>Pouco</i>			1,00	1,00
<i>Médio</i>			0,72	0,73
<i>Muito</i>			0,68	0,75
Uso de Cigarro				
<i>Já fez ou faz uso independente de frequência</i>			3,15 **	3,10 **
<i>Não, mas já experimentei</i>			1,40 *	1,35
<i>Não</i>			1,00	1,00
Uso de bebida alcoólica				
<i>Já fez ou faz uso independente de frequência</i>			3,39 ****	3,30 ****
<i>Não, mas já experimentei</i>			1,11	1,12
<i>Não</i>			1,00	1,00
Já experimentou maconha				
<i>Sim</i>			3,39 ***	3,59 ***
<i>Não</i>			1,00	1,00
Mudou				
<i>Sim</i>			0,97	0,92
<i>Não</i>			1,00	1,00
Ajuste dos modelos				
<i>(- 2 Log verossimilhança)</i>	1483,69	1303,10	1228,11	1145,02

Fonte: Pesquisa Jovem, 2008.

* Valor de $p < 0,1$

** Valor de $p < 0,05$

*** Valor de $p < 0,01$

**** Valor de $p < 0,001$

Homens

Com relação aos homens, o modelo 2, aquele que insere variáveis socioeconômicas, demográficas e de domicílio, faz perder a significância dos católicos e dos pentecostais esporádicos, embora os católicos praticantes permaneçam com $p < 0,1$ e tenham suas *odds* aumentadas de 0,42 para 0,62 (TAB. 13).

Diversas variáveis do modelo 2 perdem a significância quando inseridas conjuntamente. São elas: composição familiar, se ajuda a cuidar das tarefas domésticas, se alguém acompanha a vida escolar e notas autoavaliadas. Idade (18 e 19 anos) permanece como forte fator associado. A categoria de raça/cor indígena ou amarela permanece com efeito positivo sobre a iniciação sexual. Pessoas desses grupos tiveram 76% mais chance de serem sexualmente iniciadas que seus pares autodeclarados de cor branca ($p < 0,05$). Cabe ressaltar que o fato de o questionário ter sido autoaplicado pode ter gerado confusão com relação à categoria amarela. Por último, situação de trabalho e sustento também permanece com forte efeito na iniciação, mesmo após os controles socioeconômicos, demográficos e de domicílio, apesar de as *odds* serem menores que no modelo univariado. Aqueles que trabalham e ajudam no sustento da casa têm maior chance de ter se iniciado (*odds* são 1,68 e 2,52 respectivamente no modelo multivariado, enquanto eram de 1,9 e 3,05 no modelo univariado).

O modelo 3, aquele que insere variáveis de estilo de vida, impacta ainda mais que o modelo 2 as *odds* de iniciação sexual das variáveis de participação religiosa, aumentando, assim como no caso das mulheres, as *odds* dos praticantes de qualquer religião (TAB. 13).

Gostar da escola e ter mudado de religião também perdem a significância. A idade permanece com alta significância e um bom indicador de iniciação sexual, assim como o uso de cigarro, bebida alcólica e maconha, sendo que a chance da iniciação sexual triplica entre aqueles que já fizeram o uso de cigarro e bebida ou tenham experimentado maconha.

Por último, o modelo 4 (TAB. 13) aumenta ainda mais as *odds* da iniciação sexual entre as categorias de participação religiosa, no entanto, apenas três categorias permanecem significantes: “protestantes históricos”, “pentecostais praticantes” e “outras religiões”. As variáveis do modelo 4 que perderem efeito são as mesmas que perderam no modelo 2 e 3. Comparadas com suas *odds* nos modelos univariados, não há muita mudança no sinal do efeito das variáveis na iniciação sexual. Para a idade, no entanto, após inserir os controles sociodemográficos e de estilo de vida, ela perde levemente a significância e tem suas *odds* decrescidas para 4,94 (aos 19 anos) e 3,72 (aos 18 anos).

Não há quase nenhuma mudança nas *odds* e significâncias nos modelos 2 e 4 para as variáveis raça/cor e situação de trabalho, e nos modelos 3 e 4 para as variáveis uso de cigarro e ter experimentado maconha. Apesar de o uso de cigarro também não ter sofrido mudanças entre os modelos 3 e 4, ter experimentado o cigarro perde significância quando inseridos controles sociodemográficos (modelo 4).

7 DISCUSSÃO E CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados das análises quantitativas sugerem que existem grandes diferenças entre homens e mulheres, bem como entre as denominações religiosas e também intrarreligiões (de acordo com a frequência de ida aos cultos e celebrações reportada pelo respondente). A adolescência de fato não é uma fase pela qual todas as pessoas passam da mesma maneira, e variáveis culturais, como a religião, parecem ter efeito sobre a iniciação sexual. Há, na amostra, tanto pessoas virgens aos 19 anos, quanto pessoas que já passaram por gravidezes e abortos aos 15 anos, o que está de acordo com os achados de Borges e Schor (2005), segundo os quais os perfis são diversificados e algumas experiências são únicas.

Diversos fatores foram encontrados associados e aumentando a chance da iniciação sexual, são eles: discordar da influência da religião no início da vida sexual e no uso de bebidas alcoólicas, ser menos autodeclarado religioso ou frequentar pouco a igreja, ser a favor de sexo pré-marital, idade, não ter os pais no domicílio, ter a mãe como chefe de domicílio, não ajudar nas tarefas domésticas (só pra homens), não ter pai vivo, ser filha de mãe que teve filho adolescente (só para mulheres), trabalhar ou ter trabalhado nos últimos 30 dias, estudar à noite, não gostar da escola, achar que não vai terminar o Ensino Médio, ter sofrido violência na escola e na família, estar namorando na data da entrevista, praticar esportes (só para homens), não se engajar em atividades extraclasse, usar cigarro, bebida e maconha, ter avaliado sua saúde como ruim, ter tido a menarca em idades mais jovens e ter ido ao ginecologista.

Algumas dessas variáveis foram levadas aos modelos multivariados, quando, após serem controladas por fatores socioeconômicos e de estilo de vida, perderam significância. Outras variáveis permaneceram significativas apesar do controle, são elas: idade, uso de cigarro, álcool e maconha, e, ainda, alguém que controla a vida

escolar, composição no domicílio, idade da mãe ao ter filho (para mulheres) e raça/cor e situação de trabalho e sustento (para homens).

Mesmo após a inserção de variáveis socioeconômicas, demográficas, de domicílio e de estilo de vida como controle, a participação religiosa permanece associada à iniciação sexual. Nos modelos femininos, a inserção das variáveis sociodemográficas enfraquece a significância das *odds ratio* das participações religiosas, enquanto a inserção de variáveis de estilo de vida aumenta as *odds*, apesar de perder significância.

Apesar de a iniciação sexual ser mais prevalente entre os que vão apenas esporadicamente à igreja, a proporção de mulheres e homens que reportam já ter tido relação sexual é bastante elevada, mesmo entre aqueles que se dizem praticantes da sua religião, sendo que a proporção de sexualmente iniciados é sempre mais alta para os homens que para as mulheres, independente da idade e da participação religiosa. Esse resultado nos leva a pensar que os preceitos e dogmas das religiões católica e protestantes parecem não estar funcionando, para todos, visando a adiar o início da atividade sexual. Aos 16 anos, por exemplo, 50% dos homens e 32% das mulheres já eram sexualmente iniciados.

De acordo com os modelos univariados, tanto a religiosidade autodeclarada, quanto a frequência de ida aos cultos e celebrações, estão associadas à iniciação sexual, sendo que, quanto mais altas, menor a chance de uma mulher ou um homem terem se iniciado sexualmente.

Analisando a denominação religiosa atual, sem levar em conta se a pessoa é praticante ou não, todas as categorias tiveram chances reduzidas de terem se iniciado sexualmente quando comparadas com a categoria de referência “nenhuma religião”, o que está de acordo com Longo, (2001), França (2008) e Barbosa & Koyama (2008). Nessa, e em diversas outras variáveis analisadas, os católicos se aproximam dos seus pares “sem religião”, conforme também relatado por Rohden et al (2005).

Ao ajuntar denominação religiosa e frequência de ida aos cultos e celebrações, percebe-se que tanto o efeito quanto a significância são mais fortes para aqueles que são praticantes. Logo, as denominação religiosas estão associadas com a iniciação sexual, mas o efeito parece ser mais forte de acordo com a frequência aos cultos religiosos, já que existem grandes diferenças intrarreligião.

Entre as mulheres, as que tiveram as menores chances de terem sido sexualmente iniciadas à data da entrevista foram as pentecostais praticantes, as protestantes históricas praticantes, as neopentecostais praticantes, as católicas praticantes, as de outras religiões, as católicas esporádicas e as pentecostais esporádicas. Tanto as neopentecostais quanto as protestantes históricas esporádicas não foram significativas.

Entre os homens, os que tiveram as menores chances de serem sexualmente iniciados à data da entrevista foram os de outras religiões, pentecostais praticantes e protestantes históricos praticantes, seguidos dos neopentecostais praticantes, dos católicos praticantes, dos pentecostais esporádicos e dos católicos esporádicos. Assim como as mulheres, os neopentecostais esporádicos e os protestantes históricos esporádicos não foram significativos.

Conclui-se que quanto maior a proporção de praticantes dentro da denominação religiosa, mais conservadores, em média, eles serão. Para evitar vieses nas pesquisas, já que sabemos que os protestantes têm maiores proporções de praticantes, é melhor avaliar separadamente os praticantes dos esporádicos, já que ao dividi-los pode-se perceber o quanto são diferentes. Um exemplo disso é que apesar de as pentecostais serem mais conservadoras que as católicas quando analisamos somente a religião, ao dividi-las entre participação religiosa praticante e esporádica, percebemos que as pentecostais esporádicas têm uma *odds* quase igual a das católicas esporádicas. Esse achado sugere que estudar a religião dos adolescentes, assim como relatado por estudos de outros países, não deve ser feito apenas de acordo com a denominação religiosa, mas também por meio da frequência de ida aos cultos e celebrações. Além

disso, isso pode sugerir a existência de causalidade reversa, pois as jovens podem ter reduzido a sua frequência de ida aos cultos após a consumação do ato sexual.

Também percebeu-se que o grupo de católicos é bastante heterogêneo, de acordo com a frequência de ida à igreja reportada pelo respondente (Brandão, 2004; Verona, 2010). O grupo de evangélicos também é bastante heterogêneo, tanto em relação à frequência de ida aos cultos, quanto em relação às denominações religiosas. Percebeu-se o quanto pentecostais e neopentecostais são diferentes entre si, devendo os pesquisadores, sempre que possível, fazerem as distinções necessárias quando as bases de dados ou as coletas permitirem.

A opinião masculina sobre sexo pré-marital também aproxima o grupo católico dos sem religião: enquanto 63% dos católicos esporádicos, 51% dos católicos praticantes e 56% dos sem religião são a favor de sexo pré-marital, apenas 19% dos neopentecostais praticantes e 27% dos pentecostais e protestantes históricos praticantes o são. Já entre as mulheres, o único grupo cuja maioria se revelou a favor de sexo pré-marital foi o de mulheres sem religião. As outras categorias religiosas, independente do grau de participação religiosa, são contra o sexo pré-marital para ambos os sexos. Essa porcentagem chega a 85% das mulheres neopentecostais praticantes. Esses achados estão de acordo com Paiva et al (2008), que encontraram que protestantes e pentecostais em geral eram os que mais concordavam com o fato de que homens e mulheres deveriam esperar pelo casamento para perder a virgindade. Mesmo sendo partidária dessa convicção, uma parcela significativa não a coloca em prática.

Essas diferenças apontam para características bem divergentes entre participações religiosas e sexo do respondente, e também sugerem grande diferença intrarreligiosa no nível de permissividade: um exemplo disso são os protestantes neopentecostais: entre os praticantes homens, 76% são contra o sexo pré-marital, enquanto os esporádicos 48% o são, uma diferença de 28 pontos percentuais. Entre as mulheres, a história é a mesma: 85% das praticantes e 57% das esporádicas neopentecostais se dizem contra o sexo pré-marital. Os sem religião, assim como os católicos, também

tendem a ser mais liberais com relação ao sexo antes do casamento, assim como a população estudada por Paiva et al (2008).

Porém, a ideia de que as mulheres tenderiam a pensar mais que os homens que a religião exerce influência na sua vida sexual não foi confirmada. Para as mulheres, a porcentagem de pessoas que discordam da influência da religião é sempre maior do que as que concordam, ficando a religião em segundo plano com relação à influência, sugerindo que outras variáveis devem importar mais que a religião no momento da decisão sobre o início da vida sexual.

Percebe-se que a proporção dos que reportam, como atividade favorita, ir à igreja é maior entre os praticantes, porém, mesmo para as católicas praticantes e os católicos praticantes, apenas 4% das mulheres e 2,8% dos homens relatam a igreja como atividade favorita. Entre os neopentecostais, essa proporção é de 32,8% para as mulheres e 24,2% para os homens. É possível que frequentar uma igreja protestante ou pentecostal seja mais prazeroso do que ir à igreja católica.

Um outro achado é o de que há intensa representação de papéis de gênero ao se considerar atividades como trabalho remunerado e trabalho doméstico, tendo as mulheres maior participação nas atividades relacionadas ao domicílio, enquanto os homens participavam com maior frequência do mercado de trabalho. Além disso, se comparadas aos homens, as mulheres tendem mais a ter religião, bem como maior frequência de participação religiosa nessa religião.

As diferenças de gênero também ficam evidenciadas quando se analisa o parceiro à primeira relação sexual. Enquanto para a mulher – a maioria estava em relacionamento amoroso à data da entrevista –, o primeiro parceiro sexual era o namorado, para homens – a maioria era solteira à data da entrevista –, a primeira relação sexual foi feita com pessoas sem o menor vínculo afetivo, o que sugere que diferenças históricas de gênero ainda persistem: mulheres ainda se iniciam por/com amor.

Além disso, ainda há jovens que pensam que mulheres e homens deveriam ter comportamento diferenciado com relação a iniciação sexual, e geralmente maior permissividade é dada aos homens, mesmo vindo das mulheres. Chama atenção o alto grau de motivação em que se encontravam os homens no momento da primeira relação sexual em comparação com as mulheres.

As diferenças de gênero também estão presentes indiretamente dentro do domicílio, por meio da influência paterna. A ausência do pai no domicílio aumenta a chance da iniciação sexual feminina em 2 vezes, pois sendo somente a mãe, a chance da iniciação sexual feminina é tão alta quanto a de mulheres que não possuem nenhum dos pais no domicílio. Aliás, homens tendem a citar seus pais como chefes de domicílio, enquanto mulheres tendem a citar suas mães.

As diferenças de gênero não param por aí. Mulheres são as maiores vítimas de violência na escola e na família e as que mais reportaram ter baixa renda. Nesses domicílios, o Bolsa Família está presente, porém sem efeito aparente na iniciação sexual. São necessários mais esforços para romper com o círculo vicioso que aumenta as chances de iniciação entre as meninas que são filhas de mães que foram mães na adolescência. Talvez o aumento da escolaridade consiga reverter esse círculo, visto que filhas de mães com ensino superior têm as *odds* decrescidas.

Ao que tudo indica, a formatura no Ensino Médio está no caminho certo, pelo menos no que diz respeito às mulheres, que aparentam ter melhores rendimentos na escola, seja por meio das notas autoavaliadas, seja pela menor proporção de repetentes. Aumentar as oportunidades futuras do jovem também parece funcionar para adiar a iniciação sexual, já que quando não se tem a perspectiva de terminar o Ensino Médio, a chance de ter se iniciado sexualmente aumenta em mais de 200%.

Um último achado está relacionado com o alto grau de permissividade desses estudantes no que tange à sua saúde e sexualidade. Há uma alta proporção de pessoas que não utilizaram nenhuma proteção contra doenças sexualmente

transmissíveis na primeira relação, que tiveram baixo índice de visitas ao ginecologista (que está associado à iniciação sexual, mas não se sabe se a visita ao médico foi feita após o ato sexual), e grande número de meninas e meninos tendo relações sexuais antes dos 13 anos. A associação entre cigarro, álcool, maconha e relações sexuais pode significar não apenas que os que praticam são um grupo permissivo, mas que ao fazer o uso de entorpecentes e substâncias químicas socialmente aceitas no mundo dos adultos, como álcool e cigarro, os adolescentes podem perder o poder de negociação e o controle com relação às atividades sexuais.

Diante desses achados, três importantes ponderações se fazem necessárias.

A primeira é que, com relação aos eventos sexuais, quanto maior a exposição ao risco, maior a probabilidade de um adolescente experimentar o evento. Logo, quanto maior a sua idade, maior a probabilidade desse adolescente ser sexualmente iniciado e apresentar outras características associadas com a idade, como inserção no mercado de trabalho. Logo, os testes univariados poderiam, a princípio, ter sido controlados pela variável “idade”, porém deixariam de ser univariados. Outras opções seriam a utilização de modelos de incidência em tempo discreto e análises longitudinais, que já estão sendo preparadas para trabalhos futuros.

A segunda ponderação é a de que este estudo se concentrou na iniciação sexual, se referindo ao acontecimento do ato sexual com penetração. É preciso, pois, estar atento a todas as fases do amadurecimento da sexualidade, não somente ao ato sexual em si. São necessários mais estudos que aprofundem a ordem e a frequência dos acontecimentos sexuais, assim como as normas e os valores que os cercam. Infelizmente os dados da Pesquisa Jovem não permitem esse tipo de estudo.

A terceira ponderação é que, conforme sugerido por Reynolds (1994), as pessoas que tiveram a primeira relação sexual sob coerção não deveriam ser analisadas na mesma amostra dos que se iniciaram por vontade própria. No entanto, na ausência de variáveis como “idade do parceiro” e “sentimento de coerção na primeira vez”, a variável “grau de

motivação para a primeira vez” se tornou muito subjetiva para ser interpretada como grau de coerção.

Claramente se fazem necessários mais estudos de fatores associados à primeira vez, como as variáveis imediatas de uso de álcool, parceiro na primeira vez e grau de motivação. Também se fazem necessários mais estudos que abarquem as diferenças entre as trajetórias juvenis, especialmente ligadas a variáveis culturais, como a religião.

Em resumo, este é um estudo sobre alunos de escolas estaduais em municípios selecionados da RMBH, mas não sobre adolescentes na RMBH. São necessários mais estudos dessa população a fim de captar informações de jovens que abandonaram a escola ou nunca estiveram presentes, dos quais pouco se sabe da vida passada, da realidade e dos projetos futuros.

Em questão de saúde pública, entender as diferenças é o caminho para que a cobertura e o acesso universal à saúde sexual e reprodutiva se façam presentes obedecendo ao diálogo com as diversas instituições, como Igreja, escola e família, mas pensando em políticas que atendam às múltiplas necessidades do jovem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADDAI, I. Religious Affiliation and Sexual Initiation among Ghanaian Women. **Review of Religious Research**, Michigan, v. 41, n. 3, p. 328-343. Mar. 2000.

ALBRECHT, S. L.; CHADWICK, B. A.; ALCORN, D. S. Religiosity and Deviance: Application of an Attitude-Behavior Contingent Consistency Model. **Journal for the Scientific Study of Religion**, Malden, v. 16, n. 3, p. 263-274, Sep.1977.

ALVES, J. E. D.; NOVELLINO, M. S. F. A dinâmica das filiações religiosas no Rio de Janeiro: 1991-2000. Um recorte por educação, cor, geração e gênero. In: PATARRA, N.; AJARA, C.; SOUTO, J. (Orgs.). **O Rio de Janeiro continua sendo...** Rio de Janeiro: Ence/IBGE, 2006, p. 275-307.

AMARAL, M. A.; FONSECA, R. M. G. S. Entre o desejo e o medo: as representações sociais das adolescentes acerca da iniciação sexual. **Revista da Escola de Enfermagem USP**, São Paulo, v. 40, n. 4, p. 469-76. dez. 2006.

BARBOSA, R. M.; KOYAMA, M. A. H. Comportamento e práticas sexuais de homens e mulheres, Brasil 1998 e 2005. **Revista de Saúde Pública**, São Paulo, v.42, p. 21-33. jun. 2008. Suplemento 1.

BEARMAN, P. S.; BRÜCKNER, H. Promising the Future: Virginity Pledges and First Intercourse. **The American Journal of Sociology**, Chicago, v. 106, n. 4, p. 859-912. Jan. 2001.

BEMFAM. **Pesquisa nacional sobre demografia e saúde**. Rio de Janeiro: Bemfam, 1996.

BERQUÓ, E.S., CAVENAGHI, S.M. Increasing adolescent and youth fertility in Brazil: a new trend or a one-time event? In: ANNUAL MEETING OF THE POPULATION ASSOCIATION OF AMERICA, 2., 2005, Pennsylvania. **Anais...** Pennsylvania: Population Association of America, 2005. Disponível em < <http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/PopPobreza/BerquoElzaeCavenaghisuzana.pdf> > Acesso em: 11 jan. 2011.

BETTO, F. **O que é Comunidade Eclesial de Base**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1981.

BETTO, F. **Batismo de sangue: os dominicanos e a morte de Carlos Marighella**. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982. 283p.

BILLY, J. O. G.; BREWSTER, K. L.; GRADY, W. R. Contextual Effects on the Sexual Behavior of Adolescent Women. **Journal of Marriage and Family**, Minneapolis, v. 56, n. 2 p. 387-404, Maio. 1994.

BORGES, A. L. V., LATORRE, M. R. D.O., SCHOR, N. **Adolescência e Vida Sexual**: estudo dos fatores individuais e familiares associados ao início da vida sexual de adolescentes da cidade de São Paulo. In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS, 15., 2006, Caxambu. **Anais...** [Campinas]: ABEP, 2006. Disponível em < http://www.abep.nepo.unicamp.br/encontro2006/docspdf/ABEP2006_198.pdf > Acesso em: 11 jan. 2011.

BORGES, A. L. V.; NAKAMURA, E. Normas Sociais de Iniciação Sexual entre os Adolescentes e relações de Gênero. **Revista Latino-americana de Enfermagem [online]**, v. 17, n. 1, p. 94-100, jan./fev. 2009.

BORGES, A. L. V.; SCHOR, N. Trajetórias afetivo-amorosas e perfil reprodutivo de mulheres adolescentes residentes no Município de São Paulo, **Revista Brasileira de Saúde Materna e Infantil**. Recife, v. 5, n. 2, p. 163-170, abr./jun. 2005.

BORGES, A. L. V.; SCHOR, N. Homens adolescentes e vida sexual: heterogeneidades nas motivações que cercam a iniciação sexual. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 1, p. 225-234, jan. 2007.

BRANDÃO, C. R. B., Fronteira da Fé – Alguns Sistemas de Sentido, Crenças e Religiões no Brasil de Hoje. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 18, n. 52, p. 261-88, set./dez. 2004.

BRASIL. Lei n. 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências [legislação na Internet]. Brasília; 1990. Disponível em: <<http://www6.senado.gov.br/legislacao/ListaPublicacoes.action?id=102414>>. Acesso em: 11 jan. 2011.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Pesquisa Nacional de Demografia e Saúde da Criança e da Mulher – PNDS 2006**: dimensões do processo reprodutivo e da saúde da criança. Brasília: Ministério da Saúde, 2009. 300p. (Série G. Estatística e Informação em Saúde).

BREWSTER, K. L.; COOKSEY, E. C.; GUILKEY, D. K.; RINDFUSS, R. R. The Changing Impact of Religion on the Sexual and Contraceptive Behavior of Adolescent Women in the United States. **Journal of Marriage and Family**, Minneapolis, v. 60, n. 2, p. 493-504, Maio. 1998.

BURDETTE, A. M.; HILL, T. D. Religious involvement and transitions into adolescent sexual activities. **Sociology of Religion**, Oxford, v. 70, n. 1, p. 28-34, jan. 2009.

BURDICK, J. Struggling against the devil: pentecostalism and social movements in urban brazil. In: GARRARD-BURNETT, V.; STOLL, D. (Org.). **Rethinking Protestantism in Latin America**. Philadelphia: Temple University Press, 1993. p. 20-44.

CAETANO, A.J. 2004. "O declínio da fecundidade e suas implicações: uma introdução". In: CAETANO, A.J.; ALVES, J.E.D.; CORREIA, Sônia. **Dez anos do Cairo**: tendências da fecundidade e direitos reprodutivos no Brasil. Campinas: ABEP: UNFPA, 2004. p. 11-19.

CAMARANO. A.A. Fecundidade e anticoncepção na população jovem. In: **JOVENS acontecendo nas trilhas das políticas públicas**. Brasília: CNPD, 1998. v.1, p. 109-33.

CAMINHA, P.V. **Carta de Achamento do Brasil**. Disponível em: <<http://educacao.uol.com.br/historia-brasil/brasil-colonia-documentos-1-carta-de-achamento-do-brasil.jhtm>>. Acesso em: 11 jan. 2011.

CARVALHO, R. L. **Casa, comida e roupa lavada**: fatores associados à saída dos jovens brasileiros do domicílio de origem. 2009. 95f. Dissertação (Mestrado em Demografia) – Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.

CASPER, L. M. Does Family Interaction Prevent Adolescent Pregnancy? **Family Planning Perspectives**, New York, v. 22, n. 3, p. 109-114, May/June. 1990.

CERQUEIRA-SANTOS, E.; PALUDO, S. S.; SCHIRÒ, E. D. B. D; KOLLER, S. H. Gravidez na Adolescência: Análise contextual de risco e proteção. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 15, n. 1, p. 73-85, jan./mar. 2010.

CESARE, M.; RODRÍGUEZ VIGNOLI, J. Análisis micro de los determinantes de la fecundidad adolescente en Brasil y Colombia. **Papeles de Población**, Universidad Autónoma del Estado de México, Toluca/México, n.48, p.107-140, abr./jun. 2006.

CHADWICK, B. A.; TOP, B. L. Religiosity and Delinquency among LDS Adolescents. **Journal for the Scientific Study of Religion**, Malden, v. 32, n. 1, p.51-67, mar.1993.

CHESNUT, R. A. **Born again in Brazil** - The Pentecostal boom and the pathogens of poverty. New Brunswick, NJ: Rutgers University Press, 1997.

CHESNUT, R.A. Born again in Brazil: spiritual ecstasy and mutual aid. In: GARRARD-BURNETT (Ed.). **On Earth as it is in heaven**: religion in modern latin america. Wilmington, DE: Scholarly Resources, 2000. p. 219-234. (Jaguar Books on Latin America, 18).

CONFEDERAÇÃO NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Quem Somos**. Disponível em: <<http://www.cnbb.org.br/site/cnbb/quem-somos>>. Acesso em: 11 jan. 2011.

CONGREGACIONALISMO NO BRASIL. **Congregacionalismo no Brasil**. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Congregacionalismo_no_Brasil>. Acesso em: 11 jan. 2011.

COOKSEY, E. C.; RINDFUSS, R. R.; GUILKEY, D. K. The Initiation of Adolescent Sexual and Contraceptive Behavior During Changing Times. **Journal of Health and Social Behavior**, Washington, v. 37, n. 1, p. 59-74, Mar. 1996.

COSTA, J.V.; MELLO, L.F.; OJIMA, R. Religion and fertility: understanding adolescence pregnancy and family religion. In: IUSSP CONFERENCE, 25., 2005, Tours. **Anais...** Tours, [2005?]. Disponível em: <<http://iussp2005.princeton.edu/download.aspx?submissionId=51318>>. Acesso em: 11 Jan. 2011.

COUTINHO, R. Z., MIRANDA-RIBEIRO, P. Porque a carne cobiça contra o Espírito (Gal 5:17): uma análise preliminar sobre religião e vida sexual de estudantes de escolas estaduais na Região Metropolitana de Belo Horizonte, MG In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS, 17., 2010, Caxambu. **Anais...** Belo Horizonte: ABEP, 2010. Meio Digital. ISBN 85-85543-24-1

DAVIDSON, J. K. SR.; DARLING, C. A.; NORTON, L. Religiosity and the sexuality of women: sexual behavior and sexual satisfaction revisited. **The Journal of Sex Research**, Abingdon/Oxfordshire, v. 32, n. 3, p. 235-243. 1995. Disponível em: <http://www.jstor.org/pss/3812793>. Acesso em: 11 Jan. 2011.

DAVIS, P.; LAY-YEE, R. Early Sex and Its Behavioral Consequences in New Zealand. **The Journal of Sex Research**, Abingdon/Oxfordshire, v. 36, n. 2, p. 135-144, Maio. 1999.

DEL PRIORE, M.; VENÂNCIO, R. P.. **O livro de ouro da história do Brasil: do descobrimento à globalização**. Rio de Janeiro, Ediouro, 2001.

FEHRING, R. J.; CHEEVER, K. H.; GERMAN, K.; PHILPOT, C. Religiosity and sexual activity among older adolescents. **Journal of Religion and Health**, v. 37, n. 3, p. 229-247, Fall. 1998.

SALOMON, Marta. Bancada evangélica na câmara cresce quase 50%. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 08 out. 2010. Disponível em: <http://www.estadao.com.br/estadaodehoje/20101008/not_imp622221,0.php>. Acesso em: 11 jan. 2011.

FRAGOSO, Hugo. Presença franciscana no Brasil em cinco séculos de evangelização. In: **ENTRE memória e utopia**. Primeiro capítulo nacional da família franciscana. Brasília: CEFEPAL, 1994. p.32-65.

FRANÇA, M. B. **Fatores associados à iniciação sexual e reprodutiva na adolescência: um estudo para Belo Horizonte e Recife**. 2002. 71 f. Dissertação (mestrado em demografia) – Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.

FRANCIS, S. A. Implications of Public and Private Aspects of Religiosity for the Sexual Decisions of Black and White Adolescents. **Journal of Youth Ministry**, Nappanee, Indiana, v. 5, n. 2, p. 15-31, Spring. 2007.

FREITAS, K. R.; DIAS, S. M. Z. Percepções de Adolescentes sobre sua sexualidade. **Texto Contexto Enfermagem**, Florianópolis, v. 19, n. 2, p. 351-7, abr./jun. 2010.

FRESTON, P.; "Brother Votes for Brother: the new politics of protestantism in Brazil." In: GARRARD-BURNETT, V.; STOLL, D. (Org.). **Rethinking Protestantism in Latin America**. Philadelphia: Temple University Press, 1993. p. 66-110.

GARNER, R. C. Safe sects? dynamic religion and AIDS in South Africa. **The Journal of Modern African Studies**, Cambridge, v.38, n.1, p. 41-69, Mar. 2000.

GLASS, J. C. JR. Premarital Sexual Standards Among Church Youth Leaders: an exploratory study. **Journal for the Scientific Study of Religion**, Malden/Massachusetts, v. 11, n. 4, p 361-367, Dec. 1972.

GOMES, L. **1808: como uma rainha louca, um príncipe medroso e uma corte corrupta enganaram Napoleão e mudaram a história de Portugal e do Brasil**. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2009.

GOOGLE MAPS. **Cálculo da distância entre cidades**. Disponível em: <<http://maps.google.com.br/maps?hl=pt-br&tab=wl>>. Acesso em: 11 jan. 2011.

GRANBEL. Associação dos Municípios da Região Metropolitana de Belo Horizonte. **Mapa da RMBH**. Disponível em: <http://granbel.ite.net.br/IM_maparmbh.asp>. Acesso em: 11 jan. 2011.

GUBERT, D.; MADUREIRA, V. S. F. Iniciação sexual de homens adolescentes. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v.13, p. 2247-2256, dez. 2008. (Suplemento 2).

GUPTA, N. Sexual Initiation and Contraceptive Use among Adolescent Women in Northeast Brazil. **Studies in Family Planning**, New York, v. 31, n. 3, p. 228-238, Sept. 2000.

GUPTA, N., & LEITE, I.C. Adolescent fertility behavior: trends and determinants in Northeastern Brazil. **International Family Planning Perspectives**, New York, v. 25, n. 3, p. 125-130, Sep.1999.

HAMMOND, J. A.; COLE, B. S.; BECK, S. H. Religious Heritage and Teenage Marriage. **Review of Religious Research**, v. 35, n. 2, p. 117-133, Dec. 1993.

HEILBORN, M. L.; AQUINO, E. M. L.; KNAUTH, D. R.; BOZON, M. (Org.). **O aprendizado da sexualidade**: reprodução e trajetórias sociais de jovens brasileiros. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

HEILBORN, M. L.; CABRAL, C. S. Sexual practices in youth: analysis of lifetime sexual trajectory and last sexual intercourse. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, 22(7):1471-1481, jul, 2006.

HENZE, L. F.; HUDSON, J. W. Personal and Family Characteristics of Cohabiting and Noncohabiting College Students. **Journal of Marriage and Family**, Minneapolis, v. 36, n. 4, p. 722-727, Nov. 1974.

HOSMER, D. W.; LEMESHOW, S. **Applied logistic regression**. 2. ed. New York: John Wiley & Sons, 2000.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Religião. In: **Tendências demográficas**: uma análise da população com base nos resultados dos Censos Demográficos 1940 e 2000. Rio de Janeiro: IBGE, 2007.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Banco de Dados Sidra**. Rio de Janeiro: IBGE, 2010a.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Pesquisa de Orçamentos Familiares - POF 2002/2003**. Rio de Janeiro: IBGE, [2003?].

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Primeiros Resultados do Censo 2010**. Rio de Janeiro: IBGE, 2010b

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Produto Interno Bruto dos Municípios**. Rio de Janeiro: IBGE, 2008.

IGREJA PRESBITERIANA NO BRASIL. **Igreja Presbiteriana no Brasil**. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Igreja_Presbiteriana_do_Brasil>. Acesso em: 11 jan. 2011.

JENSEN, L.; NEWELL, R. J.; HOLMAN, T. Sexual Behavior, Church Attendance, and Permissive Beliefs among Unmarried Young Men and Women. **Journal for the Scientific Study of Religion**, Malden/Massachusetts, v. 29, n. 1, p. 113-117, Mar. 1990.

KAHN, J. K.; ROBERT E. **Familial Communication and Adolescent Sexual Behavior**. Final Report to the Office of Adolescent Pregnancy Programs. American Institutes for Research: Cambridge, Mass., 1984.

KIERNAN, K. E.; HOBcraft, J. Parental Divorce during Childhood: age at first intercourse, partnership and parenthood. **Population Studies**, London, v. 51, n. 1, p. 41-55, Mar. 1997.

KINSEY, A.; POMEROY, W.; MARTIN, C., & GEBHARD, P. **Sexual Behavior in the Human Female**. Philadelphia: Saunders, 1953.

KIRAGU, K.; ZABIN, L. S. The Correlates of Premarital Sexual Activity Among School-Age Adolescents in Kenya. **International Family Planning Perspectives**, New York, v. 19, n. 3, p. 92-97, Sept. 1993.

KOSS, M. P. Hidden rape: Incidence and prevalence of sexual aggression and victimization in a national sample of college students. In: BURGESS, Ann W. (Ed.). **Rape and sexual assault**. New York: Garland, 1988. v. 2, p. 4-25.

KU, L.F. SONENSTEIN, J.H.P Factors Influencing First Intercourse for Teenage Men. **Public Health Reports**, Washington, v. 108, n. 6, p. 680-694, Nov./ Dec. 1993.

KUMI-KYEREME, A.; AWUSABO-ASARE, K; BIDDLECOM, A.; TANLE, A. Influence of Social Connectedness, Communication and Monitoring on Adolescent Sexual Activity in Ghana. **African Journal of Reproductive Health**, Benin City; Edo State/Nigeria, v. 11, n. 3, p. 133-149, Dec. 2007.

LANDIS, J. T. Religiousness, Family Relationships, and Family Values in Protestant, Catholic, and Jewish Families. **Marriage and Family Living**, Minneapolis, v. 22, n. 4, p. 341-347, Nov. 1960.

LANGMAN, L.; BLOCK, R. L.; CUNNINGHAM, I. Countercultural Values at a Catholic University. **Social Problems**, Berkeley/California, v. 20, n. 4, p. 521-532, Spring. 1973.

LEITE, I. C.; RODRIGUES, R. N.; FONSECA, M.C. Fatores associados com o comportamento sexual e reprodutivo entre adolescentes das regiões sudeste e nordeste do Brasil. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v.20, n.2, p.474-481, mar./abr. 2004.

L'ENGLE, K. L.; JACKSON, C.; BROWN, J. D. Early Adolescents' Cognitive Susceptibility to Initiating Sexual Intercourse. **Perspectives on Sexual and Reproductive Health**, New York, v. 38, n. 2, p. 97-105, June. 2006.

LIBANIO, J.B. **O que é pastoral**. 3. ed. São Paulo: Editora brasiliense, 1982.

LONGO, L. A. F. B. **Prevenir ou remediar?** Um estudo das práticas contraceptivas entre as mulheres de 15 a 24 anos no Brasil. 2001. 116. Dissertação (Mestrado em Demografia) – Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2001.

LONGO, L. A. F. B.; MIRANDA-RIBEIRO, P; POTTER, J. E.; ELLISON, C.G. **Is Brazil really a Catholic Country?** What opinions about abortion, sex between individuals who are not married to each other, and homosexuality say about the meaning of Catholicism in three Brazilian cities. Belo Horizonte: Cedeplar/UFMG, 2009. 23p. (Texto para discussão, 370)

LÖWY, M. **La Teología de la Liberación:** Leonardo Boff y Frei Betto. 2008. Disponível em: <<http://www.adital.com.br/site/noticia.asp?lang=ES&cod=35648>>. Acesso em: 11 jan. 2011.

MAHONEY, E. R. Religiosity and Sexual Behavior among Heterosexual College Students. **The Journal of Sex Research**, Abingdon/Oxfordshire, v. 16, n. 2, p. 97-113, May. 1980.

MAINWARING, S. Brazil: the Catholic Church and the Popular Movement in Nova Iguaçu, 1974-1985. In: GARRARD-BURNETT, V. (Org.). **On Earth as It Is in Heaven:** religion in Modern Latin America. Wilmington, DE: Scholarly Resources Inc., 2000. v. 18, p. 135-165.

MANLOVE, J.; TERRY-HUMEN, E.; IKRAMULLAH, E. Young Teenagers and Older Sexual Partners: Correlates and Consequences for Males and Females. **Perspectives on Sexual and Reproductive Health**, New York, v. 38, n. 4, p. 197-207, Dec. 2006.

MARIANO, R. Expansão pentecostal no Brasil: o caso da Igreja Universal. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 18, n. 52, p.121-138, dez. 2004.

MCKINNON, S.; MCNAMEE, C.; POTTER, J. E. Adolescent fertility, marriage, race and religion in Brazil. In: **The Population Association of America Annual Meeting**. 2007. Disponível em: <<http://paa2007.princeton.edu/download.aspx?submissionId=72108>>. Acesso em: 10 abr. 2009.

MCKINNON, S.; POTTER, J. E.; GARRARD-BURNETT, V. Adolescent fertility and religion in Rio de Janeiro, Brazil in the year 2000: the role of protestantism. **Population Studies**, London, v. 62, n.3, p. 289-303, Nov, 2008. ISSN: 1477-4747

MEIER, A. M. Adolescents' Transition to First Intercourse, Religiosity, and Attitudes about Sex. **Social Forces**, Chapel Hill/North Carolina, v. 81, n. 3, p. 1031-1052, Mar. 2003.

MENNING, C.; HOLTZMAN, M.; KAPINUS, C. Stepfather Involvement and Adolescents' Disposition toward Having Sex. **Perspectives on Sexual and Reproductive Health**, New York, v. 39, n. 2, p. 82-89, June. 2007.

MILLER, B. C.; BINGHAM, C. R. Family Configuration in Relation to the Sexual Behavior of Female Adolescents. **Journal of Marriage and Family**, Minneapolis, v. 51, n. 2, p. 499-506, May. 1989.

MILLER, B. C.; HIGGINSON, R; MCCOY, J. K.; OLSON, T. D. Family Configuration and Adolescent Sexual Attitudes and Behavior. **Population and Environment**, New York, v. 9, n. 2, p. 111-123, June. 1987.

MILLER, P. Y.; SIMON, W. Adolescent Sexual Behavior: Context and Change. **Social Problems**, Berkeley/California, v. 22, n. 1, p. 58-76, Oct. 1974.

MIRANDA-RIBEIRO, P.; POTTER, J. E. **Eu vacilei**: The Epidemics of Teenage Pregnancy at the End of the Twentieth Century in Brazil, IV Congreso de la Asociación Latinoamericana de Población, Havana, Cuba, 16-19 November 2010. Anais. Comunicação Oral 3 (17 de novembro de 2010). Disponível em <http://www.alapop.org/2009/index.php?option=com_content&view=article&id=621&Itemid=339>. Acesso em: 11 fev. 2011.

MIRANDA-RIBEIRO, P., LONGO, L. A. F. B. e POTTER, J. E. **Deus dá, Deus tira?** Uma análise preliminar da relação entre fecundidade na adolescência e religião em Minas Gerais, 2000. In: ENCONTRO DE ECONOMIA MINEIRA, 17., 2010, Diamantina. **Anais...** Belo Horizonte: Cedeplar, 2010. p. 1-25.

MIRANDA-RIBEIRO, P.; LONGO, L. A. F. B.; RIOS-NETO, E. L. G.; POTTER, J. E. Fecundidade na adolescência e religião em Belo Horizonte: um primeiro exercício **Revista Brasileira de Estudos Populacionais**, Rio de Janeiro, v. 26, n. 2, p. 305-308, jul./dez. 2009.

MIRANDA-RIBEIRO, P.; CAETANO, A. J. O programa SRSR. **Revista Brasileira de Estudos Populacionais**, Campinas, v. 20, n. 2, p. 303-305, jul./dez. 2003.

MIRANDA-RIBEIRO, P.; CAETANO, A. J. **SRSR** – ensino e pesquisa em saúde reprodutiva, sexualidade e cor/raça. Belo Horizonte: UFMG/Cedeplar, 2003. v.1.

MOORE, K. A.; SIMMS M. C.; BETSEY C. L. Nonvoluntary sexual activity among adolescents. **Family Planning Perspectives**, New York, v.21, p. 110- 114, Mai./Jun. 1989.

MURRAY, C. The Moral and Religious Beliefs of Catholic Adolescents: scale development and structure. **Journal for the Scientific Study of Religion**, Malden/Massachusetts, v. 17, n. 4, p. 439-447, Dec. 1978.

MURRAY, N. J.; ZABIN, L. S.; TOLEDO-DREVES, V.; LUENGO-CHARATH, X. Gender Differences in Factors Influencing First Intercourse Among Urban Students in Chile. **International Family Planning Perspectives**, New York, v. 24, n. 3, p. 139-144, Sept. 1998.

NASCIMENTO, E. F.; GOMES, R. Iniciação sexual masculina: conversas íntimas para fóruns privados. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 4, p. 1101-1110, jul./ago. 2009.

NASCIMENTO, L. C. S.; LOPES, C. M. Atividade Sexual e Doenças sexualmente Transmissíveis em escolares do 2º grau de Rio Branco - Acre, Brasil Atividade sexual e doenças sexualmente transmissíveis em escolares do 2º grau de Rio Branco-Acre, Brasil. **Revista Latino-americana de Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 8, n. 1, p. 107-113, jan. 2000.

O'CONNOR, M. L. Religion Plays a Growing Role in White Teenagers' Sexual Decision-Making. **Family Planning Perspectives**, New York, v. 30, n. 6, p. 295-296, Nov./ Dec. 1998.

ODIMEGWU, C. Influence of Religion on Adolescent Sexual Attitudes and Behaviour among Nigerian University Students: Affiliation or Commitment? **African Journal of Reproductive Health**, Benin City; Edo State/Nigeria, v. 9, n. 2, p. 125-140, Aug. 2005.

OLIVEIRA, M.A. Entre a coroa e a cruz: a igreja colonial sob a égide do padroado. **Mneme – Revista de Humanidades**, Caicó (RN), v. 9, n. 24, set./out. 2008. Disponível em:
<http://www.cerescaico.ufrn.br/mneme/anais/st_trab_pdf/pdf_st3/marlon_oliveira_st3.pdf>. Acesso em: 11 de janeiro de 2011. Anais do II Encontro Internacional de História Colonial.

PAIVA, V.; ARANHA, F.; BASTOS, F. I. Opiniões e atitudes em relação à sexualidade: pesquisa de âmbito nacional, Brasil 2005. **Revista de Saúde Pública**, São Paulo, v. 42, p. 54-64, jul. 2008.

PAXTON, A. L.; TURNER, E. J. Self-Actualization and Sexual Permissiveness, Satisfaction, Prudishness, and Drive among Female Undergraduates. **The Journal of Sex Research**, Abingdon/Oxfordshire, v. 14, n. 2, p. 65-80, May. 1978.

PEREIRA, A.R.A. **Modelo de Credit Scoring para avaliação de risco na concessão de crédito bancário**. 2006. 82 f. Monografia (Graduação em Estatística) - Universidade de Brasília, Brasília, 2006.

PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O DESENVOLVIMENTO. **Atlas do Desenvolvimento Humano 2000**. Disponível em:<
<http://www.pnud.org.br/atlas/ranking/IDH-M%2091%2000%20Ranking%20decrecente%20%28pelos%20dados%20de%202000%29.htm>>. Acesso em: 11 jan. 2011.

REBELLO, L. E. F. S.; GOMES, R. Iniciação sexual, masculinidade e saúde: narrativas de homens jovens universitários. **Ciência & Saúde Coletiva**, México, v. 14, n. 2, p. 653-660, abr. 2009.

REGNERUS, M. D.; SMITH, C. Selection Effects in Studies of Religious Influence. **Review of Religious Research**, Michigan, v. 47, n. 1, p. 23-50, Sept. 2005.

REGNERUS, M.D. **Forbidden fruit** - Sex and religion in the lives of American teenagers. New York: Oxford University Press, 2007.

RENOVAÇÃO CARISMÁTICA CATÓLICA. **A história da RCC**. Disponível em <<http://www.rccbrasil.org.br/interna.php?paginas=42>> . Acesso em: 11 jan. 2011.

REYNOLDS, D. I. Religious Influence and Premarital Sexual Experience: Critical Observations on the Validity of a Relationship. **Journal for the Scientific Study of Religion**, Malden/Massachusetts, v. 33, n. 4, p. 382-387, Dec. 1994.

RIOS, L. F.; PAIVA, V.; MAKSUD, I.; OLIVEIRA, C.; CRUZ, C. M. S.; CRUZ, C. G.; JUNIOR, V. T.; PARKER, R. Os cuidados com a “carne” na socialização sexual dos jovens. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 13, n. 4, p. 673-682, out./dez. 2008.

RIOS-NETO, E. L. G., **Plano de Avaliação da Pesquisa Jovem**. Belo Horizonte: Cedeplar, UFMG. 2007. Apresentação em Powerpoint.

ROHDEN et al. Religião e iniciação sexual em jovens de camadas populares. In: HEILBORN, Maria Luiza Duarte; DIAS, Luiz Fernando; PEIXOTO, Clarice; BARROS, Myriam Lins de (Org.). **Sexualidade, família e ethos religioso**. Rio de Janeiro: Garamond. 2005. p. 177-206.

ROHRBAUGH, J.; JESSOR, R. Religiosity in youth: A personal control against deviant behavior. **Journal of Personality**, Malden, v. 43, p. 136-155, 1975. ISSN: 1467-6494

ROPER, C. **O valor da frequência à igreja**. Disponível em: <<http://www.scribd.com/doc/3009583/O-Valor-da-Frequencia-a-Igreja>> Acesso em: 11 jan. 2011.

ROSTOSKY, S. S.; REGNERUS, M. D.; WRIGHT, M. L. C. Coital Debut: The Role of Religiosity and Sex Attitudes in the Add Health Survey. **The Journal of Sex Research**, Abingdon/Oxfordshire, v. 40, n. 4, p. 358-367, Nov. 2003.

ROWATT, W. C.; SCHMITT, D. P. Associations between Religious Orientation and Varieties of Sexual Experience. **Journal for the Scientific Study of Religion**, Malden/Massachusetts, v. 42, n. 3, p. 455-465, Sept. 2003.

SCHALKWIJK, F. L. O Brasil na correspondência de Calvino 2004, **Fides Reformata**, v.9, n.1, p.101-128, jan./jun., 2004.

SCHEEPERS, P.; GROTENHUIS, M. T.; SLIK, F. V. D. Education, Religiosity and Moral Attitudes: Explaining Cross-National Effect Differences. **Sociology of Religion**, Oxford, v. 63, n. 2, p. 157-176, Summer. 2002.

SHORNACK, L. L.; AHMED, F. Adolescent Religiousness and Pregnancy Prevention: A Comment on Research by Studer and Thornton. **Journal of Marriage and Family**, Minneapolis, v. 51, n. 4, p. 1083-1085, Nov. 1989.

SILVA, C. G.; SANTOS, A. O.; LICCIARDI, D. C.; PAIVA, V. Religiosidade, Juventude e Sexualidade entre a autonomia e a rigidez. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 13, n. 4, p. 683-692, out./dez. 2008.

SIMÃO, A. B. **A Primeira Relação Sexual, o Primeiro Casamento e o Nascimento do Primeiro Filho**: um estudo quantitativo e qualitativo de duas coortes de mulheres em Belo Horizonte. 2005. 266 f. Dissertação (Mestrado em Demografia), - Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2005.

SIMÃO, A. B.; MIRANDA-RIBEIRO, P.; CAETANO, A. J.; CÉSAR, C. C. Comparando as idades à primeira relação sexual, à primeira união e ao nascimento do primeiro filho de duas coortes de mulheres brancas e negras em Belo Horizonte: evidências quantitativas. **R. bras. Est. Pop.**, São Paulo, v. 23, n. 1, p. 151-166, jan./jun. 2006.

SLAP, G. B.; LOT, L.; HUANG, B.; DANIAM, C. A.; ZINK, T. M.; SUCCOP, P. A. Sexual Behavior Of Adolescents In Nigeria: Cross Sectional Survey Of Secondary School Students. **British Medical Journal**, London, v. 326, n. 7379, p. 15-18, Jan. 2003.

SMITH, C. Theorizing Religious Effects among American Adolescents. **Journal for the Scientific Study of Religion**, Malden/Massachusetts, v. 42, n. 1, p. 17-30, Mar. 2003.

SMITH, D. J. Youth, Sin and Sex in Nigeria: Christianity and HIV/AIDS-Related Beliefs and Behaviour among Rural-Urban Migrants. **Culture, Health & Sexuality**, Abingdon/Oxfordshire, v. 6, n. 5, p. 425-437, Sept. 2004.

SOUSA, L. B.; FERNANDES, J. F. P.; BARROSO, M. G. T. Sexualidade na adolescência: análise da influência de fatores culturais presentes no contexto familiar. **Acta Paulista de Enfermagem**, São Paulo, v. 19, n. 4, p. 408-13, Oct./Dec. 2006.

SOUZA, M.M.C. A maternidade nas mulheres de 15-19 anos como desvantagem social. In: VIEIRA, E.M.; FERNANDES, M.E.L.; BAILEY, P.E.; MCKAY, A. (Org.). **Seminário Gravidez na Adolescência**. São Paulo: Associação Saúde da Família, 1998. p. 74-91.

SPANIER, G. B. Sexualization and Premarital Sexual Behavior. **The Family Coordinator**, Minneapolis, v. 24, n. 1, p. 33-41, Jan. 1975.

STUDER, M.; THORNTON, A. The Multifaceted Impact of Religiosity on Adolescent Sexual Experience and Contraceptive. A Reply to Shornack and Ahmed. **Journal of Marriage and Family**, Minneapolis, v. 51, n. 4, p. 1085-1089, Nov. 1989.

TANFER, K.; HORN, M. C. Contraceptive Use, Pregnancy and Fertility Patterns Among Single American Women in Their 20s. **Family Planning Perspectives**, New York, v. 17, n. 1, p. 10-19, Jan./Feb. 1985.

TANFER, K; CUBBINS, L. A. Coital Frequency among Single Women: Normative Constraints and Situational Opportunities. **The Journal of Sex Research**, Abingdon/Oxfordshire, v. 29, n. 2, p. 221-250, May. 1992.

TAVARES, C. M.; SCHOR, N.; JUNIOR, I. F.; DINIZ, S. G. Factors associated with sexual initiation and condom use among adolescents on Santiago Island, Cape Verde, West Africa. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 25, n. 9, p. 1969-1980, set. 2009.

THORNTON, A. Reciprocal Influences of Family and Religion in a Changing World Author. **Journal of Marriage and Family**, Minneapolis, v. 47, n. 2, p. 381-394, May. 1985.

THORNTON, A.; AXINN, W. G.; HILL, D. H. Reciprocal Effects of Religiosity, Cohabitation, and Marriage. **The American Journal of Sociology**, Chicago, v. 98, n. 3, p. 628-651, Nov. 1992.

THORNTON, A.; CAMBURN, D. The Influence of the Family on Premarital Sexual Attitudes and Behavior. **Demography**, Silver Spring/Maryland, v. 24, n. 3, p. 323-340, Aug. 1987.

THORNTON, A.; CAMBURN, D. Religious participation and adolescent sexual behaviors and attitudes. **Journal of Marriage and the Family**, Minneapolis, v. 51, n. 3, p. 641-653, Aug. 1989.

TITTLE, C. R. & WELCH, M. R. Religiosity and Deviance: Toward a Contingency Theory of Constraining Effects. **Social Forces**, Chapel Hill/North Carolina, v. 61, n. 3, p. 653-682, Mar. 1983.

UDRY, J.R.; BEARMAN, P.S. New Methods for New Research on Adolescent Sexual Behavior. In: Jessor, R. (Ed.). **New Perspectives on Adolescent Risk Behavior**. Cambridge: Cambridge University Press, 1998. p. 241-269.

UFMA. **Apostila de regressão Logística**. Disponível em: <<http://www.pgsc.ufma.br/arquivos/apostilaregressaologistica.pdf>>. Acesso em: 11 jan. 2011.

VERONA, A. P. A.; REGNERUS, M. Religion and Sexual Initiation in Brazil. In: POPULATION ASSOCIATION OF AMERICA, 2009, Detroit. **Anais...** Detroit: PAA, 2009. Disponível em <http://paa2009.princeton.edu/download.aspx?submissionId=91837>. Acesso em: 11 jan. 2011.

VERONA, A. P. A. **Sexual Initiation and Religion in Brazil**. 2010. 188 f. Tese (Doutorado em Sociologia) – University of Texas at Austin, Texas, Austin, 2010.

VIDAL, E. I.; RIBEIRO, P. R. M. Algumas reflexões sobre relacionamentos afetivos e relações sexuais na adolescência. **Fractal: Revista de psicologia**, Niterói/Rio de Janeiro, v. 20 - n. 2, p. 519-532, Jul./Dez. 2008.

VILLELA, W. V.; DORETO, D. T. Sobre a experiência sexual dos jovens. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 11, p. 2467-2472, nov. 2006.

WEINBERG, MARTIN S.; LOTTES, ILSA; SHAVER, FRANCES M. Sociocultural Correlates of Permissive Sexual Attitudes: A Test of Reiss's Hypotheses about Sweden and the United States. **The Journal of Sex Research**, Abingdon/Oxfordshire, v. 37, n. 1, p. 44-52, Feb. 2000.

WHITEHEAD, B. D. et al. **Keeping the faith**: The role of religion and faith communities in preventing teen pregnancy. Washington, DC: National Campaign to Prevent Teen Pregnancy, 2001.

WOODROOF, J. T. Premarital Sex and Religious Adolescents. **Journal for the Scientific Study of Religion**. Malden/Massachusetts, v. 24, n. 4, p. 346-366, Dec. 1985.